ALIEN - A RESSURREIÇÃO A grande volta do terror

SET

CINEMA & VÍDEO

EDITORA AZUL

5633

ISSN 0104-1592

Abril, 1998 - Ed. 130 - Ano 12 - Nº 4 - R$ 5,70

o fenômeno DiCAPRIO

Bonzinho ele nunca foi. Mesmo assim, este filho de hippies que odiava a escola e até hoje adora uma boa farra passou, em apenas quatro anos, de mero adolescente estreante em Hollywood a astro romântico do momento. Como ele conseguiu isso?

Central do Brasil

o filme que emocionou o mundo

ABRIL NOS CANAIS TELECINE.
ALOPRADO VAI FICAR VOCÊ COM 120 HORAS DE FILMES POR DIA.

ASSISTA AINDA NO TELECINE 1 A 21 FILMES INÉDITOS, ENTRE ELES:

O Professor Aloprado
As Bruxas de Salém
Ricardo III - Um Ensaio
Ligadas Pelo Desejo

TELE CINE

Em abril você vai ver O Professor Aloprado. Um lançamento inédito na TV brasileira, pela primeira vez no Telecine 1. Só nos cinco canais Telecine* você tem sempre um bom filme começando, 24 horas por dia. São 120 horas diárias com 786 filmes em abril. Todos com o som original, legendados e sem intervalos. Ligue para a operadora de TV por assinatura de sua cidade e peça os canais Telecine. Quem não tem Telecine não tem cinema. E, em vez de aloprado, fica louco por não ter ao que assistir.

TELE 1 CINE ESTRÉIAS, FILMES NOVOS, INEDITOS NA TV BRASILEIRA.

TELE 2 CINE AÇÃO, SUSPENSE, POLICIAL, FICÇÃO CIENTIFICA, WESTERN.

TELE 3 CINE DRAMA, ROMANCE, MUSICAL.

TELE 4 CINE COMEDIA, AVENTURA, INFANTIL, FANTASIA.

TELE 5 CINE CLÁSSICOS, CULT.

TELECINE, ISTO É CINEMA

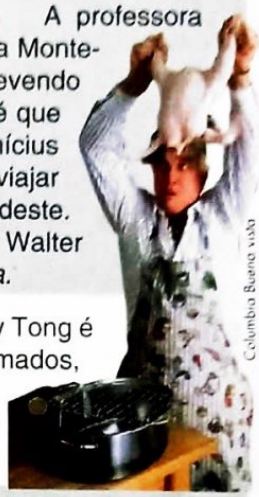
*Consulte sua operadora sobre a disponibilidade dos canais, preço e condições de instalação.

em CARTAZ

Os principais filmes dos cinemas este mês

MELHOR É IMPOSSÍVEL O escritor Melvin Udall (Jack Nicholson) é o ser humano mais grosseiro e cheio de manias do mundo. Mas sua rígida rotina é abalada pelo relacionamento com um vizinho gay (Greg Kinnear) e com uma sofrida garçonete (Helen Hunt). Ótima comédia dirigida por James L. Brooks.

CENTRAL DO BRASIL A professora aposentada Dora (Fernanda Montenegro) ganha a vida escrevendo cartas para analfabetos, até que conhece o garoto Josué (Vinícius de Oliveira) e é obrigada a viajar com ele até o sertão do Nordeste. Belíssimo filme do diretor Walter Salles, de *Terra Estrangeira.*



MR. MAGOO Esta comédia do diretor chinês Stanley Tong é a adaptação do famoso personagem dos desenhos animados, o atrapalhado – e quase cego – milionário Mr. Magoo (Leslie Nielsen), que aqui tem de recuperar um rubi roubado por uma habilidosa ladra.

ASAS DO AMOR Apaixonada por Merton (Linus Roache), um jornalista pobretão, a aristocrática Kate (Helena Bonham Carter) planeja jogá-lo nos braços de Millie (Alison Elliott), uma milionária americana que está à morte. Adaptação do romance de Henry James dirigida por Iain Softley.

GATTACA - EXPERIÊNCIA GENÉTICA Num mundo em que a superioridade genética determina a posição social, o jovem Vincent (Ethan Hawke), nascido sem aprimoramentos científicos, finge participar da casta superior para embarcar para o espaço. Ficção científica dirigida pelo estreante Andrew M. Niccol, com Uma Thurman.

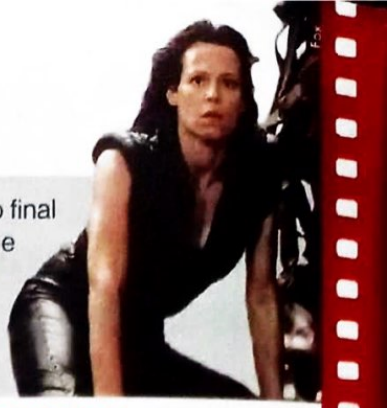
O LUTADOR Após sair da prisão, o boxeador Danny Flynn (Daniel Day-Lewis) tenta reatar seu relacionamento com sua antiga paixão (Emily Watson). O problema é que ela é casada com um membro do Exército Republicano Irlandês. Irregular trabalho de Jim Sheridan, responsável por *Em Nome do Pai.*

NA COMPANHIA DE HOMENS Dois executivos decidem escolher uma mulher e, como parte de um jogo particular seduzi-la, conquistá-la e depois abandoná-la sumariamente. A vítima é uma bela jovem surda. Um dos jogadores, porém, acaba se apaixonando. Filme de estréia de Ne LaBute, que provocou polêmicas e atraiu a ira das mulher

ESFERA Uma equipe de cientistas desce às profundezas do oceano para investigar uma estrutura que pode ser de origem alienígena. Ficção científica baseada num livro de Michael Crichton, dirigida por Barry Levinson. Com Dustin Hoffman, Sharon Stone e Samuel L. Jackson.

→

em CARTAZ



ALIEN – A RESSURREIÇÃO Depois do trágico final de *Alien*³, a tenente Ripley volta à vida como um clone contaminado pelo DNA da criatura alienígena. A direção é do francês Jean-Pierre Jeunet. No elenco, Sigourney Weaver recebe o reforço de Winona Ryder e Ron Perlman para combater a criatura.

UIP

O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO No século 18, a França vive sob o jugo do tirânico Luís14 (Leonardo DiCaprio). Para salvar o reino, os três mosqueteiros se reúnem na tentativa de encontrar o irmão gêmeo do rei, que se encontra aprisionado e escondido atrás de uma máscara de ferro. Adaptação do romance de Alexandre Dumas dirigida por Randall Wallace.

Columbia TriStar

CAÇA AO TERRORISTA Um oficial da marinha americana é convocado pelo Serviço Secreto para se disfarçar do mais mortífero terrorista do mundo, na tentativa de capturá-lo. Mas a verdade pode ser mais perigosa do que aparenta. Ação com Aidan Quinn, Donald Sutherland e Ben Kingsley.

Fox

GRANDES ESPERANÇAS O clássico romance de Charles Dickens ganha uma versão atualizada pelas mãos do diretor Alfonso Cuarón. Um garoto pobre (Ethan Hawke) se apaixona por uma moça rica (Gwyneth Paltrow), e é auxiliado por um misterioso benfeitor. Com Robert De Niro e Anne Bancroft.

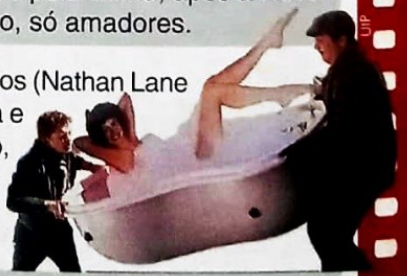
Warner

POSSUÍDOS Um policial persegue uma entidade sobrenatural capaz de possuir o corpo de qualquer pessoa. Suspense dirigido por Gregory Hoblit (de *As Duas Faces de um Crime*), com Denzel Washington e John Goodman.

TRAZIDO PELO MAR Durante uma tempestade, um marinheiro russo é jogado ao mar e vai parar numa praia. Ele é encontrado por uma camponesa, e os dois vivem uma intensa história de amor – que pode acabar em tragédia. A direção é de Beeban Kidron, com Vincent Pérez e Rachel Weisz.

Lumière

KUNDUN Auxiliado pela esplêndida fotografia de Roger Deakins e por uma emotiva trilha sonora de Philip Glass, o diretor Martin Scorsese recria a vida do 14º Dalai Lama, que teve de fugir do Tibet e procurar o exílio quando seu país foi ocupado pela China, após a Revolução Comunista. No elenco, só amadores.



UIP

UM RATINHO ENCRENQUEIRO Dois irmãos (Nathan Lane e Lee Evans) herdam uma mansão para vendê-la e ficar com o dinheiro. O problema é que, para isso, eles têm de dar um jeito no morador da casa: um ratinho esperto. Divertida comédia para toda a família com bastante violência de mentirinha.

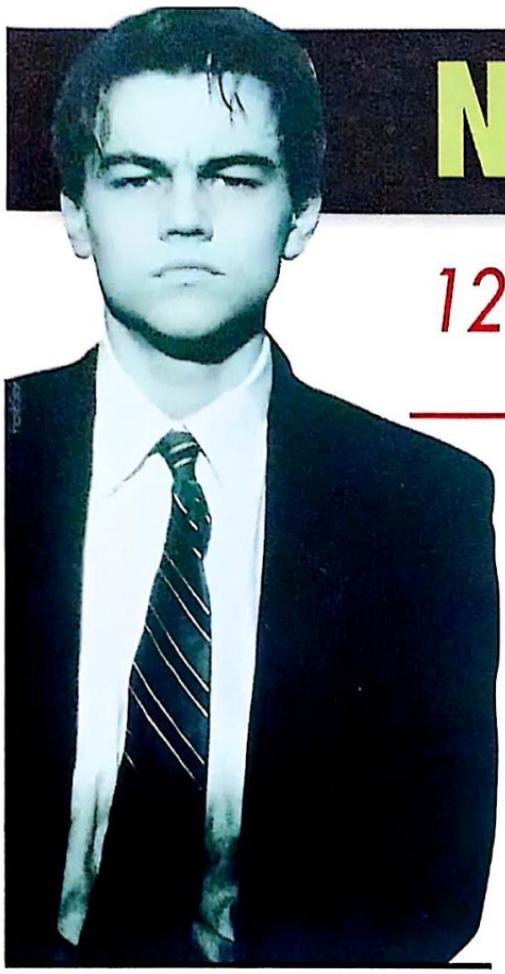
Pandora

TOKYO FIST Dois amigos de infância – um empresário e um boxeador – encontram-se ao acaso e retomam a amizade. Mas, quando um deles desconfia que o outro pode estar tendo um caso com a sua noiva, a relação acaba num brutal confronto. Violento filme japonês, dirigido por Shinya Tsukamoto.

JACKIE BROWN Quentin Tarantino dirige esta adaptação de um romance de Elmore Leonard, na qual uma aeromoça, um traficante de armas e o FBI tentam colocar as mãos em meio milhão de dólares. No elenco, Pam Grier, Samuel L. Jackson, Robert De Niro e Robert Forster.

Leia mais sobre alguns destes filmes nesta edição

NESTA edição



Na Capa:
Leonardo DiCaprio (Stills)

12 LEONARDO DiCAPRIO
Como este garoto rebelde, mau aluno e fã de uma boa farra precisou de apenas quatro anos para deixar de ser um adolescente promissor e se transformar no maior astro romântico do momento

20 O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO
Leonardo DiCaprio se une a John Malkovich, Gérard Depardieu e Jeremy Irons nesta adaptação de *Os Três Mosqueteiros*

22 CENTRAL DO BRASIL
O diretor Walter Salles faz um dos filmes mais emocionantes do cinema nacional e conquista o prêmio máximo no Festival de Berlim

28 KUNDUN
Pacifismo, espiritualidade, budismo: Martin Scorsese dá um tempo na violência para contar a vida do Dalai Lama, o líder religioso do Tibet

32 MARTIN SCORSESE
A vida e a arte do maior cineasta vivo dos Estados Unidos

38 ALIEN - A RESSURREIÇÃO
Sigourney Weaver e Winona Ryder enfrentam a quarta reencarnação de um dos mais desafiadores monstros do cinema

44 ESFERA
Sharon Stone, Dustin Hoffman e Samuel L. Jackson descem às profundezas do oceano atrás de uma forma de vida alienígena

48 AUDREY HEPBURN
Hollywood não tem realeza, mas conheceu de perto esta princesa

56 OS DONOS DA BOLA
Jeitão de operários gosto de executivos: os irmãos Harvey e Bob Weinstein são os reis da produção inaependente

sempre em SET

5 TAKES Uma volta pelo mundo do cinema

60 NOVOS FILMES A inglesa Helena Bonham Carter vive um romance a três em *Asas do Amor*

67 HOLLYWOOD BOULEVARD
As lembranças de Dulce Damasceno de Brito

69 VIDEOLANÇAMENTOS Mel Gibson enlouquece de vez em *Teoria da Conspiração*

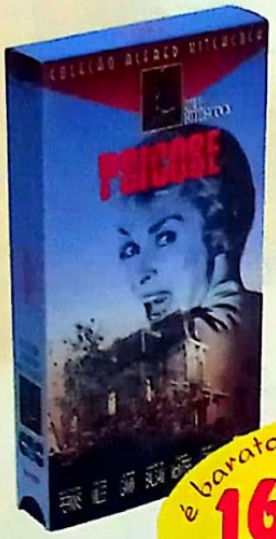
79 MAIS TAKES E a voltinha pelo cinema continua

84 CARTAS Os leitores dizem o que pensam

86 NOSTALGIA Uma imagem para guardar

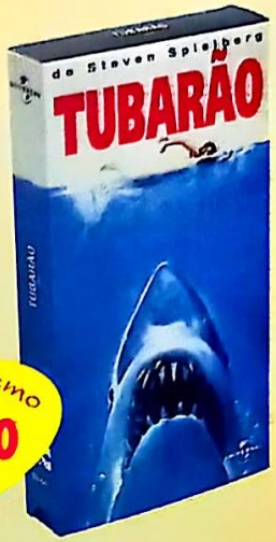
NÃO É PROMOÇÃO
É BARATO MESMO

HITCHCOCK



é barato mesmo R$ 16,50 CADA

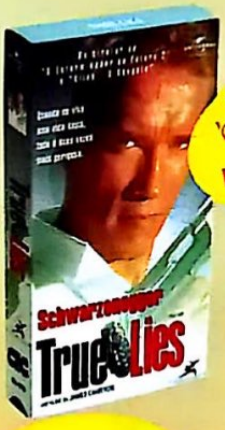
SPIELBERG



é barato mesmo R$ 16,50 CADA

* Preço não incluindo o valor do sedex

é barato mesmo R$ 13,90



é barato mesmo R$ 16,50

é barato mesmo R$ 19,90

Agora toda a coleção sell-Thru fitas CIC VÍDEO estão com preços que parece promoção, mas é barato mesmo, de deixar os CD'S e os livros envergonhados.

Os Novos Preços

Infantil Desenho R$ 13,90	Longa metragem simples R$ 16,50	Longa metragem Duplo R$ 19,90

videoteca

Barato mesmo é só aqui !

• Av.Paulista,726	• Av.Cidade Jardim,1000	• Av.Sumaré,1744
Tel:(011)288-4788	Tel:(011)813-7546	Tel:(011)3872-491
De Segunda à sábado até às 21:00 Hs São Paulo -SP	Estacionamento próprio todos os dias até meia-noite São Paulo -SP	Estacionamento próprio todos os dias até meia-noite São Paulo -SP

Enviamos para todo Brasil via Sedex - Aceitamos todos os cartões de crédito

TAKES

O jovem herói em Tatooine...

...um planeta cheio de aliens

Pronto para a briga: um piloto se arruma em sua cabine, acompanhado por um robozinho bem familiar

GUERRA NAS ESTRELAS VEM COM TUDO

George Lucas compra até um pedaço do deserto para as filmagens de *Star Wars: Episode 1*

Nada como ter dinheiro sobrando para torrar em um filme. Que o diga o produtor e diretor George Lucas, que gastou cerca de 200 mil dólares na compra de uma área de quarenta quilômetros quadrados do deserto da Tunísia apenas para poder orquestrar suas batalhas e explosões à vontade durante as filmagens de *Star Wars: Episode 1* – que possui o nome provisório de *O Equilíbrio da Força*. Um dos produtores garante que o investimento é válido, já que todos os três novos filmes da mais rentável série do cinema terão cenas no deserto – que posa de planeta Tatooine, o lar do jovem Anakin Skywalker, o futuro Darth Vader.

Enquanto isso, as filmagens da ficção mais aguardada do ano que vem estão seguindo a todo vapor. Depois que a primeira fase dos trabalhos com os atores Ewan McGregor, Liam Neeson e Samuel L. Jackson foi encerrada, no começo do ano, a equipe de Lucas se esmerou em preparar uma parte dos efeitos especiais – inclusive uma suposta batalha submarina entre as forças da República e os primeiros soldados do Império. Mês passado, McGregor, que interpreta o mestre Jedi Obi-Wan Kenobi, voltou ao deserto da Tunísia para refazer algumas de suas cenas, já que ele estava doente em agosto, durante a primeira fase das filmagens.

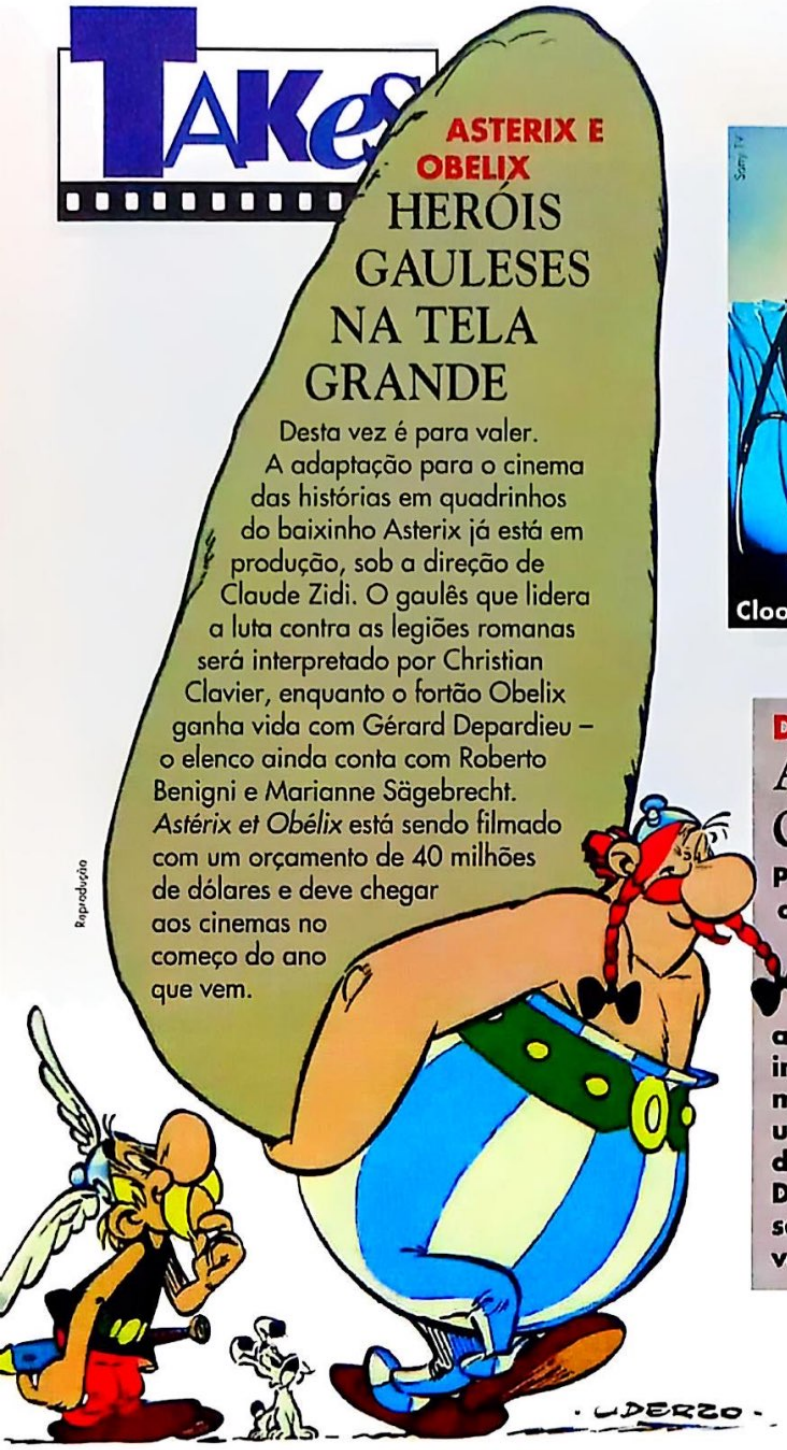
A equipe da Lucasfilm também está caprichando na produção do site oficial de *Star Wars: Episode 1* na Internet (www.starwars.com), que é atualizado constantemente, trazendo novas informações e fotografias da produção. O filme deve chegar às telas americanas em maio de 1999 (ainda não existe data no Brasil), estreando num número recorde de 4 mil cinemas – sendo que os ingressos começarão a ser vendidos em janeiro. E quem for esperto que reserve já o seu. ■

O novo *Guerra nas Estrelas* na Internet

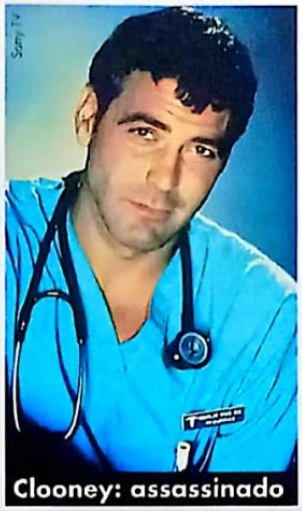
TAKes

ASTERIX E OBELIX
HERÓIS GAULESES NA TELA GRANDE

Desta vez é para valer. A adaptação para o cinema das histórias em quadrinhos do baixinho Asterix já está em produção, sob a direção de Claude Zidi. O gaulês que lidera a luta contra as legiões romanas será interpretado por Christian Clavier, enquanto o fortão Obelix ganha vida com Gérard Depardieu – o elenco ainda conta com Roberto Benigni e Marianne Sägebrecht. *Astérix et Obélix* está sendo filmado com um orçamento de 40 milhões de dólares e deve chegar aos cinemas no começo do ano que vem.



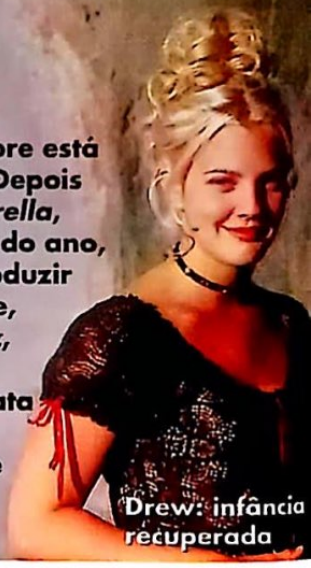
GEORGE CLOONEY
MORTE NA SALA DE EMERGÊNCIA


Clooney: assassinado

Depois que George Clooney anunciou que vai abandonar a série *Plantão Médico* para se dedicar à carreira no cinema, os produtores do elogiado programa decidiram dar adeus ao seu personagem – o pediatra Doug Ross – de maneira nada agradável: ele será assassinado por uma gangue que entra em guerra em pleno hospital. Quem não gostou nadinha da idéia foi o próprio Clooney, que planejava aparecer esporadicamente na série em participações especiais. Agora, meu caro, só se for em visitas ao necrotério.

DREW BARRYMORE
A VIDA É UM CONTO DE FADAS

Parece que a gracinha Drew Barrymore está correndo atrás da infância perdida. Depois de concluir as filmagens de *Cinderella*, que a Disney vai lançar no final do ano, a atriz vai protagonizar e co-produzir a fantasia *Surrender Dorothy*. O filme, inspirado no clássico *O Mágico de Oz*, mostra uma jovem assombrada por uma bruxa malvada – mas não se trata de uma refilmagem, como a própria Drew faz questão de ressaltar. O que será que vem depois, uma nova versão para Cachinhos Dourados?


Drew: infância recuperada

RUPERT EVERETT
SEMPRE AO NATURAL

Mesmo depois de ter sido esnobado pela Academia, que não o indicou como melhor ator coadjuvante por *O Casamento do Meu Melhor Amigo*, o ator Rupert Everett tem lá seus métodos para se fazer notar. Numa entrevista recente, Rupert revelou que não usa desodorantes por considerar uma afronta contra a natureza restringir seus odores corporais. Mas não precisa apelar para um pregador de roupas no nariz quando chegar perto do ator: ele garante que está sempre muito limpo. Sei...

MORGAN FREEMAN
NA TRILHA DE (MAIS) UM ASSASSINO

Rupert: afronta à natureza

Morgan: do lado certo da lei

Com o inesperado sucesso do thriller *Beijos que Matam*, o grande Morgan Freeman ganhou uma bem-vinda série para o cinema. Ele deve interpretar mais uma vez o detetive Alex Cross em *Along Came a Spider*, novamente baseado num livro de James Patterson e sob o comando do diretor Gary Fleder. O filme, que se passa antes dos eventos mostrados em *Beijos que Matam*, mostra Alex Cross investigando um rapto que pode estar relacionado a um psicopata esquizofrênico. Fica a pergunta: será que um dia Morgan estará livre dos malucos assassinos do cinema?

COMO É MESMO O NOME DELA?

KELLY LYNCH

ELA TOPA QUALQUER PARADA

Das várias modelos que optaram pela carreira de atriz de cinema na década de 80, Kelly Lynch é uma das que conquistaram melhor posição. Ela estreou, aos 24 anos, no filme inédito *Portfolio* – interpretando, sugestivamente, uma modelo da agência Elite, profissão que ela exercia à época. O que mais chamou a atenção, claro, foi sua exótica beleza. Kelly é alta, loira, dona de um sorriso franco e um rosto longilíneo, de traços suaves. Enfim, um tipo perfeito para encarnar tanto mulheres sofisticadas (como na comédia infantil *A Malandrinha*) quanto jovens que se entregam de corpo e alma a um estilo de vida radical (como em *Drugstore Cowboy*, no qual foi uma viciada em drogas). Nascida em 1959, Kelly conseguiu manter sua vida íntima longe dos holofotes – ela tem uma filha de doze anos e é casada desde 1992. Já alguns de seus personagens suscitaram polêmicas: ela emprestou beleza e charme ao papel de lésbica em *As Amantes* (ao lado de Sherilyn Fenn) e foi a mulher incompreensiva na fábula anti-racista às avessas *A Cor da Fúria* (com John Travolta). Geralmente escalada para produções comerciais (*Matador de Aluguel, Assassino Virtual, Prisioneiro do Passado* e *Mr. Magoo*), Kelly faz questão de temperar sua carreira com filmes independentes consagrados, como *Crimes Imaginários, O Gosto Amargo da Paixão* e o ainda inédito *Homegrown*. Por trás de um rosto quase plácido, há uma atriz inquieta que ainda está à procura de um lugar ao sol. E de um sucesso de bilheteria.

TÉA LEONI

O MAIS BEM GUARDADO SEGREDO DE FOX MULDER

Este ano tem tudo para marcar a consagração da atriz Téa Leoni, a gatíssima mulher do agente Fox Mulder – ou melhor, do ator David Duchovny. Até o momento, a carreira de Téa no cinema se resumiu a papéis de coadjuvante em filmes como *Wyatt Earp*, *Os Bad Boys* e *Procurando Encrenca*, mas tudo pode mudar depois do lançamento do eletrizante *Deep Impact*, uma das duas produções sobre o choque de um asteróide contra a Terra. No filme, Téa faz uma repórter bem diferente da que ela interpreta na série de televisão *The Naked Truth*. Por falar em TV, a atriz também é a mais cotada para ser a próxima Mulher Maravilha da telinha.

Téa: a mulher de Mulder não sabe o que fazer com tantos compromissos em 1998

STEPHEN KING

NO OLHO DA TEMPESTADE

Já estava na hora de alguém explorar o destruidor fenômeno climático El Niño – e ninguém melhor que Stephen King para transformar um transtorno atmosférico numa história de terror. King é o responsável pelo roteiro de *Storm of the Century*, uma minissérie de seis horas de duração que mostra a batalha entre os habitantes de uma cidadezinha e uma força do mal em meio à pior tempestade já registrada. A rede de televisão ABC vai exibir *Storm of the Century* ainda este ano.

TAKES

Los Angeles URGENTE

José Emilio Rondeau

URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE URGENTE

★ Capricho de estrela às vezes sai pela culatra. Que o diga **Sharon Stone**. Convidada a enfeitar a capa da revista masculina *GQ*, ela impôs uma condição complicada: só posaria com um modelito zebrado de Vera Wang – e acompanhada de duas zebras de verdade! A revista até que topou, mas diante das dificuldades de manter o par de zebras em ordem para as fotos, desistiu e acabou colocando a nova sensação Ben Affleck na capa. ★ **Al Pacino** deverá estrelar uma nova versão do clássico *O Médico e o Monstro*, com roteiro de David Mamet e direção de Harold Becker, o mesmo de *Vítimas de uma Paixão* e *City Hall*. ★ Você já ouviu falar do **Circuito Bel Air**? Trata-se dos cineminhas privês nas casas das estrelas e chefões de Hollywood. Até aí, nada de tão excepcional assim. O interessante é que, de todas as cópias de filmes lançados nos Estados Unidos, uma é reservada exclusivamente para esse circuito. É como se fosse uma locadora de luxo, na qual o cliente recebe rolos de filme tinindo de novos, recém-saídos dos laboratórios. ★ Resultado direto do renascimento artístico obtido com *Boogie Nights*, **Burt Reynolds** fechou um contrato com a rede de TV a cabo TNT para protagonizar três filmes – e, de quebra, dirigir pelo menos um deles. ★ **Dustin Hoffman** garante que não estava imitando o produtor Bob Evans na comédia política *Wag the Dog*, na qual ele faz o papel de um chefão de cinema encarregado de encenar uma guerra de mentira para o governo americano. Dustin diz que, na verdade, a caracterização do personagem é baseada em seu próprio pai!

Sharon: deu zebra

Warner

Divulgação

Pacino: clássico

Warner

Dustin: a cara do pai

ARQUIVO X
COISA DE CRIANÇA

Reprodução

Mulder e Scully: fofinhos

Agora você já pode levar seus agentes do FBI favoritos para casa – mas não espere nada muito... sério. A fábrica de brinquedos Mattel lançou nos Estados Unidos a "versão Barbie" dos agentes Fox Mulder e Dana Scully. Na verdade, os bonecos são o próprio casal Barbie e Ken, retocados e com roupas mais sóbrias, e pouco se assemelham aos verdadeiros agentes da série *Arquivo X*. Mas os fãs não têm o que temer: outro gigante dos brinquedos, Todd McFarlane, responsável pelas incríveis figuras do *Spawn*, colocará no mercado versões bem mais legais de Mulder e Scully quando *Arquivo X – O Filme* chegar às telas gringas.

ROLAND & DEAN
A PRÓXIMA VIAGEM DA DUPLA DINÂMICA

O diretor Roland Emmerich gosta de mudanças radicais: depois de trabalhar com o gigantesco monstro Godzilla, ele vai apostar na miniaturização. Roland e seu parceiro, o roteirista e produtor Dean Devlin, serão os responsáveis pela nova versão de *Viagem Fantástica*, o clássico de ficção de 1966 sobre uma equipe médica que, para salvar a vida de um cientista, é miniaturizada e introduzida em seu corpo, tendo de combater anticorpos e um espião infiltrado no time. Ao que parece, a continuação de *Independence Day* vai ter de esperar até o próximo milênio.

Woody e Buzz: operação resgate

TOY STORY 2
MAIS AVENTURAS DOS HERÓIS DE BRINQUEDO

A Disney voltou atrás em sua decisão de lançar a seqüência do badalado *Toy Story* apenas em vídeo: vai colocar o novo filme na tela grande no Natal do ano que vem. Em *Toy Story 2*, que começou a ser produzido em junho do ano passado, o caubói Woody é raptado por um inescrupuloso colecionador de brinquedos, e cabe ao intrépido astronauta Buzz Lightyear e ao resto da turma resgatar o atrapalhado vaqueiro de madeira. Além das vozes de Tom Hanks e Tim Allen, que reprisam seus papéis como Woody e Buzz, *Toy Story 2* ganha o reforço da divertida Joan Cusack.

Abril

"De quem você tiraria uma casquinha?"

A revista americana *Movieline* perguntou a alguns astros de Hollywood quem seria seu parceiro ideal – aquele por quem eles fariam qualquer coisa para dividir uma cena, dar um beijão, casar e ter sete filhos. A SET entrega o jogo:

"Daniel Day-Lewis, Daniel Day-Lewis! Eu amo seu trabalho, e ele é tãããão incrível. Seria perfeito se nós fizéssemos um filme juntos."
Alicia Silverstone

"Acho que Uma Thurman e eu ficaríamos muito bem no mesmo cartaz."
John Cusack

"Depois de ver tantos atores mais velhos com atrizes muito mais jovens, por que não me colocar em cena ao lado de Leonardo DiCaprio? Nada mais justo."
Andie MacDowell

"Nem preciso pensar – tem de ser John Cusack! Eu o adorei em *Matador em Conflito*. John é a coisinha mais fofa que existe."
Sarah Michelle Gellar

"Sempre achei que teria uma química perfeita com Anjelica Huston."
Leonardo DiCaprio

"Que tal eu e o Tommy – quero dizer, Tom Cruise? É só uma sugestão..."
Rosie O'Donnell

"Eu faria grandes filmes com Audrey Hepburn. Ninguém consegue me ver num filme romântico, mas eu realmente sou bastante charmoso. Acima de qualquer outra mulher, Audrey seria meu par ideal."
Steven Seagal

"Rene Russo sempre tem uma química perfeita comigo, tanto em *Máquina Mortífera 3* como em *O Preço de um Resgate*. Por isso estou adorando trabalhar novamente com ela em *Máquina Mortífera 4*."
Mel Gibson

"Duas palavras: Mel Gibson."
Sigourney Weaver

Atkinson: o homem mais sexy do Japão

MR. BEAN
SÍMBOLO SEXUAL NIPÔNICO

Leonardo DiCaprio está com a sua posição de símbolo sexual número 1 do Japão seriamente ameaçada – e seu adversário está bem longe de ser considerado um objeto de desejo. Mesmo assim, centenas de fãs histéricas se acotovelaram para recepcionar o ator inglês Rowan Atkinson, que chegou à terra do sol nascente para a estréia de *Mr. Bean – O Filme*, um dos mais estrondosos e surpreendentes sucessos do ano passado. Nem o próprio Rowan esperava uma recepção tão calorosa, acompanhada de presentes e apaixonadas juras de amor, e encenou uma breve performance do famoso personagem antes da exibição do filme. Leonardo que se cuide...

mais TAKES na pág. 79

NATIONAL GEOGRAPHIC VIDEO
MEL GIBSON
CORAÇÃO VALENTE
MEL GIBSON
CORAÇÃO VALENTE
HERCULES

"A Diversão Invadiu a Nossa Casa"

Carlos Alberto S. Oliveira, engenheiro, Maria Luiza M. Oliveira, professora, e os filhos, Fernanda e Pedro, consumidores da ABRIL VÍDEO

Na casa da família Oliveira, todo mundo já descobriu a diferença que faz um videocassete. Até a Maria Luiza, a mãe da Fernanda e do Pedro, já não consegue mais ficar sem o vídeo. Também, graças a esse aparelho, a vida deles mudou de vez. Foi de lá que partiu a invasão que transformou um calmo, tranqüilo e monótono lar em uma casa alegre e cheia de diversão.

Nada como ter a casa invadida. Heróis, vilões e os grandes astros de Hollywood agora estão sempre passando por lá. E eles levam diversão para adultos e crianças, graças à ABRIL VÍDEO.

ABRIL VÍDEO faz parte da vida da família Oliveira. Com a ABRIL VÍDEO eles conseguem colocar em casa os grandes sucessos de bilheteria e outras superproduções exclusivas. Americanos, europeus, clássicos e sucessos atuais. Dublados ou legendados. São centenas de títulos diferentes, sempre com a mais alta qualidade.

E, assim como a família Oliveira, milhares de outras famílias no Brasil podem ter entretenimento, alegria e diversão. Podem ver e rever os melhores filmes quantas vezes quiserem; podem parar, voltar, acelerar. Tudo através de simples botões.

ABRIL VÍDEO faz parte da Abril. E a Abril faz parte da vida de quase todo mundo, até de quem prefere se divertir pegando trânsito, filas e lugares lotados.

Faz parte da vida de quem lê revistas - são quase 200 títulos diferentes; faz parte da vida de quem assiste TV - a TVA, a DIRECTV, a MTV, a HBO Brasil, a ESPN Brasil, entre outros, integram o Grupo Abril; faz parte da vida de quem assiste vídeos, ouve música, lê livros, navega pela Internet, consulta a lista telefônica, viaja, estuda, compra carros, tem interesse em moda, carreira, negócios, esportes e cultura.

Há quase meio século, a Abril entra na casa dos brasileiros para divertir, ensinar, ajudar, entreter, informar e fazer pensar.

E você sabe como a Abril faz isso? Com quase 200 milhões de exemplares de revistas por ano. Com uma programação de TV que chega a 1,1 milhão de assinantes, utilizando todos os meios tecnológicos de transmissão, e até um satélite exclusivo! Com 5 milhões de fitas de vídeo, 10 milhões de listas telefônicas, milhões de livros, discos, coleções e CD-ROMs, que enriquecem bancas, casas e vidas.

Mais de 10 mil pessoas trabalham para você na Abril. São jornalistas, artistas, técnicos, educadores, gráficos, radialistas, que diariamente usam a imaginação, a criatividade e o talento para difundir cultura, entretenimento, informação e educação. Para defender a democracia, a livre iniciativa, a liberdade e a dignidade de todos os brasileiros.

Além de fazer parte da sua vida, a Abril quer que a sua vida seja melhor, mais interessante, mais rica, mais justa e mais divertida!

Abril

Faz Parte da Sua Vida

Leonardo DiCaprio

diário ex-adolesc

Quatro anos atrás, ele era apenas um promissor. Hoje, com o sucesso e *Titanic*, ele é o mais do momento. E, como todo se preze, Leonardo

Em 1974, a alemã Irmelin admirava um quadro de Leonardo Da Vinci na Galeria Uffizzi, na cidade italiana de Florença, quando sentiu seu bebê chutar pela primeira vez. Irmelin e George, o pai da criança, interpretaram a coincidência como um sinal: quando o garoto nasceu, alguns meses mais tarde, em 11 de novembro, seu nome já estava decidido – seria Leonardo Wilhelm DiCaprio. Não há como negar que o casal foi um tantinho pretensioso, e um bocado sortudo também. Guardadas as óbvias e devidas diferenças entre um mestre cuja arte sobrevive há séculos e um ídolo juvenil, Leonardo é, hoje, uma das maiores promessas entre os jovens atores que tomaram conta de Hollywood na década de 90. E, curiosamente, é também um dos poucos que se fizeram notar primeiro por seu talento dramático, e só depois por sua beleza e carisma.

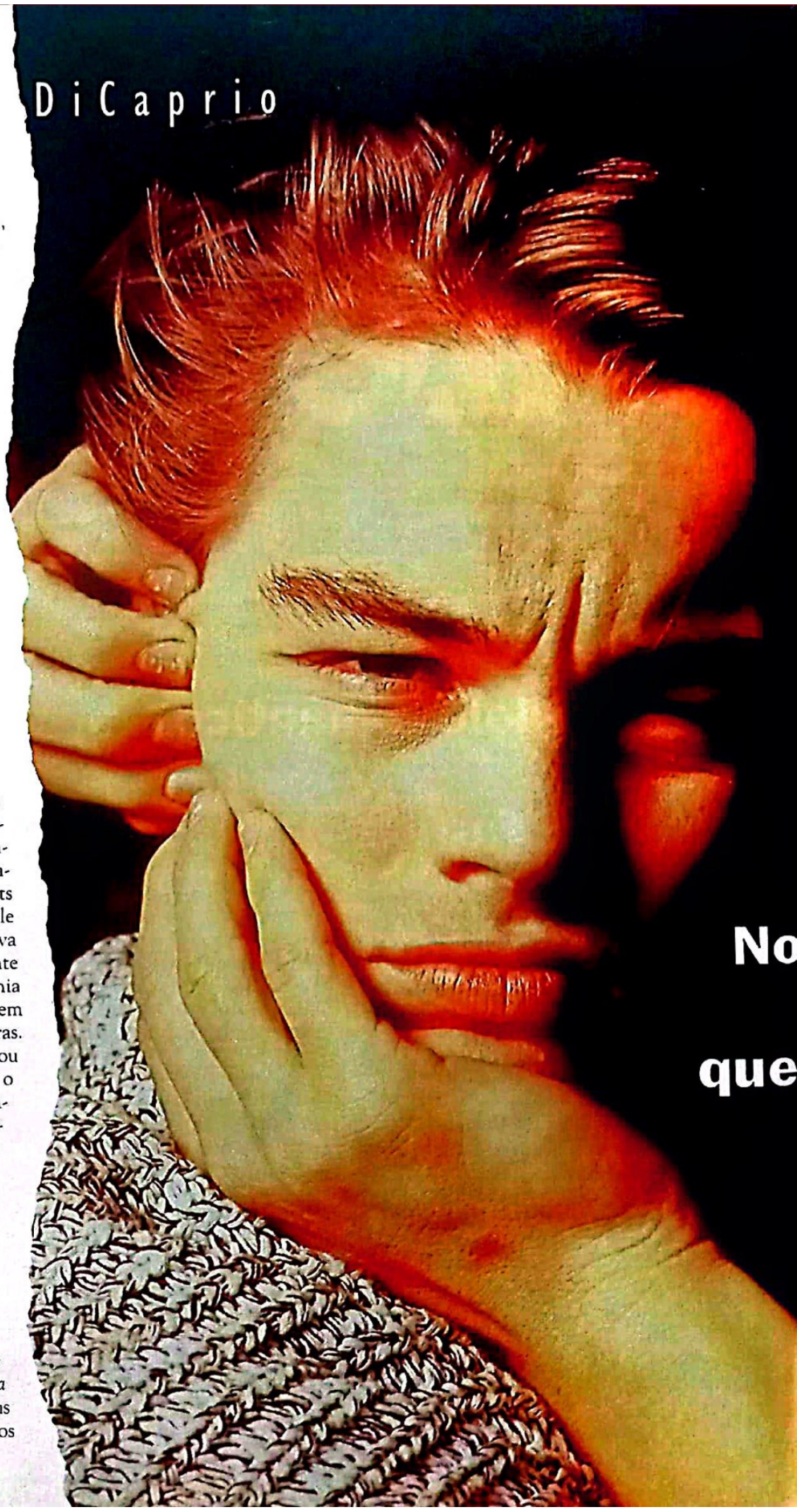
Leonardo tinha dezenove anos quando, sem nem sequer saber direito quem era Robert De Niro e que filmes ele havia feito, arriscou-se num teste para o drama *O Despertar de um Homem*, no qual o veterano vivia um homem abrutalhado e irascível, que submete seu enteado a todo tipo de sofrimento físico e psicológico. "Gostei do garoto loiro", declarou De Niro ao diretor Michael Caton-Jones, após a audição. Leo ganhou o papel, e também o prêmio de ator-revelação dos críticos de Nova York e de Chicago, impressionados com o precocemente amadurecido Tobias Wolf de *Despertar de um Homem* e com o lírico e vulnerável deficiente mental Arnie de *Gilbert Grape – Aprendiz de Sonhador*, que rendeu ao novato uma indicação ao Oscar de melhor ator coadjuvante.

Leonardo, no entanto, quase perdera sua chance em *Gilbert Grape*: na opinião do diretor Lasse Halstrom, ele era "bonito demais" para o papel. Lasse, depois, deixou-se seduzir pela dedicação com que o ator enfrentou o papel – e faz muito tempo também que essas considerações estéticas deixaram de ser um empecilho à sua carreira. Com um jeito ao mesmo tempo encantador e rebelde, frágil e de personalidade forte (o que já lhe valeu repetidas comparações com James Dean), Leonardo não tem dificuldade em interpretar personagens bem mais jovens que os seus 23 anos, emprestando-lhes uma consistência e uma espontaneidade raras nos adolescentes de celulóide – especialmente nos adolescentes problemáticos e torturados em que ele se especializou. A polonesa Agnieszka Holland, que o dirigiu em *Eclipse de uma Paixão*, no qual ele interpreta o perturbado, inspirado e apaixonado poeta francês Rimbaud, dos dezesseis aos dezenove anos, arrisca uma teoria: "Minha única explicação é que ele é como um médium: ele abre o corpo e a mente para receber as mensagens da vida de uma outra pessoa".

de um ente

garoto
de *Romeu e Julieta*
cobiçado ídolo romântico
astro que
adora uma farra

Leonardo DiCaprio



No

que

As vezes, porém, essas mensagens se tornam nítidas demais. Alguns meses atrás, Leonardo decidiu comemorar o aniversário de um amigo saltando de pára-quedas. Só que o equipamento sofreu uma pane e, não fosse a intervenção de um instrutor, que abriu o pára-quedas de emergência do ator a cinco mil metros do solo, o astro estaria bem mais próximo de James Dean do que jamais imaginou. Na mesma linha do mito que o antecedeu, Leonardo é adepto ainda de um outro esporte radical chamado farra, do qual é praticante assíduo e emérito – e invariavelmente na companhia de seus amigos.

Uma de suas exigências contratuais, por exemplo, é receber um certo número de passagens aéreas para que seus companheiros possam visitá-lo nos sets de filmagens, onde quer que ele esteja. Além disso, ele sempre leva consigo um deles como assistente pessoal, para garantir companhia nas festas e passeios que surgem nas horas de folga das câmeras. Durante os sete meses que passou no México para filmar *Titanic*, o eleito foi Jonah Johnson. Acompanhado de Johnson e de quatro outros amigos em visita, o ator conseguiu furar a rígida vigilância do diretor James Cameron para dar um rolê na discoteca Rock and Roll Taco, de Rosarito – onde seu comportamento, assegura o gerente, passou bem longe da discrição. No hotel Real del Mar, onde ficou hospedado durante as filmagens de *Romeu e Julieta* (também no México), um de seus amigos resolveu passear nu pelos

corredores, chamando a atenção de um segurança e causando tumulto. O grupo, financiado por Leonardo e devidamente registrado por câmeras indiscretas o tempo todo, costumava dar "muchas fiestas", diz um funcionário que se cansou de trocar lâmpadas quebradas nos quartos dos rapazes.

Nos três meses que esteve em Paris para filmar o novo *O Homem da Máscara de Ferro*, Leonardo levou o amigo Etan Suplee como assistente. Os dois dividiram uma cobertura com videogames e mesa de pingue-pongue na região do Champs-Elysées, com um carro à disposição dia e noite – durante a qual, aliás, badalavam nos nightclubs acompanhados pelas mais belas modelos, que o ator recrutava nos bastidores dos desfiles de moda parisienses. Isso sem falar no nababesco *réveillon* que ele patrocinou para os amigos mais próximos: Leonardo fretou um jato particular, alugou uma mansão em South Beach, o bairro nobre de Miami, e reservou um banquete no disputado restaurante Tantra, com caviar, ostras e champanhe Bollinger (uma das marcas mais respeitadas) para todos. No primeiro dia do ano, foi curtir a noite na boate Bash, do ator Sean Penn, e deu um verdadeiro show: empoleirado no balcão do bar, dançou e rebolou para uma multidão de garotas ensandecidas, com direito a fotos para os tablóides. Tanta atividade, porém, não o impediu de, oito dias depois, participar de um cerimonioso jantar com o presidente Bill Clinton e doar cinco mil dólares para um fundo de caridade de Manhattan.

Mas nem só o arrasador sucesso de *Titanic* e essa vocação para festas têm atraído a atenção da imprensa: no momento, Leonardo está envolvido em constrangedoras negociações com o aspirante a diretor R.D. Robb, que já foi de seu círculo mais íntimo. Leo e seu grande amigo Tobey Maguire (de *Tempestade de Gelo)* participaram, de 28 a 31 de julho de 1995, das filmagens de *Don's Plum*, um curta-metragem dirigido por Robb e que seria inscrito no Festival Sundance, sobre quatro amigos que, durante um jantar, discutem vários assuntos, de sexo a obesidade. Leonardo, que interpreta o mais agressivo e violento deles, diz que sua intenção era apenas colocar seu nome a serviço do amigo, dando um empurrãozinho para que sua carreira deslanchasse.

Robb, porém, transformou *Don's Plum* num longa-metragem de 87 minutos e contactou a Miramax para vendê-lo – tudo, segundo os advogados de Leonardo, sem a autorização de seu cliente e de Tobey Maguire, motivo pelo qual querem impedir que o filme seja exibido. Entre a palavra de um e a palavra de outro, ainda não se chegou a uma resolução satisfatória para os dois lados. Hoje Leo se recusa a comentar o assunto, mas não sem antes ter deixado claro que considera acintosa a idéia de um amigo faturar em cima de sua fama.

México, ele dava "muchas fiestas", conta um camareiro se cansou de trocar lâmpadas quebradas no quarto do ator

Leonardo não se faz de rogado, porém, na hora de aproveitá-la para seus próprios fins. "A fama é como um cartão VIP que abre todas as portas", declarou certa vez. Adorado pelos gerentes dos nightclubs de Los Angeles e de Nova York, que o respeitam como um freguês dos mais generosos e menos exigentes desde os tempos de *Diário de um Adolescente* (quando freqüentava a noite com Mark Wahlberg), Leo parece ter levado a sério o conselho de Sharon Stone, que o escalou para o faroeste *Rápida e Mortal*: "Você tem de aceitar a fama como uma vantagem. Isso só faz você mais forte".

E ele adora algumas dessas vantagens, como entrar numa loja e ser recebido com um amigável "escolha o que quiser – é por conta da casa". Seu guarda-roupa é prova de que ele tem aceitado a gentileza, embora seja do tipo que prefere estacionar seu BMW cinza na rua a dar gorjeta para manobristas. Um item no qual Leo não tem feito muitas reservas, no entanto, é o da companhia feminina: já foi clicado ao lado das modelos Helena Christensen, Amber Valetta e até da loiraça Natasha Henstridge, embora seu único namoro assumido tenha sido com Kristin Zang, a modelo que é ex de Nicolas Cage.

Leonardo DiCaprio

Apesar de seu jeitão de rebelde, Leonardo reserva um capítulo especial em sua história para seus pais. "Eles são as minhas pernas", resumiu. O que tem lá sua razão. Embora o casamento de Irmelin e George DiCaprio tenha se desfeito apenas um ano depois do nascimento de Leo, eles cuidaram juntos da educação do menino. Típicos hippies dos anos 60, preservaram o respeito à liberdade que era pregado na época e, após tantos anos, continuam trabalhando em família. Hoje, a alemã Irmelin abandonou o emprego como secretária de assuntos jurídicos para administrar as finanças do filho. George, por sua vez, seleciona os roteiros e ajuda a escolher os projetos nos quais Leonardo vai se envolver.

Comum, porém, a família de Leonardo nunca foi. Ele costuma dizer que sua mãe é um milagre ambulante, porque sofreu ferimentos mortais durante a Segunda Guerra, na Alemanha, mas conseguiu sobreviver. E seu pai, por outro lado, tem um currículo que tornaria qualquer homem um ídolo – ainda que do tipo alternativo – aos olhos do filho. George morou em Nova York com o guitarrista Sterling Morrison, do Velvet Underground, a mítica banda apadrinhada pelo guru pop Andy Warhol, e criou sua própria revista em quadrinhos, a *Baloney Moccasins*, em parceria com sua namorada da época – uma tal de Laurie Anderson. Depois, mudou-se para Los Angeles, onde começou a distribuir quadrinhos underground nas livrarias do bairro e a promover sessões de leitura para celebrados escritores da geração *beat*, como William Burroughs, Allen Ginsberg e Charles Bukowski – que, ao lado do quadrinista Robert Crumb, eram presenças constantes na infância de Leonardo.

E constantes também eram as estranhas figuras que Leo observava em sua vizinhança de Echo Park, um bairro que ele define como o coração da escória de Los Angeles: prostitutas, drogados que exibiam um arsenal de seringas escondido no paletó puído, mendigos, michês. "Foi uma experiência e tanto para um garoto de cinco anos", relembrou. Das memórias de infância, ele guarda com carinho as horas que passava na companhia da mãe durante o trajeto até a escola, uma das melhores da região, a uma hora de carro de sua casa. Bem, Leonardo podia até gostar do trajeto que o levava à escola, mas não da própria. Longe de ser um aluno dedicado, era incapaz de se concentrar em matérias que não tinha vontade de aprender e preferia passar o tempo na lanchonete, dançando break com os amigos.

Aos cinco anos, Leonardo começou a dar mostras de sua vocação – e de seu temperamento. Sua mãe o levou para participar do programa de televisão *Romper Room*, mas ele foi expulso do set por causa de seu gênio incontrolável. Aos dez, voltando de um teste no qual fora rejeitado graças ao cabelo punk, desabafou com o pai, aos prantos: "Eu quero ser ator mas, se é assim que a coisa funciona, não vou me sujeitar". Uma nova tentativa, dessa vez com um agente, foi igualmente decepcionante. O sujeito disse que Leo tinha o corte errado de cabelo e precisava

Aos cinco anos, ele foi participar de um programa de TV. Mas acabou expulso do set por causa de seu gênio incontrolável

mudar o nome para algo mais sonoro e menos italianado, como Lenny Williams. Finalmente, aos quatorze anos, ele viu seu irmão mais velho, Adam, num comercial, e ficou arrasado quando soube que ele ganhara 50 mil dólares pelo trabalho.

Foi o que bastou, no entanto, para ele se encher de determinação, achar o agente certo e se aventurar em propagandas, vídeos educacionais e participações especiais em seriados de televisão como *Lassie* e *Roseanne*. Mas foi como o adolescente sem-teto da série *Growing Pains* (que ficou no ar de 1991 a 1993), que Leo ficou mais confiante. O papel era pequeno, mas chamou a atenção para o seu imenso potencial. "Em *Growing Pains*, aprendi tudo o que *não* devia fazer na frente das câmeras. Imagine que o diretor queria que a gente declamasse poemas como ensaio para as cenas."

Alguns anos mais tarde, os papéis se inverteram: depois de *O Despertar de um Homem* e *Gilbert Grape*, era o ator e produtor Alan Tickle, de *Growing Pains*, quem tentava convencer a direção da emissora de que o seriado permaneceria no ar se o personagem de Leonardo fosse ampliado. Em vão. A essa altura, o jovem ator tinha outras preocupações – por exemplo, a indicação para o Oscar de coadjuvante por *Gilbert Grape*: "Eu não queria realmente ganhar. Achei que iria criar uma expectativa tão grande que, se depois eu desse algum passo errado, todo mundo iria dizer que o prêmio tinha sido uma questão de sorte. É uma armadilha".

Fosse o desejo de perder sincero ou não, ele foi atendido. O Oscar daquele ano ficou para Tommy Lee Jones, de *O Fugitivo*, e Leonardo foi tratar da vida em *Rápida e Mortal*, com Sharon Stone (definitivamente, o "passo errado" a que ele se referia) e com o papel do precocemente viciado Jim Carroll em *Diário de um Adolescente*, baseado no livro autobiográfico do poeta. O personagem ficou anos à espera de um ator corajoso o suficiente para encará-lo. Leonardo topou a parada, e passou semanas se preparando para o filme. "Tive de me colocar num estado primário de ser, quase como um animal."

Em dezembro passado, o filme colocou o ator em maus lençóis, quase três anos após ser lançado nos cinemas. Um menino de quatorze anos disparou seu revólver contra três garotas numa escola de Kentucky, matando-as e ferindo outros cinco estudantes. O adolescente, chamado Michael Carneal, admitiu para as autoridades que se lembrava de ter visto algo semelhante ao seu crime em *Diário de um Adolescente*. O promotor Timothy Kaltenbach disse que o adolescente estava se referindo a uma seqüência de sonho do personagem, no qual ele atira em três colegas e no professor, dentro da sala de aula.

Um de seus maiores desafios até o momento foi interpretar Rimbaud no melancólico *O Eclipse de uma Paixão*. O tórrido romance entre os poetas Rimbaud e Verlaine (interpretado pelo inglês David Thewlis, de *A Ilha do Dr. Moreau*), marcou o primeiro – e até agora único – encontro homossexual de Leonardo no cinema. A seqüência do beijo, para a qual eles se prepararam desinfetando a boca, teve ⇨

Leonardo DiCaprio

um efeito chocante em muitos aspectos. "Eu vi os lábios de David vindo em direção aos meus e me perguntei: Jesus, isso tem mesmo que acontecer?" Para os boatos sobre a homossexualidade de Leonardo, acirrados há pouco com a notícia de que ele teria sido visto numa boate gay em Miami, o próprio ator tem uma resposta: "Quando David Thewlis me pegava em seus braços eu pensava: isso me incomoda, me dá vontade de vomitar. Pode me chamar de homofóbico, mas é o que eu sinto".

Obviamente, essa é uma hipótese que nem sequer cruza o pensamento dos milhões de garotas que hoje têm Leonardo como seu ídolo máximo. Em Tóquio, recentemente, a histeria das fãs o obrigou a sair pela porta dos fundos de um hotel, onde, horas antes, Harrison Ford passara tranqüilamente; em Paris, durante uma visita ao Museu do Louvre, ele foi perseguido por um grupo enlouquecido de adolescentes que queriam arrancar sua camiseta à força. Os culpados por tanta idolatria são, claro, *Romeu e Julieta* e *Titanic*, que fizeram dele o grande astro romântico do momento.

A "vítima" desse sucesso, no entanto, parece um pouco assustada com as proporções que o fenômeno tomou. "Depois de toda essa promoção de *Titanic*, vou tirar um ano de férias. Há muitas coisas que venho negligenciando desde os dezesseis anos, e agora preciso refletir sobre tudo o que vem me acontecendo. Não posso continuar minha carreira assim, sem descobrir quem sou de fato."

Mas os executivos da Fox e da Paramount, os estúdios que se uniram para bancar o projeto de James Cameron, não parecem nem um pouco preocupados com as questões existenciais de Leonardo, nem mesmo depois de ele ter sido preterido nas indicações ao Oscar. Agora que *Titanic* é um seriíssimo candidato a romper pela primeira vez (e ultrapassar com folga) a barreira do bilhão de dólares nas bilheterias, eles declararam que não apenas vão rever o acordo com o diretor – que desistiu de seu salário e da porcentagem na renda arrecadada pelo filme quando o orçamento de *Titanic* estourou todas as previsões –, como darão 1 milhão de dólares em prêmio para Leonardo e para Kate Winslet.

Não se trata só de uma questão de altruísmo: os próprios executivos dos estúdios envolvidos admitem que uma fatia generosa da comoção em torno de *Titanic* se deve à presença de Leonardo. Uma pesquisa encomendada por eles provou que mais de 7% das adolescentes americanas já viram *Titanic* mais de uma vez – segundo o crítico Leah Rozen, da revista *People*, um forte indício de que as garotas ficaram fascinadas com Leonardo em *Romeu e Julieta* e estão voltando em massa para vê-lo.

Leonardo, porém, quase passou batido pela oportunidade de interpretar o romântico pobretão Jack Dawson – "eu não queria me envolver num projeto tão grande", explicou. Após inúmeros atritos com o "general", como ele chamou James Cameron, o reticente ator foi persuadido pelo cineasta de que interpretar um personagem tão franco quanto Jack seria um desafio numa carreira povoada por tipos torturados. "Fiquei muito mais envolvido com o papel do que imaginava", confessaria depois Leonardo. "Ele é um livro aberto, sem angústias ou demônios que o persigam."

Impressões à parte, Leo garante que o desempenho comercial de seus filmes nunca foi uma preocupação. "Quero ter tempo para cada papel. É assim que você garante uma carreira longa, e não fazendo tudo de forma imediata." Por isso ele recusou ser Robin em *Batman Eternamente*, por exemplo, e negou-se a fazer "comédias bobas e dramas sobre mortes", como ele mesmo diz. Mas acrescenta: "Tenho orgulho de *Eclipse de uma Paixão*. Sei que foi uma escolha arriscada e não fiquei feliz com o mau desempenho do filme na bilheteria, mas não poderia recusar a chance de interpretar um artista tão interessante quanto Rimbaud. Quem se importa com o resultado? Se o papel é desafiador, vamos nessa".

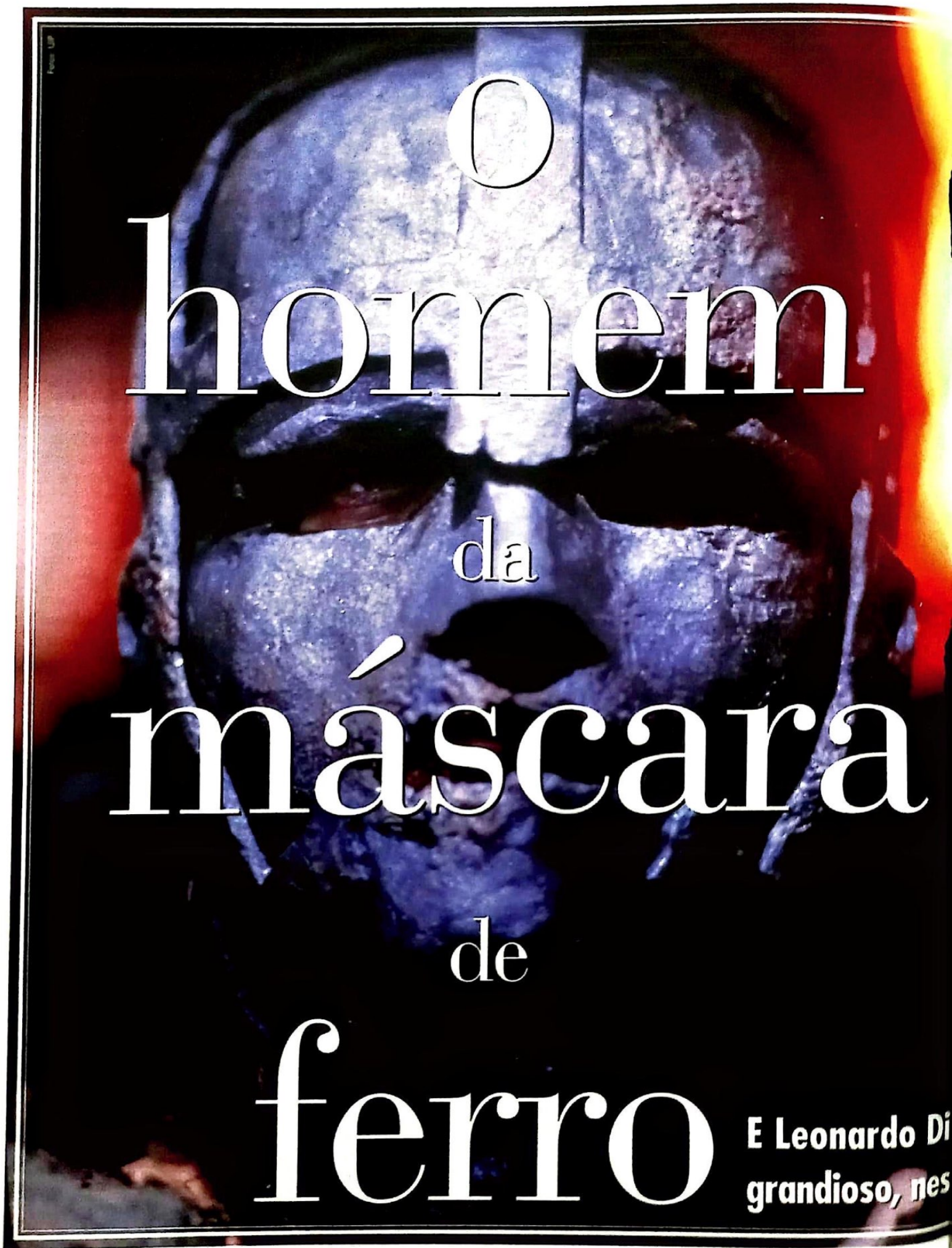
Arte e cultura, aliás, são dois interesses crescentes na vida de Leonardo. Além de falar alemão fluentemente, ele gosta da música de Stevie Wonder, Marvin Gaye e do soul e do funk dos anos 70. De literatura, gostaria de conhecer mais, embora um de seus

Beijar o ator David Thew
foi um choque, conta
"Eu me perguntava:
tem mesmo que aconte

livros preferidos seja O *Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway. Mas pintura é a sua paixão. Em Paris, ele não se cansou de visitar o Louvre, embora assuma sua preferência pela não menos famosa Galerie D'Orsay. E fala com conhecimento de seus pintores preferidos, os impressionistas. "Monet, é claro, e Seraut e Van Gogh. Mas prefiro os pintores mais primitivos, como Rousseau, por seu estilo bizarro." Dos modernos, aprecia Robert Williams e Alexis Rockland. Atualmente, um de seus passatempos é bisbilhotar as galerias do SoHo, seguindo os conselhos de Madonna e Jack Nicholson, de que arte é um bom investimento.

Agora, porém, depois de realizar outro sonho da maioria dos atores de sua geração e interpretar um astro de rock no novo filme de Woody Allen, *Celebrity*, com Winona Ryder e Kenneth Branagh, Leonardo quer distanciamento. Morando em seu apartamento em Los Angeles, próximo à casa dos pais, ele planeja o próximo passo. Que talvez seja o papel de Homem-Aranha, caso James Cameron consiga assegurar os direitos para adaptar esse personagem dos quadrinhos. Ou não. Como diz Cameron, "o estrelato pode ter capturado a imaginação de Leonardo por um momento. Mas não é daí que ele partiu, e não é aí que ele quer chegar; suas próximas escolhas podem desapontar o público". Ou, como define o próprio Leonardo, a profissão de ator não é algo que corre em suas veias e que o impulsione a investir toda a sua energia em representar. "Sou mais feliz quando não estou trabalhando, só andando por aí com meus amigos e fazendo o que gosto", diz. Tem muita gente torcendo para que ele mude de idéia.

Fátima Gigliotti



O homem da máscara de ferro

E Leonardo Di
grandioso, nes

Caprio está de volta, agora com um elenco ta versão do clássico de Alexandre Dumas

O que poderia faltar na vida de um homem que já tem o mundo a seus pés? Tornar-se rei, talvez. Se for esse o caso, então já não falta mais nada para Leonardo DiCaprio. Depois de conquistar o mundo como o protagonista do milionário épico *Titanic* (que, até o fechamento desta edição, já havia faturado um bilhão de dólares), o jovem astro encabeça o elenco de *O Homem da Máscara de Ferro*, que marca a estréia do roteirista Randall Wallace na direção. Seu papel? O de rei da França.

No filme, uma adaptação do clássico romance de Alexandre Dumas, Leonardo interpreta o rei Luís 14, que governa a França do século 17 como um tirano impiedoso. Mas o jovem monarca guarda um segredo: ele tem um irmão gêmeo, Philippe, poucos minutos mais novo do que ele, e que foi criado longe da corte por ordens de seu pai, que queria evitar uma disputa pelo trono. Luís 14, porém, decide levar a punição ainda mais longe: aos dezesseis anos, ele confina seu gêmeo em uma prisão, onde ele vive oculto por uma asfixiante máscara de ferro, para que ninguém desconfie de sua verdadeira identidade.

É quando entram em cena os três mosqueteiros – Athos, Porthos e Aramis. Revoltados com o tirânico reinado de Luís 14, eles saem de sua reclusão voluntária para dar um fim aos desmandos do rei. Ao descobrir a existência de Philippe, os amigos arquitetam um plano para, com a ajuda de seu velho companheiro D'Artagnan, libertar o jovem prisioneiro e colocá-lo no trono como o legítimo regente da França. D'Artagnan, porém, ainda se encontra a serviço do monarca, e fica dividido entre ajudar seu país no momento de maior necessidade ou manter-se fiel a quem ele jurou lealdade.

John Malkovich, Gérard Depardieu e Jeremy Irons são os três mosqueteiros que lutam contra a tirania do rei Luís 14, vivido por Leonardo

"É claro que o fato de Leonardo estrelar *Titanic* aumentou muito a pressão em cima de meu filme", diz o diretor Randall Wallace, que ganhou um Oscar pelo roteiro do épico *Coração Valente*. "E o fato de milhões de adolescentes estarem revendo o épico de James Cameron dezenas de vezes não basta para garantir o sucesso de *O Homem da Máscara de Ferro*. Por outro lado, qualquer fracasso será multiplicado."

Mas o novo filme de Leonardo DiCaprio não é apenas um veículo para explorar seus olhos azuis. O elenco de *O Homem da Máscara de Ferro* é, desde já, um dos melhores reunidos este ano. Para dar vida aos mosqueteiros já veteranos, Wallace convocou Gabriel Byrne, que faz o papel de D'Artagnan, além de John Malkovich (Athos), Gérard Depardieu (Porthos) e Jeremy Irons (Aramis). O oscarizado ator de *O Reverso da Fortuna*, por sinal, usou a experiência adquirida em *Gêmeos – Mórbida Semelhança* para dar uma mãozinha a DiCaprio em seu trabalho. "Era natural que a primeira preocupação de Leonardo fosse interpretar dois personagens fisicamente idênticos, porém de personalidades radicalmente diferentes", conta Irons. "Mas eu lhe disse que o mais importante seria se concentrar em suas semelhanças."

O roteiro, também de autoria de Randall Wallace, acentua a ação que existe no romance de Alexandre Dumas, além de abrir espaço para tramas secundárias – como a morte do filho de um dos mosqueteiros a mando do rei, interessado em se apossar da noiva do rapaz. As modificações na história são defendidas pelo mais insuspeito membro do elenco, o francês Gérard Depardieu. "Se Alexandre Dumas estivesse vivo hoje, ele certamente teria escrito *O Homem da Máscara de Ferro* como está no roteiro de Randall", presume.

Leonardo DiCaprio, pelo menos, não tem do que reclamar: em treze filmes, esta é sua primeira oportunidade de interpretar um vilão. A certa altura, um dos conselheiros do rei lhe conta que o povo da França está se rebelando porque passa fome. A resposta do monarca é direta: "Se qualquer um de vocês encontrar um rebelde, mate-o". Mas, se o único desconforto proporcionado pela figura do tirano foi o figurino pesado e espalhafatoso, no papel de seu irmão aprisionado o problema foi exatamente a máscara de ferro – na verdade, uma máscara de acrílico que, a pedido do próprio ator, foi apertada em seu rosto, para provocar a sensação de claustrofobia. "Fiquei com ela metade de um dia e já queria arrancar a coisa fora", lembra Leonardo.

(The Man in the Iron Mask, EUA, 1998) **Direção**: *Randall Wallace.* **Com** *Leonardo DiCaprio, Jeremy Irons, John Malkovich, Gérard Depardieu, Gabriel Byrne, Anne Parillaud, Judith Godrèche, Hugh Laurie, Peter Sarsgaard.*

CENTRAL

Aplausos calorosos no Festival de Sundance e a consagração com o Urso de Ouro no Festival de Berlim: o diretor Walter Salles mostra o melhor que o cinema brasileiro tem a oferecer num filme emocionante

DO BRASIL

Feitos um para o outro: a escrevedora de cartas Dora (Fernanda Montenegro) e o órfão Josué (Vinícius de Oliveira) partem juntos em uma busca que os levará do Rio de Janeiro a Pernambuco, e da solidão à amizade

FEMININO

Não é exagero dizer que *Central do Brasil*, o novo trabalho do brasileiro Walter Salles, não existiria se não fosse a chuva. O cineasta estava no Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, à espera do próximo vôo para São Paulo, enquanto o céu desabava do lado de fora. Mesmo assim, sua cabeça estava em outro lugar: mais de 1.500 garotos já haviam sido testados para interpretar o papel principal em seu novo filme. Cinco deles se aproximavam do perfil que ele havia imaginado, mas nenhum era ideal.

Foi quando Walter foi abordado por um dos engraxates do aeroporto. O moleque lhe disse que só tinha a metade do dinheiro para comprar um sanduíche, já que ninguém estava engraxando os sapatos por causa da chuva, e pediu a ele que completasse a outra metade. "Quando o senhor voltar de São Paulo eu pago", prometeu o menino. A química foi imediata e, mesmo sem nunca ter colocado os pés numa sala de cinema, Vinícius de Oliveira, o engraxate do aeroporto, foi convidado para fazer o teste. Resultado: ele se revelou o melhor entre todos os candidatos e ficou com o papel de Josué, protagonista do filme. ➔

CENTRAL DO BRASIL

Unidas pela vida: as vizinhas Dora e Irene (Marília Pêra) traçam o destino do menino Josué

É claro que a trajetória de *Central do Brasil* havia começado bem antes desse feliz encontro no aeroporto. A idéia ocupava a mente de Walter desde que ele realizou um documentário em curta-metragem sobre a presidiária Socorro Nobre. Impressionada com o trabalho do artista plástico Frans Krajcberg, um polonês radicado no Brasil, ela lhe escreveu uma carta contando como havia se emocionado com sua obra e com sua preocupação com a natureza. Para sua surpresa, Krajcberg respondeu à carta, e os dois iniciaram então uma inusitada relação por correspondência.

"Quando filmei *Socorro Nobre*", conta Walter Salles, numa causticante tarde de verão no Rio de Janeiro, "fiquei impressionado com a sua história. Foi comovente fazer o documentário e ver como uma carta conseguiu dar a esperança de uma segunda vida para Socorro, assim como tirou Krajcberg de seu isolamento voluntário". Assim, o cineasta começou a imaginar se acontecesse exatamente o contrário, se uma carta *não* chegasse ao seu destino. Numa bela manhã, ele acordou com toda a estrutura de *Central do Brasil* na cabeça – a história completa com começo, meio e fim.

A partir da idéia de Walter, o roteiro tomou forma pelas mãos de João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein (o co-roteirista de *Terra Estrangeira*), que escreveram mais de vinte versões diferentes da história. Carneiro também acompanhou a equipe de *Central do Brasil*, trabalhando ainda como assistente de direção durante as filmagens e reescrevendo o material ao longo do caminho. Detalhes como a festa das candeias e os diálogos de alguns personagens só foram definidos na estrada.

Central do Brasil conta a história de Dora (Fernanda Montenegro), uma professora aposentada que ganha a vida escrevendo cartas para analfabetos na maior estação de trens do Rio de Janeiro. À noite, ela e sua vizinha Irene (Marília Pêra) decidem quais cartas serão jogadas ao lixo e quais esperarão pela chance de uma segunda leitura no "purgatório" – a gaveta da cômoda.

É quando o pequeno Josué (Vinícius de Oliveira) entra na vida de Dora. Acompanhado pela mãe, mas louco de vontade de conhecer o pai que mora no Nordeste, ele se aproxima da amargurada professora. Depois que um acidente deixa o garoto órfão, ela involuntariamente se reúne a ele numa viagem ao sertão de Pernambuco e da Bahia – ao mesmo tempo em que reencontra sua sensibilidade.

"O tema de *Central do Brasil* é o mesmo de *A Grande Arte* e de *Terra Estrangeira*, que é a busca da identidade", conta Walter Salles. "A grande diferença é que, ao contrário de meus trabalhos anteriores, me deixei emocionar plenamente pelos acontecimentos. Talvez tenha sido por causa do trabalho em *Socorro Nobre*, por estar mais envolvido com a idéia inicial. Mas o fato

é que isso ficou bastante explícito."

E, como em *A Grande Arte* e *Terra Estrangeira*, o novo filme também é um *road movie*, no qual os personagens experimentam profundas transformações quando enfrentam uma situação completamente nova. Além da busca pela identidade do garoto, existe a viagem de Dora, que recupera sentimentos que ela própria acreditava não ser mais capaz de viver.

A experiência na estrada não aconteceu apenas na ficção. A equipe de *Central* percorreu cinco mil quilômetros Brasil afora durante as filmagens, enfrentando fortes chuvas, um calor de 45 graus à sombra e a dureza do sertão. Mesmo assim, o bom humor e o otimismo inesgotáveis de Fernanda Montenegro ajudavam a manter o moral lá em cima.

Nos últimos anos, Fernanda se tornou uma presença constante na telona, mas sempre em participações especiais, nunca como protagonista – o que mudou em *Central do Brasil*. No papel da professora Dora, a atriz sentiu na pele a mesma esperança que moveu a presidiária Socorro Nobre, inspiração do filme. "A Dora traz aquele casulo emocional que todos nós carregamos", conta Fernanda, "algo que nos defende de toda a violência ao nosso redor, que nos deixa mais duros".

"Mesmo assim", continua a atriz, "ela recupera sua sensibilidade ao percorrer milhares de quilômetros ao lado do Josué". Fernanda não acha que as mudanças experimentadas pela personagem ao longo do filme só possam acontecer na ficção. "É claro que Dora sempre teve a humanidade dentro dela. O que aconteceu a ela foi o mesmo que aconteceu com a Socorro, uma presidiária que, mesmo enfrentando um inferno em vida, foi tocada pela obra de um artista, o Frans Krajcberg, e redescobriu sua sensibilidade."

Fernanda esperava a oportunidade de trabalhar com Walter Salles há uma década, quando eles estudaram a realização de um filme que acabou sendo engavetado. Depois disso, o cineasta realizou *Terra Estrangeira* (protagonizado pela filha da atriz, Fernanda Torres), e começou a desenvolver outros projetos. Quando *Central do Brasil* entrou nos trilhos, o roteiro já havia sido escrito com Fernanda Montenegro em mente, levando-a a redescobrir sua paixão pelo cinema.

"Não acho que o trabalho na televisão seja algo depreciativo à arte", ela sentencia. "Mas depois dessa maratona com o Walter e com o resto da equipe, eu deixaria tudo para me dedicar ao cinema." A atriz confessa que, até trabalhar em *Central do Brasil*, o cinema era uma opção desconfortável – apesar de ser extremamente gratificante, exigia demais do ator. Mas ela admite que, durante as filmagens, surgiu um novo comportamento – e também novos convites para participações especiais em filmes como *Vestido de Noiva* e *Arigó*.

Na estrada: Vinícius de Oliveira e Fernanda Montenegro trocam idéias com o diretor Walter Salles

"Depois de trabalhar em Central do Brasil, eu deixaria tudo para me dedicar ao cinema", diz Fernanda Montenegro

Central do Brasil foi ensaiado como uma peça de teatro antes do início das filmagens, o que ajudou a colocar Vinícius de Oliveira no mesmo compasso que o restante da equipe e permitiu que seu talento fosse desenvolvido. "Fiquei impressionada com a inteligência do Vinícius", lembra Fernanda. "Ele não era um burguesinho mimado, um mauricinho, e sim alguém acostumado com a calçada. Vinícius possuía toda a carga emocional que seu personagem exigia."

Além disso, Walter Salles lembra a fantástica capacidade de memorização de seu pequeno protagonista. "Quando a Fernanda começou a improvisar em cima de suas falas, o Vinícius pediu para a gente parar de filmar porque ela 'havia errado' ", conta. "Daí, tivemos de explicar a ele o que significava 'improvisação' – e então o Vinícius só queria improvisar! Paramos de novo para dizer que também não era bem daquele modo."

A maior prova de que *Central do Brasil* é um filme de apelo universal foi sua recepção no último Festival de Sundance, a mais importante vitrine do cinema independente americano. "O Sundance é um lugar excelente para os diretores americanos independentes lançarem seus filmes", ressalta →

"Só não abro mão de continuar fazendo cinema independente", declarou o diretor, depois da premiação em Berlim

Walter, "mas nunca esperei que uma recepção tão calorosa pudesse ser dada a um filme estrangeiro – e legendado".

Mas a consagração de *Central do Brasil* aconteceu no Festival de Berlim, um dos mais importantes do mundo. Depois de ter sido aplaudido de pé por uma platéia emocionada, *Central* recebeu o Urso de Ouro, a premiação de melhor filme, ficando à frente de concorrentes de peso, como *Wag the Dog*, de Barry Levinsom e *The Butcher Boy*, de Neil Jordan. E Fernanda Montenegro foi escolhida a melhor atriz do Festival.

Coração aberto: ao lado do caminhoneiro César (Othon Bastos), Dora recupera sua sensibilidade

O filme de Walter Salles nunca sairia do papel se não fosse o Festival de Sundance. Para comemorar os cem anos de cinema, a organização instituiu um prêmio destinado a cinco roteiros que seriam escolhidos entre dois mil candidatos do mundo inteiro. Uma semana antes do fim das inscrições para o concurso, o presidente da RioFilme, José Carlos Avellar, perguntou se Walter havia enviado o roteiro de *Central* para avaliação. O problema: ele tinha de ser traduzido para o inglês.

"Como não havia mais tempo para a tradução", conta o diretor, "enviei em português mesmo, três dias antes de o prazo terminar". Duas semanas depois, Walter recebeu um telefonema de um representante do Sundance – dizendo que, apesar da "ousadia" de ter sido o único a mandar o material em sua língua original, ele teve a sorte de um dos membros do júri falar espanhol. E o tal sujeito não só gostou do que leu como concedeu um prazo extra para a tradução. Assim, *Central do Brasil* recebeu um incentivo do Sundance para a sua produção – um prêmio que foi ainda mais gratificante para o cineasta, já que o cinema brasileiro é criticado no exterior justamente por causa da qualidade dos roteiros.

Agora Walter Salles está de olho no futuro – que ainda se apresenta como uma incógnita. O diretor conta que, depois de Sundance, apareceram convites "de todos os lados", mas ele não decidiu em qual vai colocar as mãos. "Existe uma história bolada por Millôr Fernandes chamada *Últimos Diálogos* que está em meus planos há anos", revela. "Só não abro mão de continuar fazendo cinema independente. Mesmo que existam temas fora do Brasil que sejam bastante atraentes para mim, não me vejo fazendo cinema de estúdio, da forma como ele é entendido em Hollywood."

Com os pés firmes em solo brasileiro, Walter Salles se orgulha de fazer parte da retomada da produção cinematográfica nacional, que ele diz se destacar por sua pluralidade. São novos cineastas que surgem em todo o país, todos com gás total para trabalhar e uma paixão imensa pelo cinema. "É totalmente o contrário do que acontecia durante o Cinema Novo", acredita o diretor. "Naquela época existia um diálogo maior entre os filmes, uma temática única a ser explorada, e não essa diversidade que se vê hoje."

Mesmo assim, ele acredita que ainda é preciso atingir uma qualidade média entre os novos filmes para que o nosso cinema se torne mais uma vez obrigatório, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. "Os chineses demoraram décadas para ter alguma relevância. Estamos no meio do caminho. É preciso ter muita paciência."

Além disso, Walter afirma que a produção cinematográfica é, acima de tudo, uma necessidade – principalmente por acreditar que o cinema é um instrumento bem mais eficaz do que a televisão para refletir a realidade de um país. "Nos anos 70, por exemplo, *Bye Bye Brasil* mostrou os desejos, preocupações e mudanças do povo brasileiro de forma bem mais realista do que toda a produção televisiva da época", conta. "Claro que eu quero que *Central do Brasil* seja visto por muitas pessoas. Mas, acima de tudo, espero que elas sejam tocadas pela história e pelos personagens, tanto quanto todos nós que fizemos o filme. Quero que o público sinta que valeu a pena viver aquela experiência por duas horas, tanto quanto valeu a pena para nós durante as filmagens. Isso já seria uma vitória."

Roberto Sadovski

No Coração do País

Walter Salles realiza um dos filmes mais emocionantes da história do cinema brasileiro

Central do Brasil é o primeiro filme genuinamente brasileiro de Walter Salles, no qual ele ajusta as contas com um universo emocional típico de nosso país. *A Grande Arte*, seu longa-metragem de estréia, partia de um romance de Rubem Fonseca para chegar a um thriller estilizado, protagonizado por um americano que se desestrutura no Rio de Janeiro. *Terra Estrangeira*, cuja direção ele dividiu com Daniela Thomas, era um filme de exílio, um exercício estético em belíssimo preto-e-branco, que registrava a desilusão com a situação do país e colocava dois compatriotas em rota de fuga em Portugal – o caminho de ambos se cruzava por causa de uma intriga policial secundária.

Há dois aspectos insistentes no trabalho de Walter Salles: a sugestão de que cada ser humano é uma peça que luta para ser relevante em uma sociedade quase marginal, a qual acaba por definir as regras do jogo de sobrevivência; e o constante deslocamento de seus personagens, que estão sempre em busca de uma resposta, movimentando-se geograficamente e conhecendo cenários "virgens" que alimentam a curiosidade da alma humana.

Felizmente, o aspecto policial de *Central do Brasil* (o tráfico de crianças e de seus órgãos) é desimportante – além de ser um dos poucos pontos mal resolvidos do roteiro. É fácil relevar essa falha, já que o espectador está diante de uma das mais escancaradas experiências emocionais que o cinema brasileiro já ofereceu. A viagem empreendida por Fernanda Montenegro e pelo garoto Vinícius de Oliveira pelo interior do país tem inúmeros significados: a busca das próprias origens, a procura do afeto, a redescoberta da solidariedade, o encontro com um Brasil nada urbano e muito autêntico, a fuga da solidão, a recompensa da fé.

É impressionante a limpidez com que Walter Salles narra sua história, simples e por vezes até ingênua. Sua devoção à verdade de cada um dos personagens é cativante: ele faz de uma viagem a um dos muitos corações do Brasil uma peregrinação pelo gigantesco interior do homem brasileiro, despojando seus protagonistas de qualquer vício cotidiano para promover uma catarse emocional irresistível. O diretor procura a verdadeira identidade da paixão brasileira, da maternidade presente na terra natal, da paternidade perdida na desolação de um povo itinerante.

Nessa busca, Walter conta com uma grande aliada, a atriz Fernanda Montenegro. No papel de Dora, que com suas cartas cria pontes imaginárias (e muitas vezes inúteis) entre esperançosos analfabetos e seus próximos, a grande dama oferece aqui um dos momentos máximos de sua carreira. O espectador, de qualquer parte do mundo, só tem que reverenciá-la em agradecimento.

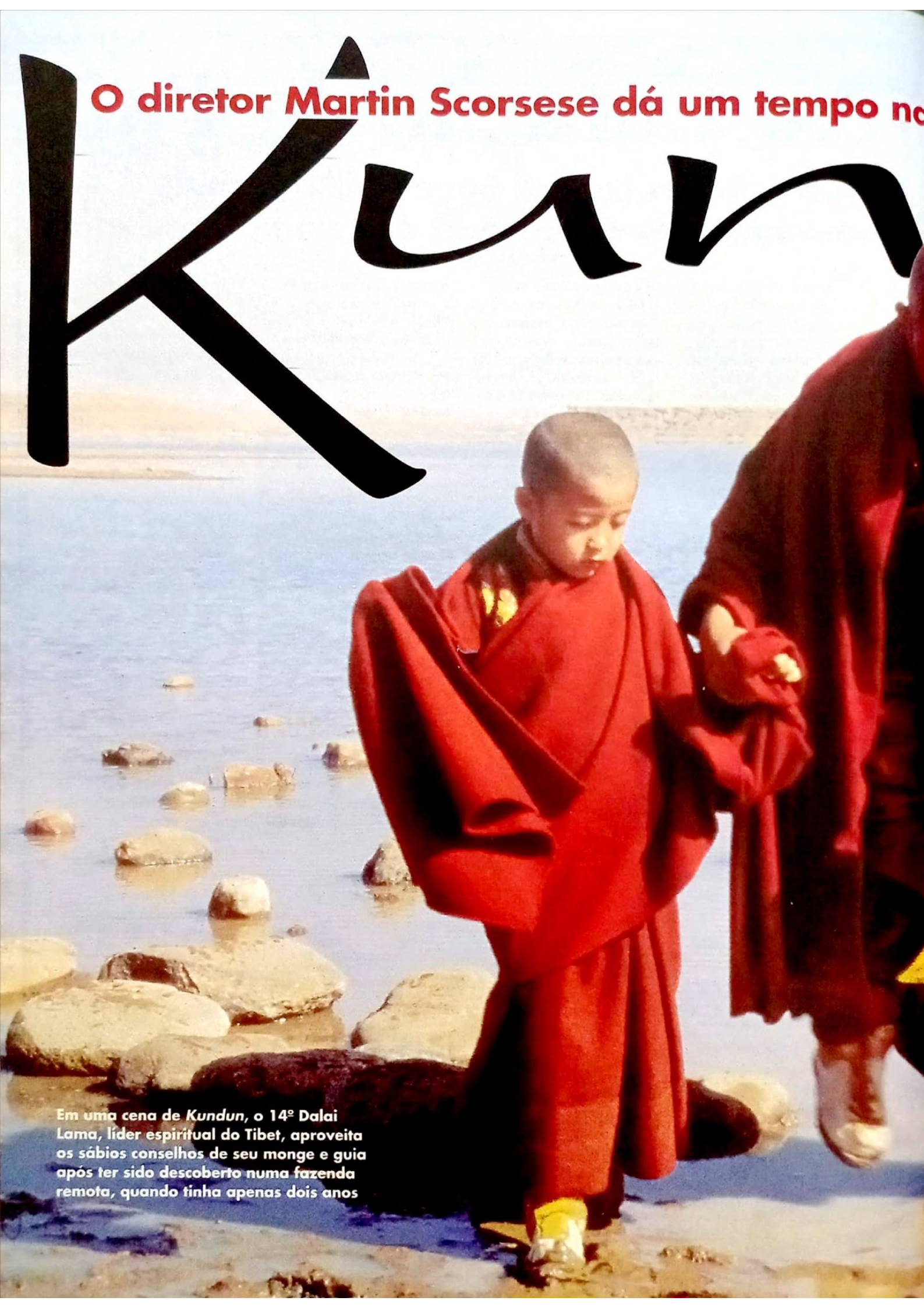
Christian Petermann

Casamento perfeito: a atriz veterana e o engraxate descoberto no aeroporto Santos Dumont formam um dos pares mais afinados do cinema nacional

(Brasil, 1998) ***Direção*** *Walter Salles.* ***Com*** *Fernanda Montenegro, Vinícius de Oliveira, Marília Pêra, Matheus Nachtergaele, Caio Junqueira, Othon Bastos, Otávio Augusto, Stella Freitas. 112 min.*

O diretor Martin Scorsese dá um tempo no

Kun



Em uma cena de *Kundun*, o 14º Dalai Lama, líder espiritual do Tibet, aproveita os sábios conselhos de seu monge e guia após ter sido descoberto numa fazenda remota, quando tinha apenas dois anos

violência para falar de paz e budismo em *Kundun*

Quando retrata gângsters e brutalidade, Martin Scorsese só recebe elogios; quando decide falar de personagens que são emblemas do pacifismo, ele provoca verdadeiros furacões. Foi assim com *A Última Tentação de Cristo*, violentamente repudiado por setores mais conservadores da Igreja, e vem sendo assim também com *Kundun*, pivô de um incidente diplomático com a China que necessitou até da intervenção de Henry Kissinger, o poderoso ex-secretário de Estado americano. É uma ironia que não escapa ao cineasta, e que ele classifica como "uma desgraça". "É como se fosse uma ousadia fazer um filme sobre alguém que prega o amor e a compaixão", ele lamenta.

À primeira vista, *Kundun* não poderia ser mais inocente. Rodado apenas com amadores no elenco, o filme narra a vida do Dalai Lama, o líder espiritual tibetano, dos dois anos de idade, quando o garoto que se acredita ser a reencarnação de Buda é descoberto numa remota fazenda, até os 24, quando ele teve de procurar o exílio.

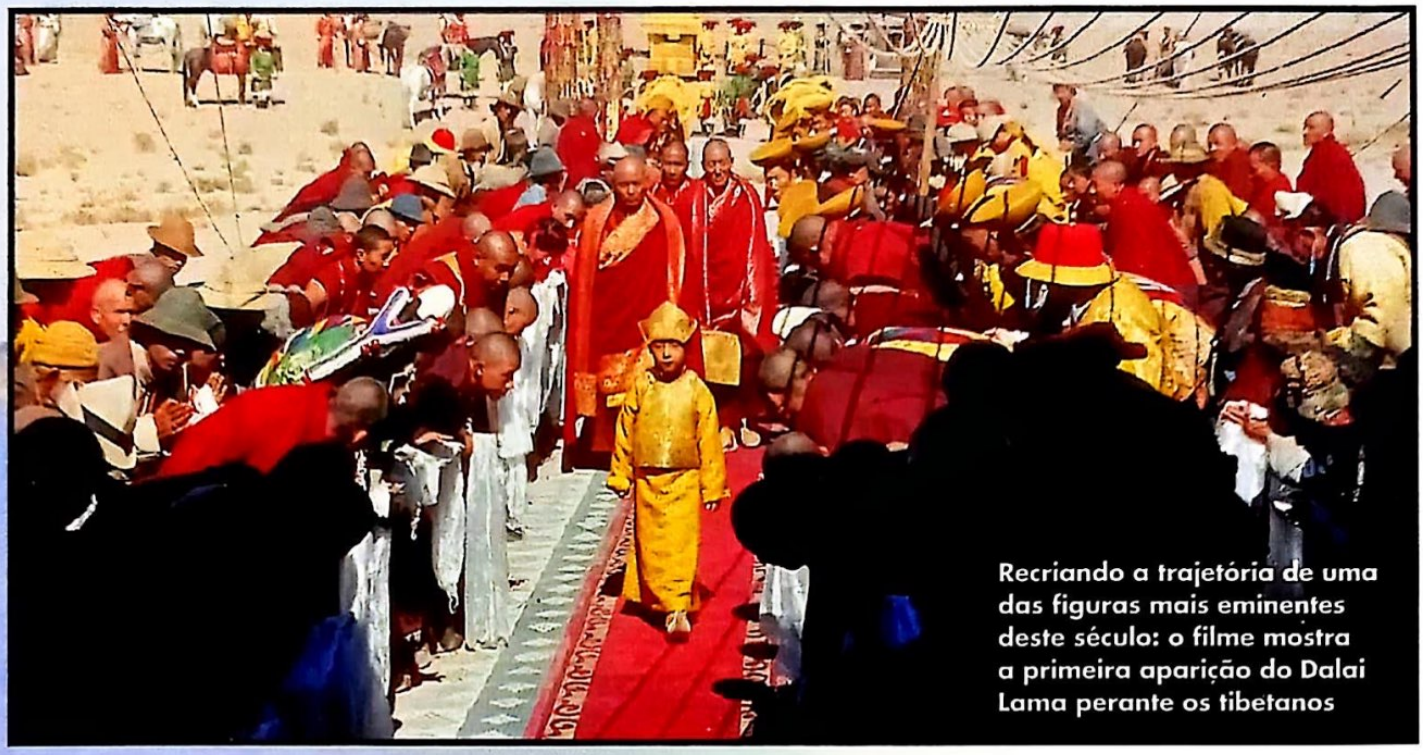
E aí, claro, é que a coisa pegou com a China. Após a Revolução Comunista de 1949, o Tibet foi anexado ao território chinês – e também ao seu novo modo de vida, que previa o extermínio de qualquer prática religiosa. "Religião é veneno", declarou o Camarada Mao Tsé-tung, dando início à perseguição. Para o Tibet, foi um golpe mortal. Encarapitado num planalto juntinho ao topo do mundo, cinco mil metros acima do nível do mar em média, esse pequeno país é o berço do budismo, que há centenas de anos se mistura de forma indivisível a todas as suas tradições. Esse encontro dramático de uma nação ainda medieval com o século 20 matou, até hoje, mais de 1,5 milhão de pessoas e tirou dos tibetanos o direito de conviver com o Dalai Lama. Ainda assim, eles resistem da única maneira que sabem e na qual acreditam: pregando a não-violência.

E a não-violência, como já provaram Jesus Cristo, Gandhi e o próprio Dalai Lama, pode mesmo ser o mais revolucionário dos ideais. Ninguém poderia entender melhor o alcance dessa filosofia do que um menino criado na Little Italy nova-iorquina dos anos 40 e 50, quando os mafiosos circulavam livres, gozavam de respeito, podiam até ser modelos de comportamento e – contradição das contradições – não perdiam a missa de domingo. Se a maioria dos filmes de Scorsese trata dessas pessoas para quem a violência é um reflexo, ele nunca deixou de se indagar sobre o reverso delas. "Quem é mais forte, o sujeito que é violento ou aquele que tem a coragem de não sê-lo?"

Essa foi a razão, afinal, que fez o diretor de *Taxi Driver* e *Os Bons* →

Kundun

Furioso com o filme, o governo ameaçou boicotar todos os p



Recriando a trajetória de uma das figuras mais eminentes deste século: o filme mostra a primeira aparição do Dalai Lama perante os tibetanos

A primeira cerimônia: em locações no Marrocos, *Kundun* mostra o Dalai Lama, ainda bebê, sendo ungido pelos monges budistas (*abaixo*) e, depois, assumindo desde cedo a função de líder espiritual (*à direita*)

Companheiros encampar o novo projeto. "Sempre me interessei pela religião", diz o ex-seminarista Scorsese. "Mas, acima de tudo, me interesso pelas pessoas que vivem vidas de uma convicção religiosa profunda a ponto de ditar suas ações." Por isso, quando seu agente telefonou oferecendo um roteiro de Melissa Mathison – que escreveu *E.T.* e é casada com Harrison Ford –, ele prontamente se animou. Se ainda restava alguma dúvida, ela foi dissipada em seu encontro com o Dalai Lama, arranjado pela própria Melissa (que visitou o tibetano várias vezes, extraindo até informações que não constavam da autobiografia *Minha Terra e Meu Povo*). "Antes de conhecê-lo", relembra Scorsese, "eu já achava o seu comportamento fascinante – no sentido de que ele age como todos nós deveríamos agir. Depois de vê-lo, porém, você quer *ser* como ele. E está aí uma coisa que eu não poderia dizer de muitos sacerdotes da minha religião".

E é algo que, certamente, também não se poderia dizer das autoridades chinesas. Enfurecidas com o tom nitidamente favorável ao Tibet do ro-

chinês, que tomou o Tibet em 1950, odutos da Disney. Mas o estúdio foi em frente

teiro, elas ameaçaram a Disney, financiadora do projeto, com um boicote a todos os seus produtos, cientes de que o estúdio faria quase qualquer negócio para fincar os pés num mercado de 1,3 bilhão de consumidores. Para surpresa geral, porém, a Disney ficou firme em sua decisão de produzir *Kundun* e até pagou o altíssimo cachê de Henry Kissinger, hoje um consultor independente, para pôr panos quentes na situação – mas não se esqueceu de acender uma vela também ao diabo. "O que os chineses não entendem", declarou Michael Eisner, o presidente do estúdio, em um programa de televisão, "é que nos Estados Unidos um filme é o centro das atenções por seis segundos, e três semanas depois já é assunto morto".

Não foi a única dose de cinismo endereçada a *Kundun* (palavra que significa "oceano de sabedoria"). Juntando no mesmo pacote *Sete Anos no Tibet*, estrelado por Brad Pitt, e o número cada vez mais expressivo de adeptos do budismo em Hollywood – Richard Gere sempre à frente –, a imprensa se apressou em detectar uma tendência que batizou de "*Tibetan chic*", para ultraje de Scorsese. "Que cinismo", revoltou-se o diretor. "Só porque algumas pessoas têm vontade de ajudar, a mídia tira sarro delas. É uma desgraça."

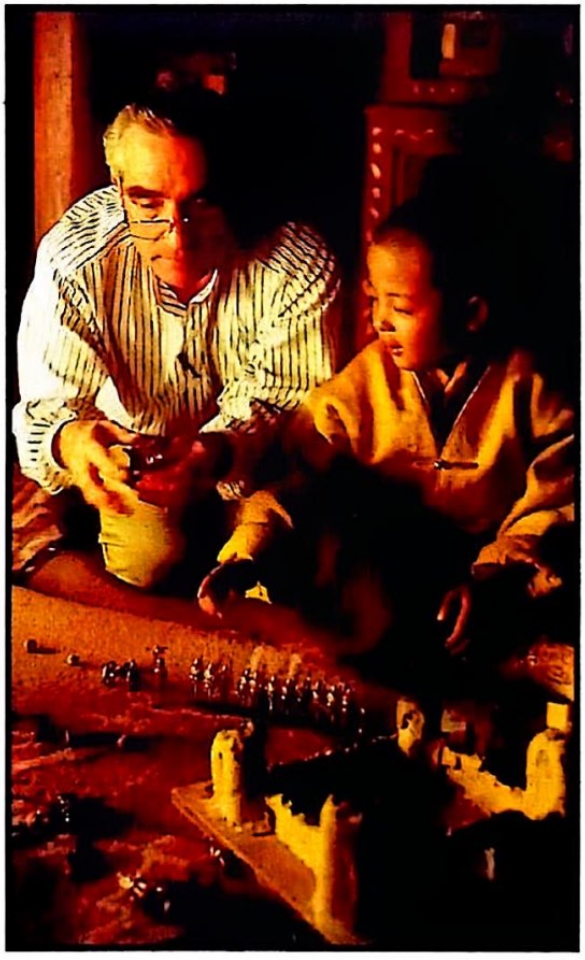
Apesar de tantas dores de cabeça políticas, o que Scorsese menos queria era narrar um enredo histórico; *Kundun*, para ele, já nasceu como um filme sobre uma experiência pessoal, regida pela emoção e contada rigorosamente sob o ponto de vista do homem que sempre esteve no centro dos acontecimentos – o Dalai Lama. O resultado é um filme belíssimo, mas muito contemplativo e completamente diferente de qualquer outra coisa que o diretor tenha feito até hoje. Talvez por isso a crítica e o público o tenham estranhado tanto: esplendidamente fotografado por Roger Deakins em locações em Ouarzazate, no Marrocos (a Índia negou à equipe permissão para filmar em seu território), e acompanhado por uma emotiva trilha sonora de Philip Glass, *Kundun* não tem exatamente uma trama e mistura a realidade aos sonhos narrados pelo Dalai Lama à roteirista Melissa Mathison, sem especificar muito bem onde estão suas fronteiras. Além disso, nem um único rosto ocidental aparece diante das câmeras, o que tira do público aquela figura sempre confortável, a do mediador representado por alguém de sua própria cultura.

E há, claro, a questão do elenco. Nenhum dos atores tinha qualquer experiência anterior – e, segundo conta o diretor, nem ao menos eram pessoas para quem passar algumas semanas num set de filmagens pudesse contar como diversão. Todos os quatrocentos tibetanos que participaram de *Kundun* estavam ali na qualidade de representantes de seu país e de uma causa. Muitos eram parentes do Dalai Lama, e vários deles tomaram como responsabilidade pessoal a tarefa de cuidar dos quatro garotos (de dois, cinco, doze e dezoito anos de idade) que interpretam o líder espiritual nas diversas fases de sua vida. Por causa deles, Scorsese mudou de rumo em diversas ocasiões, adaptando sua câmera e seu ritmo aos rituais que eles conheciam tão bem, até transformar o conteúdo e a forma de *Kundun* numa coisa única.

Ao final, Martin Scorsese reconhece, *Kundun* é um híbrido: por um lado, é impossível ocultar as engrenagens e os dólares (28 milhões, no total) que fazem um filme americano; por outro, não há as convenções dramáticas a que o público do cinemão está acostumado. "Mas é isso que me interessa no filme", disse ele à revista *Sight and Sound*. "Sem híbridos, nada pode se desenvolver. E nós americanos, com essa mania de nos fecharmos à influência estrangeira, já estamos nos alimentando de nossas próprias entranhas."

Isabela Boscov

(EUA, 1997) ***Direção:*** *Martin Scorsese.* ***Com*** *Tenzin Thuthob Tsarong, Gyurme Tethong, Tulku J. Kunga Tenzin, Tenzin Yeshi Paichang, Tencho Gyalpo, Tsewang Migyur Khangsar, Sonam Phunstok, Gyatso Lukhang, Robert Lin. 134 min.*



Scorsese e Tulku Tenzin, que vive o Dalai Lama quando ele tinha cinco anos: o diretor fez várias alterações no roteiro para se adaptar ao estilo de seus "atores"

Fotos: Lumiere

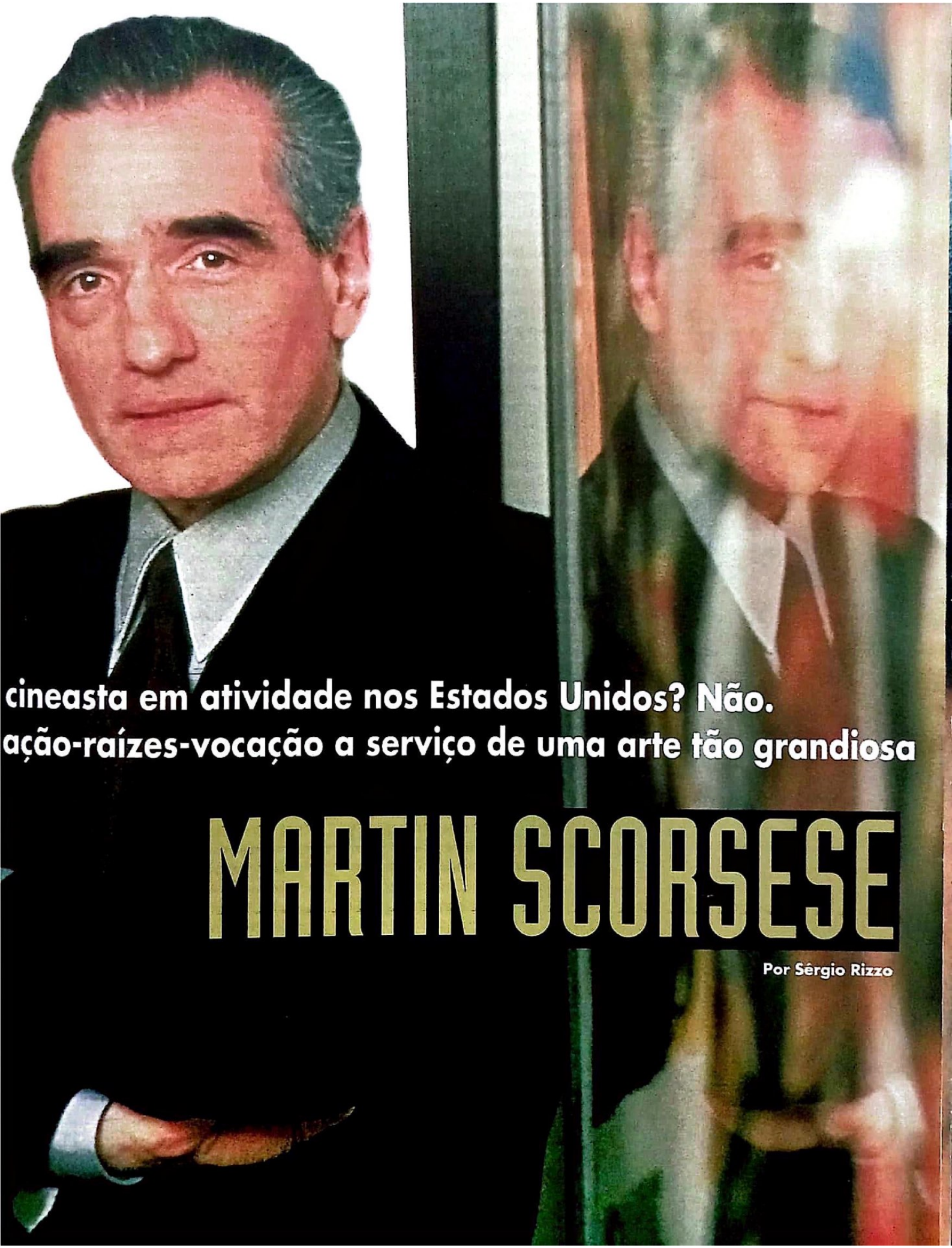
NASCI EM 1942, SOU ÍTALO-AMERICANO, VEJO E FAÇO FILMES

Uma apresentação resumida demais para o maior
A verdade é que ninguém soube colocar a equação ge

"Nasci em 1895, sou americano e faço faroestes", resumiu certa vez John Ford, em frase célebre por condensar em poucas palavras tudo o que ele julgava importante dizer a seu próprio respeito. Se Martin Scorsese optasse por apresentação semelhante, seria possível aproveitar a mesma estrutura, apenas com pequenos ajustes circunstanciais. "Nasci em 1942, sou ítalo-americano, vejo e faço filmes", diria. Geração, origem sócio-cultural, paixão – esses três dados com certeza não esgotam a trajetória de Scorsese, mas iluminam com muita eficiência os pontos-chave de sua vida e carreira. Alguém que tenha assistido a *Caminhos Perigosos*, *Taxi Driver* ou *Os Bons Companheiros* seria capaz de ignorar que seu diretor é um típico cidadão americano do pós-guerra, tem raízes italianas e, decididamente, ama (e conhece como poucos) o que faz?

Há um diálogo ilustrativo dessa ligação umbilical com o cinema em *Lições de Vida*, o episódio dirigido por Scorsese para o longa *Contos de Nova York*, também assinado por Francis Coppola e Woody Allen. Lionel Dobie, o consagrado e obsessivo artista plástico interpretado por Nick Nolte, explica à sua assistente, Paulette (Rosanna Arquette), o que significa ser um artista de verdade. "Você não escolhe, não é uma opção. É algo de que você precisa", ensina. Essa frase também cairia muito bem na boca de Scorsese, para quem o cinema tornou-se profissão de maneira um tanto inevitável. Que mais poderia fazer, afinal, um rapaz que sabia apenas ver filmes?

Na verdade, havia, sim, duas outras opções para o garoto nascido – em 17 de novembro de 1942 – e criado em Elizabeth →



cineasta em atividade nos Estados Unidos? Não.
ação-raízes-vocação a serviço de uma arte tão grandiosa

MARTIN SCORSESE

Por Sérgio Rizzo

Street, rua de imigrantes judeus e italianos no Lower East Side de Nova York. A primeira, pela qual Martin Scorsese diz nunca ter se deixado seduzir, era virar gângster, como os donos do pedaço, muitos deles retratados em seus filmes. A segunda, que por algum tempo dominou seu pensamento na infância e na adolescência, era tornar-se sacerdote. Em 1956, chegou a ingressar num seminário preparatório para a carreira religiosa. Desistiu e, quatro anos depois, entrou na New York University, para fazer o curso de artes. Saiu de lá em 1964 com um diploma em cinema (e voltou em 1969, como professor-assistente da cadeira de crítica cinematográfica).

"Cresci entre gângsteres e padres. Sem meios-termos. Suponho que a paixão que eu tinha por religião misturou-se com o cinema, e agora, como um artista, de certa maneira, sou um gângster e um padre", brinca. Asmático, franzino e tímido, Scorsese passou boa parte da infância na janela do apartamento da família, acompanhando o movimento da Elizabeth Street, o que incluía ver, com uma ponta de inveja, as crianças de sua idade brincarem (e se engalfinharem). Ir ao cinema era uma espécie de prêmio de consolação – que antecedeu, coisa rara em família católica praticante, até mesmo a primeira missa.

Sipa Press

"As primeiras imagens de Cristo de que me lembro eram estátuas de gesso e crucifixos, na antiga Catedral de St. Patrick. A sensação dominante era a de um ser humano a quem tinham batido e torturado e depois pregado na cruz, e essa pessoa era alguém que teríamos amado, alguém que tinha sido uma pessoa muito boa. Lembro-me de me terem levado pela primeira vez a uma missa, e de me ter questionado por que meus pais nunca haviam feito aquilo antes. Acho que fiz essa associação de idéias, entre as idas à catedral e ao cinema, quando ainda era pequeno. De fato, nós, crianças, costumávamos rir da missa, dizendo que era o mesmo espetáculo todos os dias."

Nada mais natural do que encarar a primeira comunhão, em 26 de maio de 1951, como uma cerimônia decisiva em sua formação. "Foi muito importante para mim, participar nos sacramentos e fazer a minha primeira confissão. Estava fascinado pelas imagens da crucificação e fazia sobre isso muitos desenhos, que depois oferecia às freiras da escola", lembra. Nada mais natural, também, do que preferir se expressar pelas imagens, e não pelas palavras. Àquela altura, já era um cinéfilo precoce, a ponto de hoje ser incapaz de citar o nome do primeiro filme a que assistiu (em depoimento ao American Film Institute, mencionou *Duelo ao Sol*, de 1946, como o primeiro cujo título guardou). A sinceridade também mora ali: embora pudesse posar de intelectual, a exemplo de vários de seus colegas, Scorsese admite ter dificuldades com leitura, e encara como um grande esforço desbravar páginas e páginas de letras.

"Não sou um grande literato. Cresci numa casa sem livros e basicamente tudo o que aprendi foi visual", conta. O repertório cinematográfico de Scorsese alimentou-se não só das idas regulares ao cinema do bairro, onde os ingressos eram mais baratos do que nas salas então grandiosas e luxuosas da Rua 42, mas também da televisão. "Meu pai comprou uma TV em 1948. Naquela época, uma vez por semana, passava um filme italiano. Vimos *Paisá* e *Ladrões de Bicicleta*. Minha avó chorava, e mamãe também." A balança pendia para o cinema, em detrimento da religião, à medida que amadurecia. "Fui me afastando da igreja. Já não sou católico praticante e me questiono a respeito de várias coisas", diz. Isso não o impediu, contudo, de criar vários de seus personagens a partir de conflitos ético-religiosos. "Travis Bickle (Robert De Niro) em *Taxi Driver* é uma figura do Velho Testamento: para ser um homem íntegro e correto, sua única resposta era invocar a ira de Deus", observa. Ou de levar adiante um projeto polêmico como *A Última Tentação de Cristo*, baseado no romance homônimo do grego Nikos Kazantzákis. "Quando me perguntaram por que eu queria fazer esse filme, respondi: 'Para conhecer melhor Jesus'. Para mim, o principal era abrir uma discussão sobre

Cresci entre gângsteres
E eu, como artista, sou d

MARTIN SCORSESE

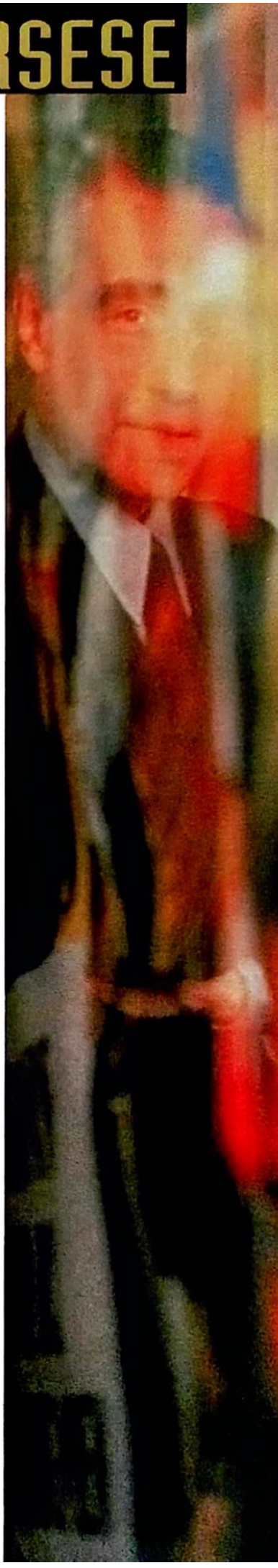
a natureza de Deus e nossa relação com Deus, a natureza do pecado, da tentação, do bem e do mal. Não que eu imaginasse que alguma coisa seria resolvida – queria que pelo menos as pessoas começassem a pensar sobre isso. Fazer o filme era quase um ato religioso. Mas isso foi pura pretensão da minha parte."

Com a religião perdendo espaço em seu dia-a-dia, a devoção de Scorsese, é fácil perceber, pôde ser toda canalizada para o cinema. Sua lista de filmes preferidos é extensa: vai de *Os Sapatinhos Vermelhos*, de Michael Powell e Emeric Pressburger, a *A Aventura*, de Michelangelo Antonioni, passando por obras tão variadas quanto *Oito e Meio*, de Federico Fellini, e *Os Brutos Também Amam*, de George Stevens, ou *Rastros de Ódio*, de John Ford, e *Alexandre Nevsky*, de Sergei Eisenstein. *Cidadão Kane*, *O Leopardo*, *O Terceiro Homem*, *Vinhas da Ira*, *Uma Rajada de Balas*, *Sindicato de Ladrões*, *Um Corpo que Cai*, *2001*... "Temo que a lista completa seja muito longa", explica. Scorsese é capaz de associar cada um desses títulos à sensação que experimentou ao vê-los pela primeira vez. Recorda-se do impacto provocado pela voz impressionante de Cecil B. DeMille apresentando *Sansão e Dalila*, pela morte dos marcianos em *A Guerra dos Mundos* ou pelas imagens em CinemaScope de *O Manto Sagrado* (que o inspiraram a usar esse formato na refilmagem de *Cabo do Medo*).

Conversar sobre filmes (seus e alheios) com Scorsese equivale a abrir um baú interminável de referências que se multiplicam: cenas, movimentos de câmera, diálogos, cortes... Até outros cineastas com reconhecida quilometragem de cinefilia, como Steven Spielberg, reconhecem que, nesse terreno, Scorsese é imbatível. Sua maneira peculiar de falar parece indicar que palavras, por mais numerosas que sejam, não chegam perto de traduzir o significado de imagens. "Estar com Martin é como assistir a um de seus filmes. É uma experiência cinética", explica Spielberg. "Há um cumprimento, rápido e afetuoso, e depois idéias, memórias, piadas e investigações pessoais. Quem não teve a sorte de passar algum tempo com ele pode ter uma idéia vendo-o atuar. Você não pode confiar no que seus personagens estão pensando, nem adivinhar o que vão fazer. É o mesmo com Marty. Mas o único risco que se corre com ele é o de uma drástica e repentina perda de energia. Não é fácil encarar o sujeito."

Spielberg refere-se, por exemplo, ao marido traído (que alguns preferem chamar de "Diabo") interpretado por Scorsese em *Taxi Driver*. Nova York, à noite. Ele pega o táxi de Travis e pede que estacione em frente a um prédio. Do banco de trás, começa a falar sem objetivo aparente. Então, aponta para a silhueta de uma mulher numa janela no segundo andar. "É minha esposa. Esse não é o meu apartamento", dispara. A cena é curta, mas inesquecível – e assustadora. "Devo meu *timing* à minha mãe", garante. "Marty era uma criança diferente", devolve Catherine Scorsese. Ela e o marido, Charles, fizeram pontas em vários filmes do filho, como *Os Bons Companheiros* – no qual, aliás, Catherine conseguiu sem grande esforço a proeza de roubar uma cena de Robert De Niro, Joe Pesci e Ray Liotta. O casal protagonizou também o documentário *Italianamerican*, espécie de ajuste de contas sentimental com as origens familiares e culturais do cineasta.

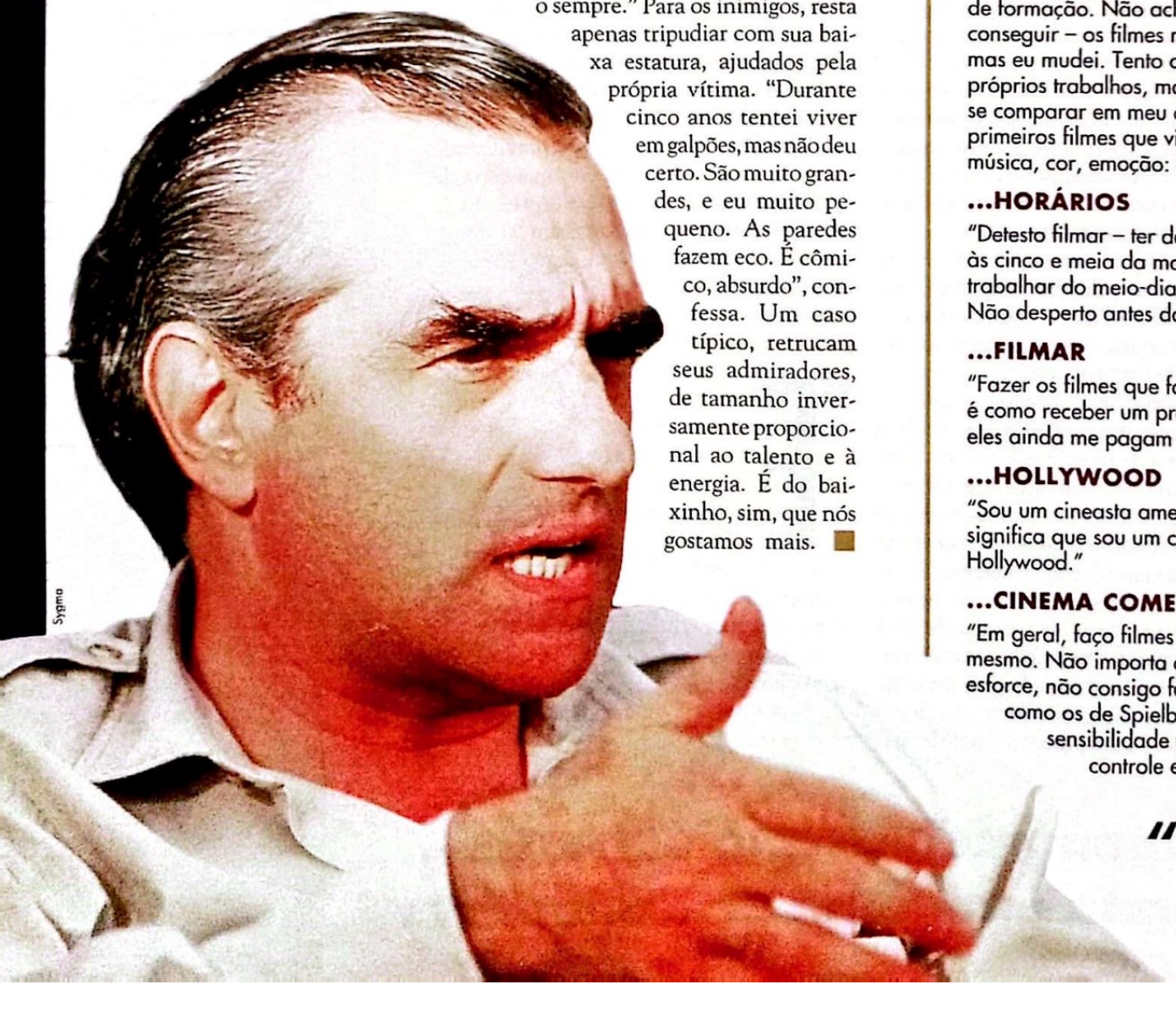
"Eu os via como pais, não como pessoas. De repente, ao filmar *Italianamerican*, eles se tornaram pessoas. E vi a história de sua vida como uma história de amor", explica Scorsese, que já passou por quatro casamentos – com a atriz Isabella Rossellini, a produtora Barbara De Fina, a montadora Julia Cameron e Larraine Brennan. A generosidade que o cineasta reserva à família também se estende, é óbvio, ao cinema – aos autores que admira (fundou em 1992 a Martin Scorsese Presents, dedicada a →



padres, sem meio-termo entre eles.
certa forma um gângster e um padre"

restaurar e distribuir filmes clássicos), aos amigos que o cercam em quase todos os projetos (De Niro, Harvey Keitel, o roteirista e diretor Paul Schrader, a montadora Thelma Schoonmaker) e também à própria base material sobre a qual trabalha (em 1981, detonou uma campanha denunciando a acelerada deterioração de películas coloridas).

A eleição de *Touro Indomável* como o melhor filme americano da década de 80 revela que, se o baixinho mais talentoso do cinema atual ainda não é uma unanimidade, está perto de se transformar em uma. Com a decadência de Francis Coppola (apontado por Scorsese como o principal nome de sua geração), haverá pouca gente capaz de contestar que o filho mirrado e esperto de Charles e Catherine é o maior cineasta em atividade nos Estados Unidos. Prova disso é que, em 20 de fevereiro de 1997, o American Film Institute concedeu-lhe seu Life Achievement Award, prêmio reservado a gente selecionada do Olimpo cinematográfico, como James Stewart. "Ele é o mais importante cineasta americano – sensibilidade européia, ainda que *molto* Hollywood", definiu com propriedade um velho amigo. "Os filmes de Martin podem transformá-lo, e prendem-se ao seu coração para sempre", afirma Spielberg. O inglês Michael Powell vai mais longe no confete. "Estar em contato direto com o seu público, do princípio ao fim, como em *Caminhos Perigosos*, constitui o mais precioso dom que um cineasta pode ter. A maioria dos diretores, mesmo que inteligentes, experientes, imaginativos ou arrojados, não o tem, nem nunca o terão. Marty teve-o sempre." Para os inimigos, resta apenas tripudiar com sua baixa estatura, ajudados pela própria vítima. "Durante cinco anos tentei viver em galpões, mas não deu certo. São muito grandes, e eu muito pequeno. As paredes fazem eco. É cômico, absurdo", confessa. Um caso típico, retrucam seus admiradores, de tamanho inversamente proporcional ao talento e à energia. É do baixinho, sim, que nós gostamos mais. ■



Sygma

MARTIN S

...INFÂNCIA
"Tive asma e não podia brincar ou praticar esportes. Assim, meus pais me levavam ao cinema. Era um local para sonhar, fantasiar, sentir-se em casa."

...ORIGENS
"Sou nova-iorquino de terceira geração. Meus avós foram imigrantes italianos, pobres. Cresci numa casa sem livros, numa rua onde a máfia desovava suas vítimas."

...FAROESTES
"A primeira imagem que lembro ter visto no cinema foi um trailer de um filme de Roy Rogers, no qual ele pulava sobre seu cavalo, Trigger. Meu pai disse: 'Esse é Trigger. Você sabe o que é?' Respondi que era o revólver. 'Não, não. É o cavalo. Vou trazê-lo para ver o filme semana que vem.' Faroestes foram meus filmes favoritos até os dez anos."

...MEMÓRIA
"Acho que sempre continuarei tentando reviver as experiências dos meus anos de formação. Não acho que vá conseguir – os filmes não mudaram, mas eu mudei. Tento criá-las em meus próprios trabalhos, mas eles não podem se comparar em meu coração àqueles primeiros filmes que vi. Movimento, música, cor, emoção: cinema."

...HORÁRIOS
"Detesto filmar – ter de acordar às cinco e meia da manhã. Prefiro trabalhar do meio-dia à meia-noite. Não desperto antes das três da tarde."

...FILMAR
"Fazer os filmes que faço em Hollywood é como receber um presente. E às vezes eles ainda me pagam por isso."

...HOLLYWOOD
"Sou um cineasta americano, o que significa que sou um cineasta de Hollywood."

...CINEMA COMERCIAL
"Em geral, faço filmes para mim mesmo. Não importa o quanto eu me esforce, não consigo fazer um filme como os de Spielberg. Ele tem uma sensibilidade própria, um controle extraordinário

"Não s
ciner

ORSESE FALA SOBRE...

sobre o ofício – e é isso que quer dizer 'comercial'."

...ATORES

"Acredito que, para dois atores, o mais difícil é sentar e conversar. A histeria, os choros, os gritos e as lutas, essas coisas rendem duas ou três boas tomadas. Mas falar, comunicar, é a coisa mais difícil."

...VER FILMES

"Grande parte de *Taxi Driver* surgiu da minha convicção de que os filmes são uma espécie de estado de sonho. E o choque de sair para a luz do dia pode ser aterrador. Vejo filmes a toda hora e é sempre difícil acordar."

...SOM E SILÊNCIO

"Uma das melhores coisas que fizemos em *Touro Indomável* foi retirar totalmente o som em certos momentos. Silêncio; então, de repente, voa um soco – pum! Era como um fundo musical."

...TELEVISÃO

"Tenho muitas TVs espalhadas pela casa. Às vezes, ligo vários vídeos diferentes e ando pelos cômodos, criando uma ambientação."

...DINHEIRO

"Em *A Cor do Dinheiro*, Paul Newman e eu teríamos de dispor de um terço do salário para ajudar nas filmagens, caso o orçamento estourasse. Como o planejamento deu certo, em vez de cinqüenta dias, só foram precisos 49; e em vez de 14,5 milhões, ficamos em 13 milhões. Os santos de Hollywood nascem assim."

...A INDÚSTRIA CINEMATOGRÁFICA

"A indústria cinematográfica hoje é gerida por homens de negócios. Se eu quiser continuar fazendo filmes pessoais, tenho de lhes mostrar um certo respeito por dinheiro, e deixar isso transparecer na tela."

...PRETO-E-BRANCO

"Não existe o preto-e-branco. São cinzas, sombras... O tom de cinza significa algo no quadro. Cria um aspecto emocional e psicológico. Serve a uma idéia. Se você tenta colorizar um filme em preto-e-branco, a imagem não se sustenta, e o impacto emocional se perde."

...CINEMA X ARTE

"Não é que todos que fazem filmes devam declarar: 'Bem, sou um artista'. Mas, quer você goste ou não, eles são. Existem bons artistas, maus artistas e artistas medíocres, mas eles são artistas."

...AUTODESTRUIÇÃO

"Gosto de criar personagens como o Travis de *Taxi Driver* ou o Jake de *Touro Indomável*. Gosto de ver até onde eles podem chegar antes de se autodestruir. É interessante como a coisa começa a se voltar contra eles depois de um tempo, quer se trate de atirar contra os outros na rua ou de discutir aos gritos em casa. Como chegam a um ponto sem retorno, em que tudo explode e eles caem solitários."

...*CAMINHOS PERIGOSOS*

"*Caminhos Perigosos* continua sendo o meu filme favorito. Pela música, pelo estilo 'louco', pela montagem alucinada. E também porque é a minha história e a de meus amigos. Foi o primeiro filme meu a chamar a atenção das pessoas. Não conseguiria vê-lo novamente. É muito pessoal."

...WALT DISNEY

"Uma das primeiras imagens sexuais de que me recordo é de *Peter Pan*. Em uma cena, Wendy tem de pular uma rocha. Ela levanta o vestido, e vemos suas pernas maravilhosas. Disney tinha talento para tudo. Era um gênio."

...MODERAÇÃO

"Em política, como no resto, a moderação me dá náuseas."

...VIOLÊNCIA

"A resposta de uma parte do público a *Taxi Driver* me chocou. Fui vê-lo num cinema e a platéia reagiu violentamente ao massacre do final. Isso me perturbou. O filme não foi feito para isso. Mas não posso impedir que as pessoas o vejam assim, e nem podemos impedir que as pessoas sintam algum tipo de prazer diante da violência. É da natureza humana."

...*TAXI DRIVER*

"*Taxi Driver*, na verdade, é um filme de Paul Schrader. Tratei de interpretá-lo. De Niro, Paul e eu sentíamos as coisas da mesma maneira, como se fôssemos membros do mesmo clube. Paul e eu temos afinidade em questões de religião e de temas ligados à vida e à morte, à culpa e ao pecado. Mas a concepção original é inteiramente dele. Quando dizem '*Taxi Driver*, de Martin Scorsese', deve ser muito doloroso para Paul. O filme, na verdade, é dele."

...*TOURO INDOMÁVEL*

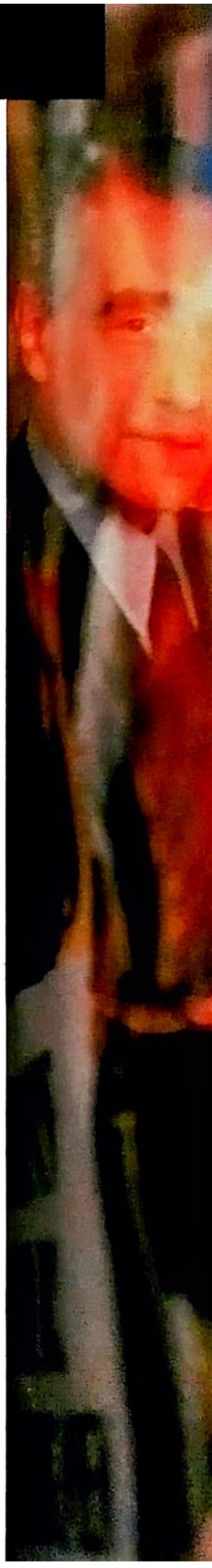
"Pus tudo o que eu sabia e sentia em *Touro Indomável*. Pensei que ele seria o fim da minha carreira. Era como despejar todo o meu saber dentro do filme, para em seguida esquecer tudo e ir à procura de outro modo de vida. Fiquei fascinado pelo lado autodestrutivo de Jake La Motta, pelos seus sentimentos básicos. O que pode ser mais expressivo do que ganhar a vida dando murros na cabeça de outra pessoa, até que um dos dois caia ou pare?"

...FAZER CONCESSÕES

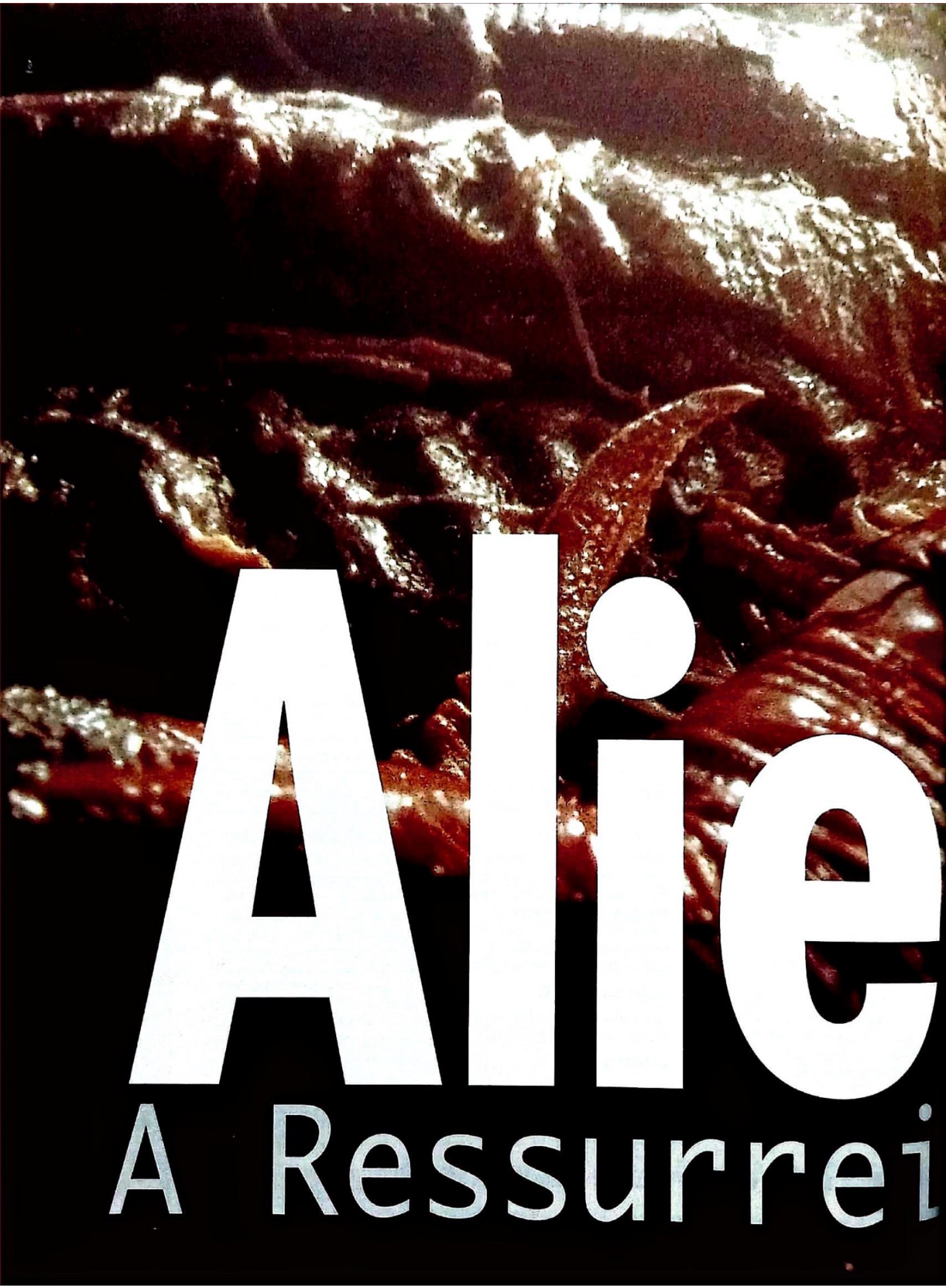
"Você precisa fazer um certo tipo de filme para que deixem você fazer outros, mais pessoais. É preciso aproveitar cada filme e aprender com ele. É como um jogo: o que os estúdios precisam e o que você precisa. Às vezes, as duas coisas se encontram, como em *Os Bons Companheiros*, no qual se reuniu o melhor de dois mundos: 26 milhões de dólares para fazer um filme pessoal."

...A CRÍTICA

"Não sou um crítico – gosto muito de filmes para ser um."



l um crítico. Gosto demais de
l para exercer essa profissão"


Alie
A Ressurrei

ção

A tenente Ripley está morta; vida longa à tenente Ripley, que acaba de renascer como um clone para tentar domar a mais mortífera espécie alienígena do universo. Só um probleminha: agora ela também faz parte dessa espécie

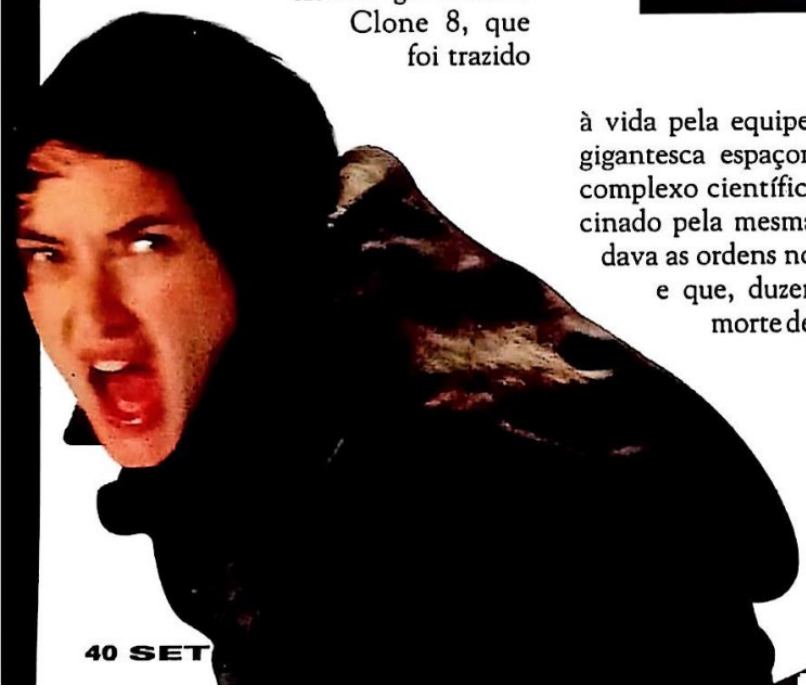
Sigourney treinou basquete por duas semanas para fazer um arremesso perfeito, de costas, para uma cena crucial. Acertou na quarta tentativa

Fotos Fox

"Eles só podem estar brincando!" Foram essas as palavras da atriz Sigourney Weaver quando recebeu o roteiro do quarto filme da série *Alien*, no início de 1995. Sua surpresa era compreensível. Iniciada no final da década de 70 com o assustador original de Ridley Scott, a série ganhou uma inspirada injeção de adrenalina pelas mãos de James Cameron na espetacular seqüência de 1986, mas foi literalmente sepultada pelo mórbido *Alien*^{3}, que David Fincher dirigiu em 1992 – ao final do filme, Ripley, a heroína interpretada por Sigourney, se jogava num fosso cheio de metal derretido para dar cabo da rainha alien alojada em seu peito.

"Se a idéia da Fox era continuar a série com algo tão estúpido quanto *Alien vs. Predador*, eu não queria de jeito nenhum fazer parte daquilo", lembra Sigourney Weaver. "A morte de Ripley em *Alien*^{3} era justamente uma desculpa para que toda a mitologia que envolvia os filmes tivesse um novo começo." Mas ninguém disse que a morte é definitiva em Hollywood – principalmente quando o assunto é uma das mais elogiadas séries de ficção científica geradas pelo cinema.

Recomeços à parte, o roteiro de Joss Whedon, batizado *Alien – A Ressurreição*, seduziu a atriz, mostrando um novo território que, ao mesmo tempo, era estranhamente familiar. Ripley está de volta, mas não como antes. Agora ela é o Clone 8, que foi trazido à vida pela equipe de cientistas da gigantesca espaçonave Auriga, um complexo científico e militar patrocinado pela mesma companhia que dava as ordens no primeiro filme – e que, duzentos anos após a morte de Ripley em *Alien*^{3}, ainda tenta domar a mortífera espécie alienígena para transformá-la em uma arma imbatível.



Um grito no espaço: Winona Ryder encara a ameaça alienígena

O plano dos cientistas é remover a rainha alien do corpo de Ripley para criar uma nova raça de criaturas que possam ser utilizadas para fins militares. Mas tudo dá errado com a chegada de um grupo de mercenários que fornece material genético para os pesquisadores da Auriga: os aliens escapam e a gigantesca astronave perde sua tripulação. Diante da emergência, seus computadores automaticamente tra-

lien
Ressurreição

Brincando de Deus: Brad Dourif é o cientista responsável pela ressurreição da tenente Ripley

Cirurgia bizarra: Ripley tem o alien removido de seu corpo

ça um novo rumo, que a levará de volta ao seu ponto de origem: a Terra.

E como fica Ripley, que teve seu DNA misturado ao do alien? Com os sentidos alterados, sangue ácido nas veias e a lealdade dividida entre sua herança humana e os novos instintos assassinos adquiridos após a clonagem, a personagem passa por sua mais espetacular mutação. "No primeiro *Alien*, Ripley ainda era idealista e ingênua", conta Sigourney. "Mas isso mudou nos outros filmes. Ela estava furiosa e desiludida em *Aliens*, disposta a enfrentar armada as criaturas para ter sua vida de volta. E em *Alien*³ sua única certeza era a de que iria morrer, de que não havia mais esperança."

Mas em *Alien – A Ressurreição*, Sigourney diz que Ripley é totalmente imprevisível e sem amarras – uma nova forma de vida que, aos poucos, descobre suas habilidades sobre-humanas, ao mesmo tempo em que se lembra de uma vida que nunca foi sua. Com um corpo mais em forma, a personagem deixou de ser a recruta do primeiro filme, a guerreira do segundo ou mesmo a vítima de cabeça raspada do terceiro. Agora, ela é a mais ameaçadora heroína de ação do cinema, com um sorriso enigmático e assustador, capaz de causar pesadelos.

Há ainda uma outra diferença significativa entre *Alien – A Ressurreição* e os três episódios anteriores da série. O nome de Sigourney Weaver não enfeita sozinho o cartaz do filme: a outra metade é ocupada pelo de Winona Ryder. Fã de filmes de ficção em geral – e da trilogia *Alien* em particular –, a jovem protagonista de *As Bruxas de Salem* foi a primeira a confirmar presença nesta continuação. "Recebi um telefonema do meu agente, que me perguntou se eu estaria interessada em participar de uma ficção científica", lembra a atriz. "Quando eu lhe disse que só aceitaria se fosse algo parecido com *Alien*, ele respondeu: 'Na verdade, é algo *bastante* parecido'."

Winona interpreta Annalee Call, que integra o grupo de mercenários encarregado de fornecer aos cientistas da Auriga o material genético para suas experiências. Mas Call também possui seus pequenos segredos – uma missão misteriosa que a colocará frente a frente com Ripley. "Call é como Ripley no primeiro filme", conta Sigourney Weaver. "Ela é muito idealista, muito certinha, e não tem a menor idéia do que está prestes a enfrentar." Mais ainda: em meio a criaturas gosmentas, cientistas sem coração, militares alienados e mercenários ambiciosos, Call acaba sendo o personagem mais humano do filme, que faz a ponte entre a angústia de Ripley e o público.

Com o elenco escalado e o roteiro pronto, faltava à equipe de *Alien – A Ressurreição* apenas mais um membro: um diretor. O primeiro nome que surgiu foi o do escocês Danny Boyle. Ainda colhendo os louros pela excelente recepção ao acelerado *Trainspotting*, Boyle foi convidado pela própria estrela do filme, adorou o roteiro e chegou a dizer sim – só que, logo em seguida, entrou em pânico. Ele achava que não conseguiria trabalhar com um orçamento milionário, que o tamanho da produção iria atrapalhar seu relacionamento com os atores, que sua visão do quarto *Alien* seria prejudicada pela constante interferência dos executivos do estúdio, que sempre acreditam saber mais sobre o filme do que o diretor. Finalmente, Boyle decidiu pular fora da produção e foi fazer *A Life Less Ordinary*, com um orçamento menor, Ewan McGregor, Cameron Diaz e seus colaboradores de sempre. →

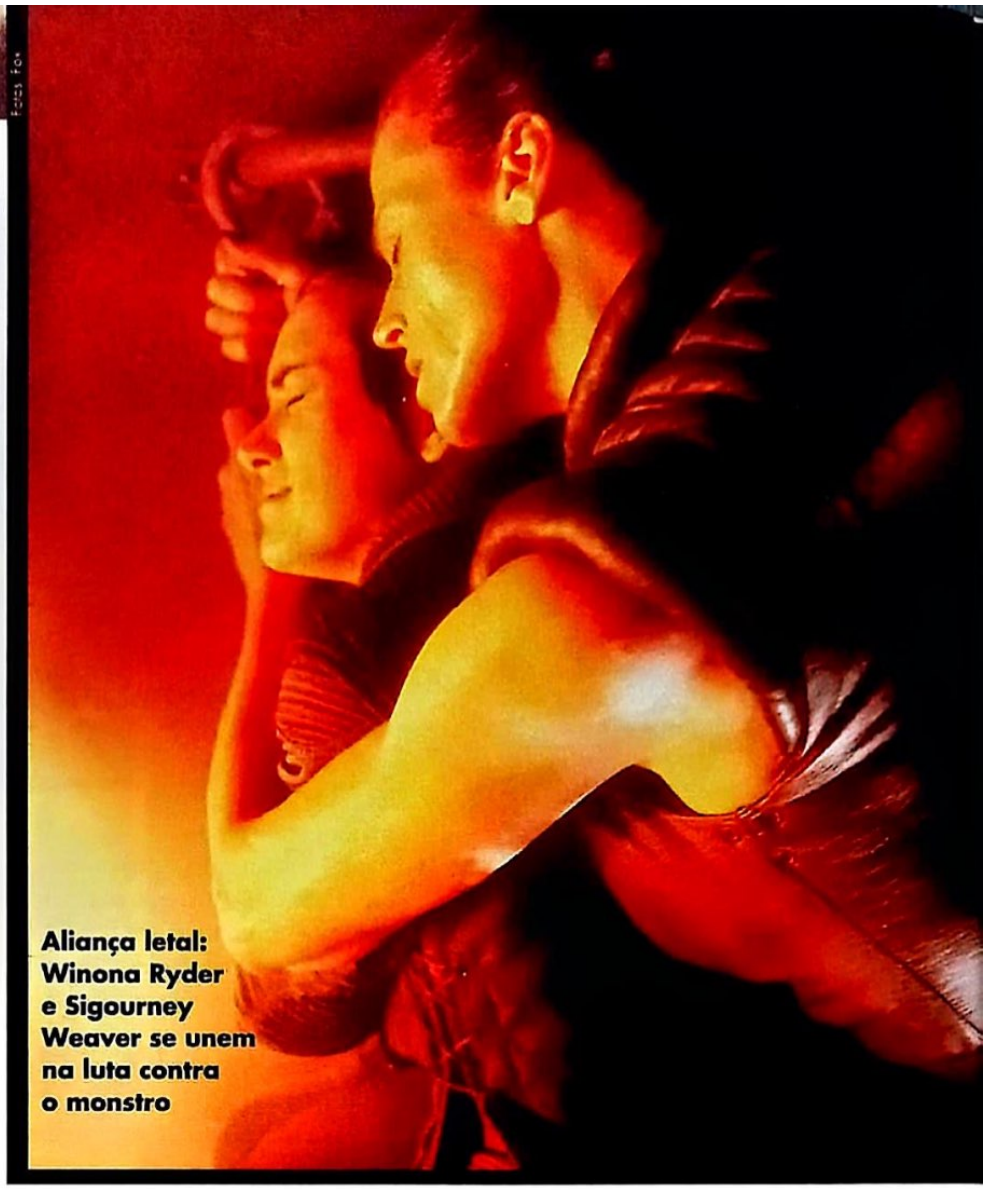
Foi quando, depois de considerar até o veterano David Cronenberg, de *A Mosca* e *Crash*, a Fox optou pelo francês Jean-Pierre Jeunet, responsável pelos delírios visuais *Delicatessen* e *O Ladrão de Sonhos*. Seu nome foi aprovado de imediato por Sigourney Weaver, e logo Jeunet se mudou para a ensolarada Los Angeles, onde *Alien – A Ressurreição* seria filmado (seu parceiro, Marc Caro, ficou em Paris, pois detesta viver em lugares quentes e dirigir automóveis). Só havia mais um probleminha a resolver: Jeunet não sabia nem uma palavra de inglês.

"Meu medo era não entender direito as instruções de Jean", lembra Sigourney, com um largo sorriso no rosto. "Achava que, quando ele dissesse 'faça essa cena com muita ambivalência', eu entenderia 'quero que você dê uma cambalhota'." A solução foi trabalhar com um tradutor – o que não impediu que os técnicos americanos continuassem a resmungar pelos cantos coisas do tipo "por que esse sujeito não pode falar em inglês como todo mundo?".

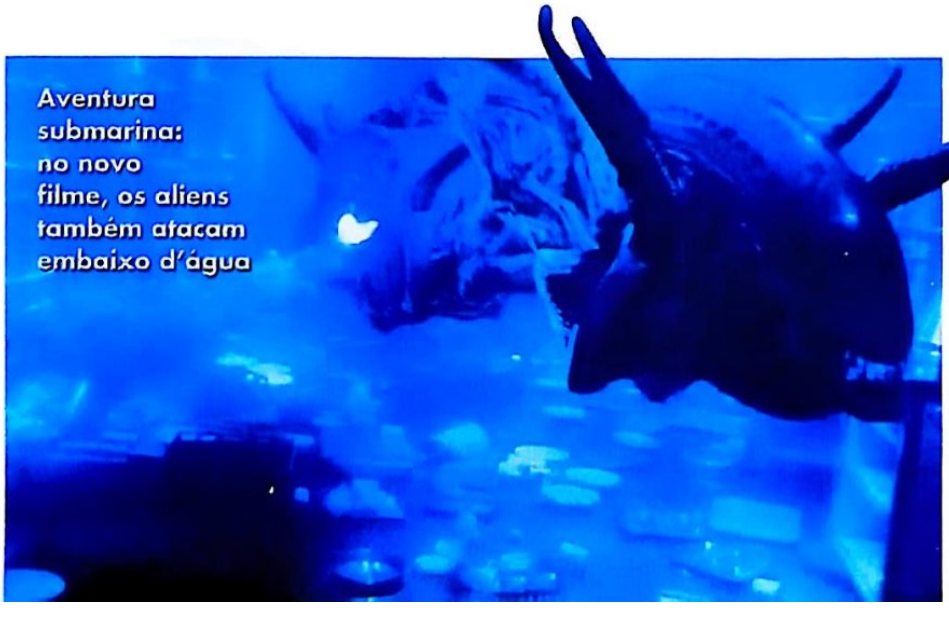
Logo Jeunet começou a colocar em prática suas idéias para o visual do filme. No novo *Alien*, as criaturas são vistas com mais clareza e em mais detalhes – inclusive um novo alien, nunca visto antes, batizado de newborn, ou recém-nascido. Também os cenários ganharam uma atmosfera ainda mais mórbida, graças ao diretor de fotografia Darius Khondji, conhecido por seu trabalho em *Seven*. Ele utilizou uma técnica chamada ENR, que funde imagens coloridas e em preto-e-branco, resultando num interessante visual prateado.

Mas o diretor sabe que o filme não é só visual e criaturas. Acima de tudo, a série é sobre um único personagem: a tenente Ripley. "Gosto de *Alien*^{3}, apesar do pesadelo que o filme representou para o diretor David Fincher", disse Jeunet à revista americana *Movieline*. "Mas acho insuportável quando Ripley morre no final. Fico tão deprimido que imediatamente vou assistir a *Mr. Bean*."

O diretor acredita que a personagem se tornou real porque conseguiu manter sua personalidade ao longo dos três filmes sem se vulgarizar ou cair numa linha meio Rambo nas cenas de ação. "Ela é forte, mas não é fechada", prossegue, "e Sigourney representa essa força". Uma cena em particular comprova a obstinação que a atriz empresta à sua personagem: um jogo de basquete a bordo da Auriga, no qual Ripley, pela primeira vez, revela ter se tornado algo mais do que um ser humano. Demonstrando uma habilidade incomum, ela arremessa a bola de costas para a tabela, acertando a cesta a uma impossível distância de meia quadra.



Aliança letal: Winona Ryder e Sigourney Weaver se unem na luta contra o monstro



Aventura submarina: no novo filme, os aliens também atacam embaixo d'água

Alien
A Ressurreição

Sem falar uma palavra em inglês, o diretor Jean-Pierre Jeunet contratou um tradutor. Mas a equipe, toda americana, continuou fazendo cara feia

Sigourney treinou com o ex-astro do basquete Nigel Miguel por duas semanas. No primeiro dia, conseguiu acertar depois de dez tentativas. Sua média foi diminuindo para uma cesta a cada seis tentativas, até o momento da filmagem. Jeunet ainda tentou convencer a atriz de que seria mais fácil fazer a cena com efeitos especiais, mas Sigourney foi irredutível. Na quarta tentativa, arremessou a bola de costas para a tabela e acertou em cheio, para espanto de toda a equipe. Ela caminhou vitoriosa até o diretor que, surpreendentemente, estava decepcionado – a bola saíra do enquadramento da câmera. Ele acreditava que, apesar do esforço, o público ainda iria achar que era uma cena de efeitos especiais. "Se serve de consolo", disse a atriz, "conto para todo mundo que fui eu mesma quem fez a cesta".

Apesar da sorte na quadra de basquete, as primeiras cenas que Jean-Pierre Jeunet decidiu colocar em celulóide, em novembro de 1996, mostraram-se as mais difíceis da carreira de Sigourney e de Winona. O roteiro pedia uma perseguição submarina numa parte danificada da espaçonave Auriga, que termina justamente no ninho da rainha alien. No escuro, sem nenhum equipamento de mergulho e confinadas a um ambiente claustrofóbico, as atrizes superaram suas limitações e enfrentaram seu medo – especialmente Winona Ryder.

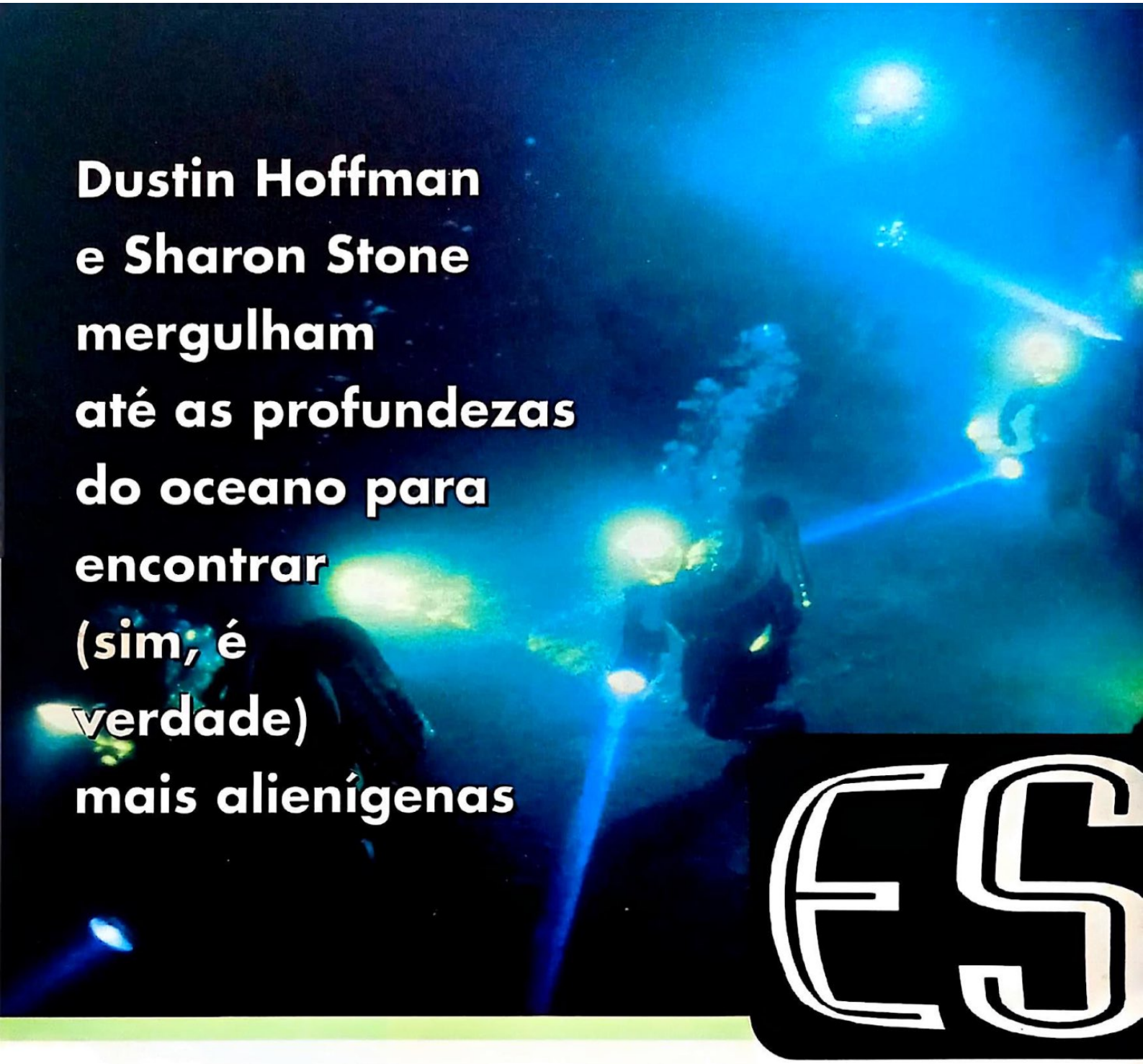
"Eu quase me afoguei quando tinha doze anos", recorda Winona. "Então, quando vi aquele imenso tanque de água, cheio de mergulhadores, entrei em pânico. Tínhamos mergulhadores com oxigênio extra preparados para nos levar até a superfície em caso de emergência, mas ainda assim eu não conseguia relaxar". Sigourney Weaver também acreditava que não conseguiria levar a cena até o fim: "Eu disse a mim mesma: 'Ripley é corajosa, Ripley não teria medo'. Mas a cena era complicada demais e, dentro d'água, sou uma figura patética". Na seqüência, Sigourney tinha de mergulhar quase cinco metros abaixo da superfície, agarrar um respirador e tomar fôlego. Em seguida, a atriz deveria nadar mais dez metros por um labirinto submarino e subir até uma pequena abertura no cenário, que dava na superfície – com o teto cheio de tubos e dutos de ar, não havia outra saída.

Jeunet acredita que o primeiro filme foi feito por artistas, e as continuações foram trabalhos de habilidosos artesãos. O diretor define *Alien* como uma obra de arte, uma entidade com vida própria; *Aliens – O Resgate*, seria o filme de ação mais eficiente e preciso da história, ao passo que *Alien*³ transbordava estilo, mas tinha seu brilho ofuscado por sérios problemas de roteiro. "Já *Alien – A Ressurreição*", afirma Jeunet, numa mistura de ironia e de esperança, "é o melhor de todos. Só que tenho de esperar o filme ser exibido na França, com legendas, para entender do que se trata".

Roberto Sadovski

(Alien: Resurrection, EUA, 1997) **Direção:** *Jean-Pierre Jeunet.* **Com** *Sigourney Weaver, Winona Ryder, Ron Perlman, Dominique Pinon, Gary Dourdan, Michael Wincott, Kim Flowers, Dan Hedaya, J.E. Freeman, Brad Dourif. 108 min.*

Alien à francesa: o diretor Jean-Pierre Jeunet (*à esquerda*) imprimiu seu estilo visual à nova aventura de Ripley



Dustin Hoffman e Sharon Stone mergulham até as profundezas do oceano para encontrar (sim, é verdade) mais alienígenas

ES

A fórmula básica das histórias do escritor Michael Crichton que têm sido levadas às telas ultimamente é uma só: a investigação de um estranho fenômeno por um grupo de conceituados cientistas que, se calham de sobreviver à experiência, emergem dela transformados para sempre. Foi assim com *Jurassic Park*, *Twister* e *O Mundo Perdido*. E *Esfera*, o mais novo da linhagem, não foge à regra.

No filme – baseado num pouco conhecido livro do autor, publicado em 1987 –, quatro cientistas são convocados pelo governo americano para investigar os escombros de uma nave espacial de origem alienígena nas profundezas do Pacífico: o astrofísico Ted Fielding (Liev Schreiber), o psicólogo Norman Goodman (Dustin Hoffman), a bioquímica Beth Halperin (Sharon Stone) e o matemático Harry Adams (Samuel L. Jackson). A experiência coloca em confronto a lógica científica e o inexplicável, além de desvendar os egos e as inseguranças dos cientistas, que entram em choque com o representante do governo encarregado de supervisionar e manter secreta a missão, o enigmático Harold Barnes (Peter Coyote).

Aos poucos, a equipe descobre os mistérios da espaçonave. As análises iniciais indicam que ela está no fundo do oceano há pelo menos três séculos. Dentro da nave há uma enorme esfera, composta de uma substância semelhante ao mercúrio, e que parece estar viva. A esfera – ou a entidade que a habita – faz contato com os cientistas, assumindo o controle do computador do refúgio submarino que o governo construiu, e comunicando-se por meio de uma linguagem que somente o matemático consegue decifrar. Embora no começo pareça dócil e ávida

FERA

Viagem ao fundo do mar: Sharon Stone e Dustin Hoffman lideram a equipe de cientistas que investiga uma nave no fundo do oceano nesta ficção dirigida por Barry Levinson

por obter informações (afinal, foram centenas de anos sem nenhum contato inteligente), a esfera logo se torna hostil e despacha para cima do refúgio uma coleção de desgraças, de águas-vivas assassinas a um superpolvo que parece ter sido importado do clássico *20 Mil Léguas Submarinas*.

Os fãs mais ardorosos de ficção científica vão identificar de imediato as dezenas de referências (alguns diriam cópias descaradas) dos maiores clássicos do gênero que estão espalhadas por *Esfera*, a começar, claro, por *Alien – O Oitavo Passageiro*. O diretor Barry Levinson bem que tentou acertar na mistura de ficção, terror e filosofia hollywoodiana proposta por Crichton no livro, convocando os serviços dos roteiristas Stephen Hauser e Paul Attanasio (responsável pelo roteiro de *Donnie Brasco* e de *Quiz Show*), e escalando um elenco de bons atores – e não adianta dizer que Sharon Stone no papel de cientista é pedir demais dela como atriz, porque *Cassino* está aí para demonstrar do que ela é capaz.

Mas nem os roteiristas nem Levinson conseguiram fugir do aspecto barato e nada original da proposta do livro de Michael Crichton: muitas vezes, os atores parecem estar recitando uma peça de ginásio mal ensaiada. E os efeitos visuais, descontados alguns momentos notáveis – por exemplo, quando Dustin Hoffman e Sharon Stone descobrem como a nave foi parar no fundo do oceano –, não convencem. O ator, por sinal, foi obrigado a interromper seu trabalho por uma semana por causa de um acidente ocorrido durante as filmagens: depois de dar um mergulho mal calculado, Hoffman bateu a cabeça e teve de levar 25 pontos. "Notei que estava sangrando", lembrou o ator numa entrevista, "mas fiz o que tinha de fazer para não estragar a tomada". →

ESFERA

Perdida nas profundezas: Queen Latifah mergulha fundo

Dustin Hoffman sofreu um acidente e levou 25 pontos na cabeça, mas não interrompeu as filmagens

A produção de *Esfera* quase foi engavetada pela Warner quando os cenários do filme já estavam sendo construídos. A explicação dos chefões do estúdio foi a falta de uma ameaça real, capaz de atrair os fãs mais *hardcore* de ficção – o "vilão" do filme é uma estrutura amorfa, capaz de fazer com que as pessoas vivam seus maiores pesadelos por meio de alucinações bastante reais, e não um monstro gosmento. Mas, na verdade, o problema foi o orçamento que já encostava em 100 milhões de dólares, e as filmagens na água: com as histórias cada vez mais assombrosas que chegavam do set de *Titanic*, ninguém em seu juízo perfeito estava disposto a dar o sinal verde para mais um filme ambientado no mar.

A solução encontrada por Barry Levinson foi podar o orçamento onde ia doer menos – no caso, nos efeitos especiais. A poderosa Industrial Light & Magic, que havia sido contratada para trabalhar no filme, foi descartada de imediato por cobrar muito caro. Em seu lugar, foi chamada a dupla independente Jeff Okun e Tom Boland, que havia trabalhado em *Duro de Matar 2* e em *Stargate*. Levinson ainda prometeu aos executivos da Warner que os custos de *Esfera* não iriam, de maneira nenhuma, ultrapassar os 80 milhões – mesmo com todos os problemas que pudessem surgir durante uma filmagem submarina.

No final das contas, *Esfera* nos propõe mistérios intrigantes, como as origens da misteriosa estrutura encontrada no interior da espaçonave, ou mesmo se ela pertence ao nosso planeta e ao nosso tempo. Mas a conclusão sobre sua função e a origem dos males que se abatem sobre a equipe de cientistas é, no mínimo, frustrante. E, para os *voyeurs* de plantão, sempre à espera de ver a estrela de *Instinto Selvagem* ao natural, um aviso: Samuel L. Jackson tem uma cena no chuveiro. Sharon Stone não.

José Emilio Rondeau
Roberto Sadovski

***(Sphere, EUA, 1998) Direção:** Barry Levinson. **Com** Dustin Hoffman, Sharon Stone, Samuel L. Jackson, Liev Schreiber, Peter Coyote, Queen Latifah, Marga Gómez. 133 min.*

O TERROR TOMA FORMA

Quando os alienígenas atacam, o recurso mais comum para apavorar os seres humanos é a... geometria. Alguns exemplos geométricos de terror espacial:

CILINDRO

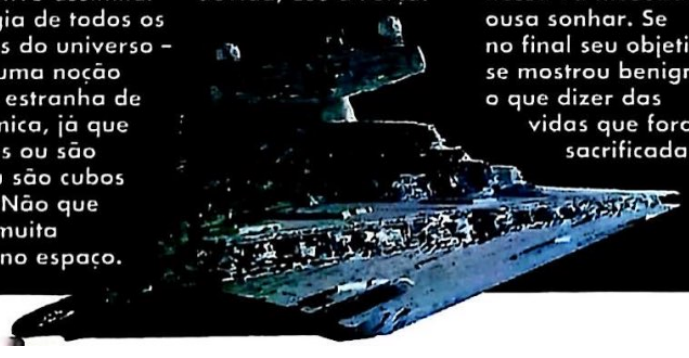
A sonda de *Jornada nas Estrelas 4 – A Volta para Casa*
No quarto filme de uma das mais festejadas séries de ficção do cinema, uma raça alienigena tenta se comunicar com as baleias da Terra sem saber que elas são uma espécie há muito extinta. O ultimato: se não surgir uma baleia para falar com os aliens, sua sonda cilindrica irá vaporizar os oceanos de nosso planeta.

CUBO

A nave Borg de *Jornada nas Estrelas: Primeiro Contato*
Os borg – uma raça alienigena que tem como único objetivo assimilar a tecnologia de todos os seres vivos do universo – possuem uma noção um pouco estranha de aerodinâmica, já que suas naves ou são esferas ou são cubos perfeitos. Não que isso faça muita diferença no espaço.

TRIÂNGULO

O destróier espacial da trilogia *Guerra nas Estrelas*
O destróier é uma das armas mais poderosas do Império, capaz de pulverizar uma armada rebelde enquanto Darth Vader relaxa despreocupado em seu santuário na Estrela da Morte. Na dúvida, use a Força!



RETÂNGULO

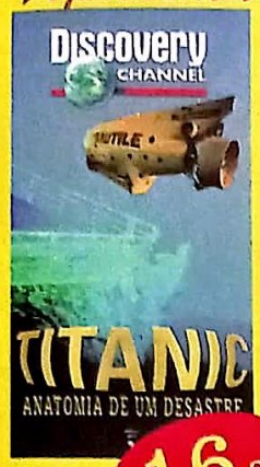
O monolito de *2001* e *2010*
Ninguém sabe qual a sua intenção. Mas o fato é que o monolito negro que assustou o homem no início dos tempos e num futuro não muito distante carrega mais enigmas do que nossa vã filosofia ousa sonhar. Se no final seu objetivo se mostrou benigno, o que dizer das vidas que foram sacrificadas?

PIRÂMIDE

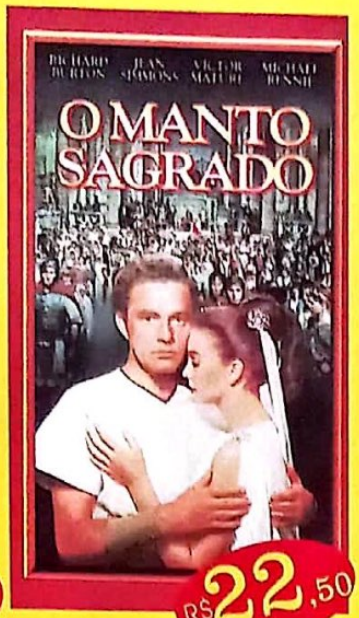
A nave de Rá de *Stargate*
Elas se encontram no Egito, em repouso, guardando enigmas que o homem ainda não conseguiu desvendar por completo. Mas, segundo a cartilha de Roland Emmerich e Dean Devlin, as pirâmides são, na verdade, instrumentos de guerra – a "força aérea" dos antigos deuses egipcios. É melhor que alguns mistérios permaneçam sem solução.

Discovery

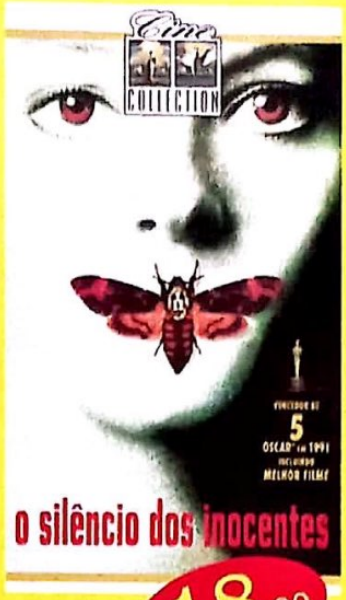
Apresenta



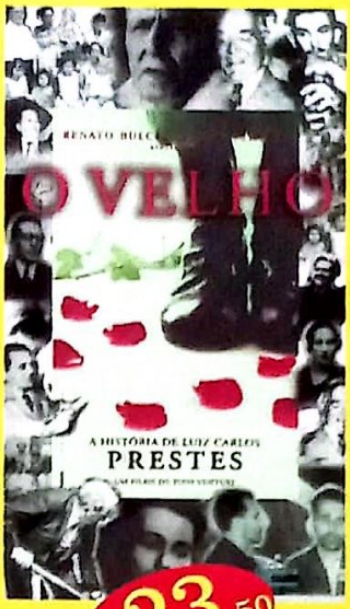
R$16,90



R$22,50



R$18,90



R$23,50

R$25,50 Cada

R$18,90

Tesouros do Cinema Brasileiro

R$17,50 Cada

Coleção
CLINT EASTWOOD

R$109,00

Vol . 1

- Perseguidor implacável
- O destemido senhor da guerra
- Impacto Fulminante
- O Cavalheiro Solitário
- Sem medo da morte

videoteca

Av. Paulista,726
Tel :(011) 288-4788
De segunda à sábado
até as 21:00 Hs
São Paulo

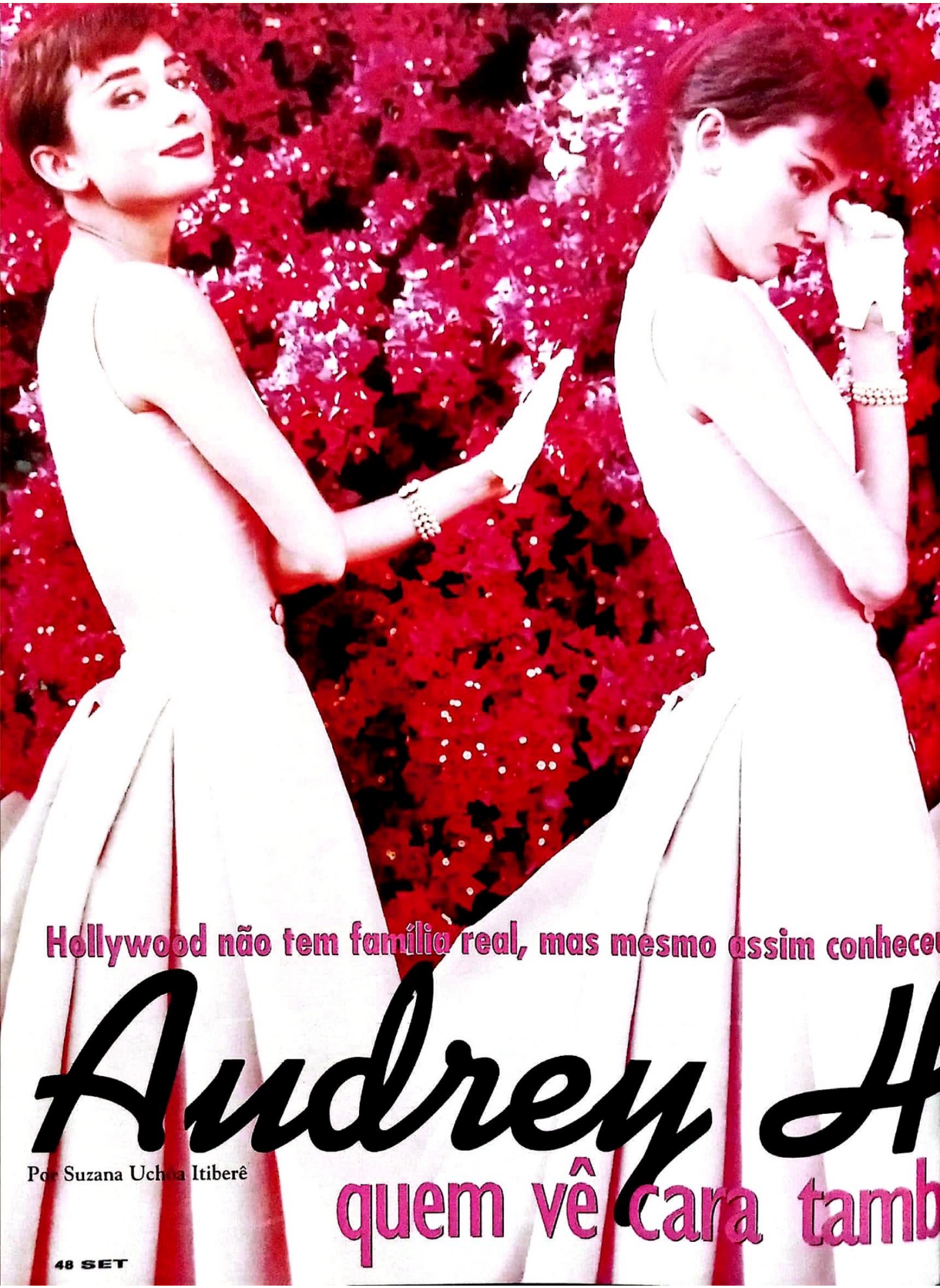
Av. Sumaré,1744
Tel :(011) 3872-4912
Todos os dias até Meia-Noite
Estacionamento Próprio
São Paulo-SP

Av. Cidade Jardim,1000
Tel :(011) 813-7546
Todos os dias Meia-Noite
Estacionamento Próprio
São Paulo-SP

Enviamos para todo Brasil via sedex - Aceitamos todos os cartões de crédito

LANÇAMENTOS DO MÊS

*Preços não incluindo o valor de sedex



Hollywood não tem família real, mas mesmo assim conhece

Audrey H

quem vê cara tamb

Por Suzana Uchôa Itiberê

Fotos: Sygma

de perto uma princesa:

epburn
ém vê coração

Quando tinha dezesseis anos, Audrey vivia em Arnhem, na Holanda. Era uma tarde de 1945 e ela foi fazer compras no centro, onde as lojas menos danificadas pelos bombardeios alemães haviam reaberto as portas. Ao dobrar a esquina, Audrey se chocou com um soldado alemão armado de metralhadora, que conduzia cinco meninas. Ele ordenou que se juntasse a elas, avisando que um caminhão as levaria ao quartel-general. Num segundo, ela percebeu que sua única chance seria fugir. Quando seu captor deixou de lado a arma para acender um cigarro, ela, correndo, deu a volta no quarteirão e enveredou por uma alameda até o porão de uma casa bombardeada. Exausta, adormeceu. Na escuridão, Audrey perdeu a noção das horas. Quando a fome apertou, ela se arriscou e foi para casa por vias secundárias. Seria difícil descrever a acolhida de sua mãe, para quem a filha já estava morta ou, como seu meio-irmão, fora enviada a um campo de trabalhos forçados. Naquele lugar gelado, porém, Audrey contraiu icterícia e reumatismo. Além disso, a desnutrição sofrida durante a guerra afetou permanentemente seu metabolismo, forçando-a a fazer constantes regimes de engorda.

Oito anos depois, quando a jovem alta e magra, dona de expressivos olhos de gazela e de um contagiante sorriso subiu ao palco para receber o Oscar por *A Princesa e o Plebeu*, ninguém na platéia poderia desconfiar que, havia pouco tempo, aquela figura que exalava serenidade sofrera na carne os infortúnios da Segunda Guerra. Uma das muitas lições da guerra, dizia Audrey, é que o corpo e a mente podem resistir a privações que parecem insuportáveis. "Um dia, minha tia avisou: 'Amanhã não teremos o que comer, então é melhor ficar na cama para manter as energias'." Naquela noite, um membro da Resistência levou alimentos à família: farinha, geléia, aveia e manteiga. "Não quero parecer pretensiosa", disse mais tarde, "mas, desde pequena, tenho essa fé de que as coisas sempre se ajeitam. Passei por maus momentos, mas, quando cheguei ao fundo, sempre encontrei algo".

Talvez esse inabalável otimismo fosse o maior segredo de Audrey frente aos obstáculos do destino – que não foram poucos. Mas ela soube lidar com eles de forma tão iluminada que logo as coisas entravam nos eixos. Não havia histeria, não havia escândalos, não havia crises de depressão e muito menos internações em clínicas de desintoxicação. Audrey era mesmo única. Nem um câncer no cólon abalou seu ânimo. Aos 63 anos, enfrentou a avassaladora doença com o mesmo equilíbrio de sempre. Sobreviveu apenas três meses. Morreu durante o sono, em sua mansão na Suíça, em 20 de janeiro de 1993. Em se tratando de Audrey, os sofrimentos e as tristezas não se transformaram na destruidora carga dramática presente na biografia de atrizes como Marilyn Monroe, Judy Garland ou Liz Taylor.

Audrey, na verdade, tornou-se imortal por representar exa- →

Audrey Hepburn

"A última coisa que uma atriz deveria ser é tímida. Mas sou *muito* tímida, e morro de medo de entrar em cena"

tamente o oposto de tudo aquilo que Hollywood costuma significar: escândalos, exageros e, muitas vezes, vulgaridade. Com uma imagem frágil, tímida e delicada, ela fugia aos estereótipos de beleza da época. Magra feito um caniço, não exibia as curvas avantajadas ou a sexualidade latente de ícones como Marilyn. Tinha, porém, algo mais: classe.

Audrey era a personificação da elegância. Unia o máximo de naturalidade ao máximo de sofisticação e cativava a todos com uma vivacidade intelectual sem esnobismo. Era, sem dúvida, uma figura rara em meio à ignorância de Hollywood. "Ela é uma de nós", sussurrou a rainha-mãe à filha Elizabeth quando apresentada à atriz. O grande amigo Hubert de Givenchy disse que Audrey o fazia pensar em um "passarinho perdido". O diretor Billy Wilder deu a palavra final: "Para se tornar uma estrela de verdade, é preciso um elemento extra que Deus pode lhe dar ou não. Já se nasce com ele; não se pode aprendê-lo. E Deus beijou o rosto de Audrey Hepburn".

Sua vida não pode ser narrada como a história de Cinderela porque ela jamais foi Gata Borralheira. Filha da baronesa holandesa Ella van Heemstra e do banqueiro inglês Joseph Victor Anthony Hepburn-Ruston, ela nasceu em Bruxelas com o nome de Andrey Kathleen Ruston. Andrey, feminino de Andrew, era de difícil pronúncia e logo virou Audrey. O sobrenome Hepburn (de um antepassado) foi elaborado pela baronesa, que persuadiu o marido de que um nome hifenado lhe daria status. Embora nascida na Bélgica, foi registrada como britânica. Os pais eram divorciados, e a garota herdou dois irmãos por parte de mãe.

Os primeiros anos foram privilegiados. Os Ruston moravam numa propriedade chamada Castelo Santa Cecília. Criada junto aos irmãos, ela desde cedo desenvolveu o jeito de moleca. Detestava brincar de boneca; preferia subir em árvores e fazer travessuras. Gostava de ouvir música clássica e de ler Rudyard Kipling e Robert Louis Stevenson. Graças ao ambiente em que vivia, ela nasceu poliglota, falando inglês, francês, flamengo e holandês numa idade precoce. Seu maior sonho, no entanto, era ser bailarina. A postura impecável e o andar de pluma vieram das aulas que adorava freqüentar.

Nessa época, seus pais se envolveram com sir Oswald Mosley, defensor do fascismo na Inglaterra. Quando a família se mudou para Londres, a atividade política do casal tornou-se intensa, deixando de cabelos em pé o pai da baronesa, que temia que a filha virasse nazista. Um dia, quando Audrey tinha seis anos, seu pai saiu de casa e nunca mais voltou. "Foi o maior trauma da minha vida", recordava. "Minha mãe chorava dia e noite. Era assustador ver seu rosto coberto de lágrimas. Esse dia ficou guardado em mim, afetando meus relacionamentos", admitiu. "Quando me apaixonei e me casei, vivia sob o temor de ser abandonada. Aprendi que é impossível amar sem o medo da perda." A verdade, entretanto, é que Joseph foi embora pelas mãos do barão que, ao que parece, ameaçou o genro com um processo por ter desviado dinheiro da família para o partido.

Quando a guerra foi declarada, a baronesa decidiu ficar com os filhos na Holanda, prevendo a invasão da Inglaterra. Foi sair da frigideira para o fogo. A ocupação inglesa nunca se efetivaria. Em 1940, porém, os alemães invadiram a Holànda, dando início ao capítulo mais sombrio da vida de Audrey. Não é preciso detalhar as conhecidas mazelas da guerra, mas a atriz viveu boa parte delas na pele. Da terrível visão dos judeus sendo encaixotados em trens e levados para os campos de extermínio, passando pela fome e culminando com a execução de um tio, a fuga do irmão mais velho e o envio do outro para o trabalho forçado, pode-se dizer que sua adolescência foi repleta de desgraças. Além do confisco dos bens da família e das péssimas condições de vida, ela ainda teve de interromper os estudos de balé, sua única felicidade, após o bombardeio da escola. Ao fim da guerra, Audrey voltou com a mãe à Inglaterra só para estudar dança. Entretanto, aos dezessete anos e com pouca prática, o sonho de se tornar uma bailarina parecia cada vez mais distante.

"Meu Deus, esta é a minha Gigi!", exclamou a escritora francesa Colette ao deparar com Audrey nas filmagens de *Monte Carlo Baby*, em Mônaco. Era 1951 e, a essa altura, a necessidade financeira a obrigara a deixar o balé e a se arriscar como modelo e atriz, fazendo pontas em filmes insignificantes e participando de espetáculos musicais. Colette conseguiu que a mocinha inexperiente fosse a protagonista da versão de seu famoso romance na Broadway. A peça foi um sucesso. Nessa mesma época, o diretor William Wyler estava em Londres preparando-se para seu próximo filme, *A Princesa e o Plebeu*. Aproveitou para testar algumas candidatas. "Eu não tinha idéia de quem era Wyler. Era muito inexperiente e fui à entrevista de

A fome e as doenças contraídas durante a Segunda Guerra abalaram

farra", ela contou. Durante um close, Audrey ficava de costas para a câmera e, lentamente, virava-se para encará-la. "Ao fazê-lo, ela deu uma piscadela impertinente que não estava no roteiro", lembra o diretor do teste. "Imediatamente, eu soube que ela ganharia o papel." Além de estrear sob a batuta do influente Wyler, diretor de *Ben-Hur*, ela teve a chance de contracenar com Gregory Peck. "A última coisa que uma atriz deve ser é tímida, e sou *muito* tímida" admitiu. "Morria de medo de entrar em cena e não tinha técnica nenhuma."

Audrey teve a sorte de interpretar uma princesa, pois, como dizia a figurinista Edith Head, "tinha pose de duquesa de Windsor". De qualquer forma, sua atuação resultou tão encantadora que Peck exigiu que o nome da atriz fosse colocado ao lado do seu no cartaz. As filmagens em Roma foram descontraídas. Na cena em que Peck a leva à Boca da Verdade, uma relíquia esculpida no Coliseu, o ator decidiu assustá-la. "A lenda diz que ali dentro há um monstro que devora a mão de quem não diz a verdade", Peck explicou. "Eu devia enfiar a mão na fenda e fingir que ela tinha sido comida. Audrey não estava preparada para o meu truque, com a mão escondida no paletó." Houve, porém, momentos difíceis, como a cena da despedida no carro. "Eu tinha de chorar. Era tarde e estava cansada, e nem com substâncias químicas conseguia verter uma lágrima", ela recordou. "Então Wyler gritou: que diabos! Não acha que já deveria saber o que é atuar?" O artifício funcionou: magoada, ela explodiu em lágrimas. Assim como Peck, o público e a Academia se renderam ao carisma de Audrey e ela arrebatou o Oscar de atriz por seu primeiro filme. Foi indicada mais quatro vezes e levou um Oscar pelo conjunto da obra. "Fui praticamente jogada nessa profissão, indo de um filme a outro como se estivesse tentando alcançar a mim mesma", analisava.

Pode-se dizer que o que aconteceu dali para a frente foi digno de um conto de fadas. Por quinze anos, Audrey reinou absoluta, tornando-se uma das atrizes mais bem pagas da época – um milhão de dólares por filme. Provou que podia ser mais que uma princesa: foi a filha de um motorista em *Sabrina*, freira em *Uma Cruz à Beira do Abismo*, viúva em *Charada*, florista em *Minha Bela Dama*, cega em *Um Clarão nas Trevas*, intelectual em *Cinderela em Paris* e até garota de programa, em *Bonequinha de Luxo*. Truman Capote, o autor do romance em que se baseou este último, não escondeu o desgosto por não ter Marilyn no papel da sensual Holly Golightly – mas foi justamente com esse filme que a imagem de atriz ficou gravada na memória do público.

Audrey teve o privilégio de ser dirigida por Billy Wilder, King Vidor, Fred Zinneman, John Huston e Stanley Donen. Atuou ainda ao lado de gigantes como Cary Grant, Gary Cooper, Humphrey Bogart, Fred Astaire e Henry Fonda. Mas, ao contrário de muitas atrizes que trabalhavam a toque de caixa, ela fazia no máximo dois filmes por ano. Sua filmografia não pode ser considerada extensa: 26 produções, contando seis títulos insignificantes do início de carreira. Será, então, que ela não se dedicou com afinco à profissão? "Dava tudo de mim, num esforço fenomenal para atuar", afirmava. Logo, ➜

Corbis Fran

Audrey Hepburn

"Agüentei meu segundo marido por tanto tempo porque não queria que meu filho crescesse sem pai, como eu"

porém, demonstrou que o trabalho não era sua prioridade.

Por ter vivido reclusa na adolescência, Audrey teve seu primeiro romance só aos 21 anos. Ela se apaixonou pelo cantor Marcel Le Bon, que se dizia um novo Maurice Chevalier. Mas a carreira ascendente de ambos e a agenda lotada de Le Bon deram fim ao namoro, sem traumas. Com o playboy James Hanson, a coisa foi mais séria: os dois ficaram noivos, só que, novamente, o trabalho acabou separando-os.

Durante as filmagens de *Sabrina*, Audrey descobriu o que era o estrelismo. Humphrey Bogart passava o dia reclamando que achava absurdo contracenar com uma atriz inexperiente. Intimidada pelos maus modos do ator, ela encontrou consolo nos braços de William Holden, com quem iniciou um romance apaixonado. "Audrey despertava sentimentos paternais nos homens", observou Holden. Havia, porém, vários empecilhos: Holden era casado, tinha feito vasectomia e, pior, era alcoólatra (morreu em 1981, após um tombo durante uma bebedeira). O caso terminou junto com as filmagens.

Foi durante um coquetel na casa de Gregory Peck que Audrey foi apresentada a Mel Ferrer. Doze anos mais velho, Mel era a imagem da segurança. Juntos, estrelaram na Broadway a peça *Ondine*, que rendeu à atriz o prêmio Tony. Casaram-se em 1954. Audrey nunca escondeu que queria ser mãe e esposa acima de tudo – inclusive da carreira. "Considero o casamento sagrado e seria capaz de esquecer de tudo o mais se ele estivesse ameaçado", garantiu. Os Ferrer compraram uma casa de sonhos na Suíça: uma construção de 1730, próxima a Lausanne. Nessa propriedade cercada por um pomar, cheia de flores e de animais, Audrey pretendia se dedicar só à família. Mas ela logo sofreu dois abortos, que a deixaram arrasada. Para melhorar seu ânimo, Mel presenteou-a com o terrier Mr. Famous. Os colegas comentavam que ela tratava o cachorro como a um filho, e que seu comportamento parecia neurótico. Quando, em 1959, engravidou novamente, ela fez repouso absoluto até dar à luz um menino, Sean Ferrer.

Quando as tentativas de formar uma dupla de sucesso com a mulher se mostraram inúteis, Ferrer virou seu empresário. Foi produtor e diretor de filmes como *Um Clarão nas Trevas* e *A Flor que Não Morreu*. Mas, na medida em que suas carreiras evoluíam em sentido inverso, Mel tornou-se ciumento do sucesso de Audrey. Dizem que foi a insistência de querer agir como seu tutor, inclusive financeiramente, que levou à separação, após treze anos. Mas o ponto final parece mesmo ter sido o caso que ela teve com Albert Finney nos sets de *Um Caminho para Dois*.

Desiludida, Audrey saiu num cruzeiro pela Grécia – e nele conheceu o psiquiatra italiano Andrea Dotti. Se no cinema quase sempre contracenava com homens que poderiam ser seu pai, na vida real ela tinha uma queda pelos mais jovens. Nove anos mais moço e ultra-romântico, Dotti parecia ter a palavra "playboy" escrita na testa. Carente, ela caiu na rede e eles se casaram.

Em 1968, no auge da carreira, Audrey deixou o cinema para se tornar a Sra. Dotti. Deu à luz outro menino, Luca, e parecia feliz. "Não sinto falta do trabalho. Acho divino poder dormir de manhã e ficar esperando os meninos voltarem da escola", declarava. O problema é que Dotti se revelou um legítimo Don Juan e volta e meia era visto com outras mulheres. Talvez o retorno ao cinema, após oito anos, tenha sido um jeito de espairecer. Embora filmes como *Robin e Marian* não tenham feito muito sucesso, ela foi recebida de braços abertos pela crítica. "Agüentei tanto tempo com Dotti por causa de Luca. Não queria que ele crescesse sem pai, como eu", disse ao fim do casamento de dez anos.

Recém-separada e já na casa dos cinqüenta, ela parecia decidida a não ficar sozinha. O eleito foi Ben Gazarra, seu par em *Muito Riso e Muita Alegria*. Dizem que ela o perseguiu com tanta voracidade pelos sets que, assustado com a possibilidade de casamento, o ator decidiu desencorajá-la, aparecendo sempre acompanhado de uma jovem. Funcionou. Audrey, porém, logo conheceu o ator alemão Robert Wolders, oito anos mais novo. Eles nunca se casaram, mas, em Wolders, ela encontrou o homem capaz de devolver seu amor. "Para Robby, tudo está bom, se estiver comigo. Demorei a vida toda para achá-lo, mas antes tarde do que nunca."

Em 1953, quando se preparava para fazer *Sabrina*, Audrey foi a Paris conversar com o jovem estilista Hubert de Givenchy. Informado de que Miss Hepburn assistiria ao lançamento de sua coleção, Givenchy se preparou para receber a estrela Katharine – e ficou desapontado quando em seu lugar entrou Audrey. No mesmo dia, porém, eles deram início a uma amizade para toda a vida. "Givenchy ficou do meu lado nos bons e maus momentos. Posso estar em qualquer parte do mundo: ele estará sempre junto. Num

Quando ia filmar em locação, Audrey levava uma verdadeira mudança

buquê de flores, num telegrama, numa palavra", ela contou. "Audrey me inspira. Ela sabe o que quer e o que lhe cai bem. É impecável", derramava-se Givenchy.

Audrey tornou-se a vitrine ambulante do amigo que, para ela, criou modelos que ditaram moda. A atriz ficou furiosa quando a figurinista Edith Head não deu crédito a ele ao levar o Oscar por *Sabrina*. Afinal, as calças cigarettes copiadas por todas as jovens eram mérito do amigo. Foi com o pretinho usado em *Bonequinha de Luxo* que ela causou o maior impacto: as mulheres passaram a usar vestidos pretos e curtos, penteados em forma de colméia e enormes óculos escuros.

Ao encerrar a era das mulheres exuberantes, Audrey abriu espaço para a simplicidade e a elegância. Nos sets, não tinha frescura. "Era trabalhadora, pontual, inteligente, sensível e modesta", elogiava George Cukor, diretor de *Minha Bela Dama*. Com seu jeito de princesa, ela conquistou o respeito da imprensa, que não tinha coragem de esmiuçar sua privacidade. Audrey, porém, possuía suas manias. Quando filmava em locação, fazia uma mudança de dezenas de volumes. Levava roupas de cama e mesa, talheres, a louça mais apreciada, além dos quadros, livros, fotografias e discos preferidos. Ela também soube usar sua influência, quando exigiu a demissão do cinegrafista Claude Renoir ao ver William Holden envelhecido no copião de *Quando Paris Alucina*.

Como toda lady que se preza, Audrey fumava de piteira, andava com leveza e tinha um cachorrinho que borrifava de perfume e carregava no colo. Mas, por trás da imagem glamourosa, havia uma personalidade incomum. Introspectiva e generosa, ela parecia nunca pensar em si mesma. "Não gosto de pessoas que só sabem receber e nada dão em troca", afirmava. Educada com rigidez, não se esquecia dos ensinamentos da baronesa: "Lembre-se sempre dos outros primeiro. Não fale de si mesma. Você não é interessante. Os outros é que importam". Audrey conta que a mãe não era das mais carinhosas. "Um dia ela disse: para quem não tem talento, é extraordinário onde você conseguiu chegar", recordou. Por trás daquele sorriso tão suave existia, portanto, uma alma cheia de carências e de inseguranças.

"Foi por minha mãe que começei a trabalhar, e minha maior alegria foi poder ajudá-la, e ao meu pai, financeiramente." Ao pai? Sim. Quando estava casada com Ferrer, Audrey reencontrou o sr. Ruston. A atriz sustentou-o até o fim da vida, mas jamais recebeu carinho em troca. Não é à toa que Audrey adorava tanto os animais e as crianças. "Não há criatura mais carinhosa que a criança, que lhe dá um sorriso sem você pedir", comentava.

Talvez por isso Audrey tenha assumido o cargo de embaixadora do Unicef, que levou a estrela a lugares como a Etiópia e a Somália para dar apoio e carinho às crianças assoladas pela fome e pela pobreza. "Eu me preparei para esse trabalho por toda a vida, e finalmente pude realizá-lo", dizia. Embora ela tenha sido o símbolo da realeza de Hollywood, coube a Steven Spielberg dar-lhe seu papel mais apropriado. Audrey estava luminosa em sua última aparição, em *Além da Eternidade* – interpretando, lógico, um anjo. ■

Audrey em vídeo

Os filmes da atriz que estão disponíveis em vídeo no Brasil:

1989 Além da Eternidade (*Always*)

1987 Amor Entre Ladrões (*Love Among Thieves*)

1981 Muito Riso e Muita Alegria (*They All Laughed*)

1979 A Herdeira (*Bloodline*)

1976 Robin e Marian (*Robin and Marian*)

1967 Um Clarão nas Trevas (*Wait until Dark*)

1964 Quando Paris Alucina (*Paris When It Sizzles*)
Minha Bela Dama (*My Fair Lady*)

1963 Charada (*Charade*)

1960 O Passado Não Perdoa (*The Unforgiven*)

1959 Uma Cruz à Beira do Abismo (*The Nun's Story*)

1957 Cinderela em Paris (*Funny Face*)

1956 Guerra e Paz (*War and Peace*)

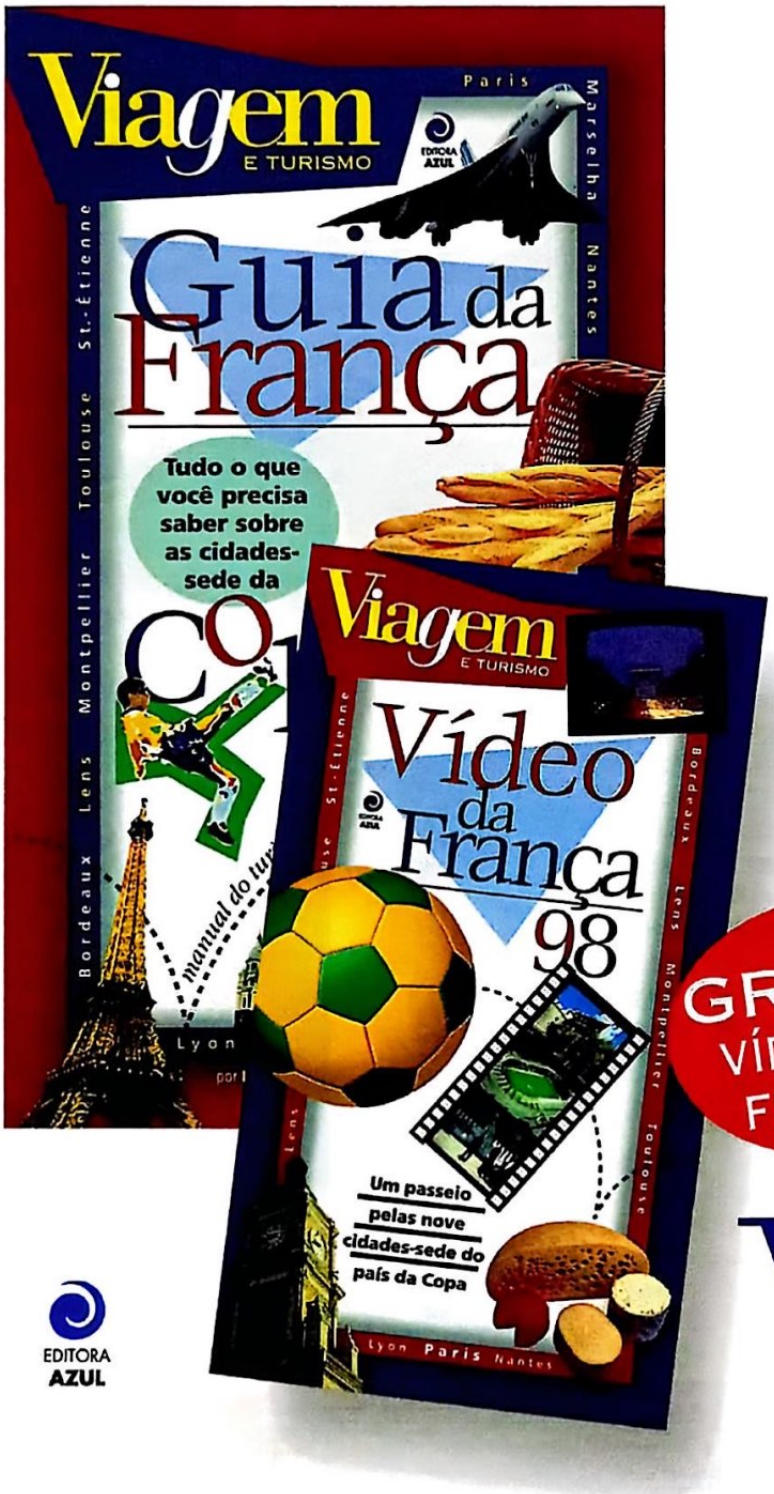
1954 Sabrina (*idem*)

1953 A Princesa e o Plebeu (*Roman Holiday*)

com roupa de cama, louça, talheres, livros, fotografias e até quadros

GUIA DA FRANÇA

PARA QUEM VAI E PARA QUEM NÃO VAI À COPA.



UM LANÇAMENTO DE CRAQUE, QUE ENTREGA O JOGO DAS 9 CIDADES-SEDE DA COPA. DE PARIS A MARSELHA, SEM IMPEDIMENTOS. HOTÉIS, MONUMENTOS, RESTAURANTES, MAPAS E ARREDORES. MAIS DE 500 FOTOS. GRÁTIS: VÍDEO DA FRANÇA 98, COM IMAGENS DESLUMBRANTES.

NAS BANCAS.

GRÁTIS VÍDEO DA FRANÇA

EDITORA AZUL

REVISTA Viagem E TURISMO

PATY'S
HOME VÍDEO

FITAS NOVAS E USADAS

NA PATY'S, VOCÊ ENCONTRA TUDO PARA MONTAR OU AMPLIAR SUA LOCADORA

AQUI VOCÊ GANHA BRINDES ESPECIAIS

• ESTOJOS • ACESSÓRIOS • PORTA POSTERS
• REBOBINADOR • EXPOSITORES • MATERIAL PROMOCIONAL

MONTANDO SUA LOCADORA, O FRETE É POR NOSSO CONTA PARA TODO O BRASIL.

TRABALHAMOS COM TODOS OS LANÇAMENTOS E CATÁLAGOS COM PAGAMENTO E PREÇO ESPECIAIS.

O NOSSO MAIOR OBJETIVO É ATENDELO-LO EM 1º LUGAR.

Rua Dr. Zuquim, 70 - Santana - São Paulo - SP - CEP 02035-020
Disk Vendas: (011) 298-1899
Telefax: (011) 298-1822

CANNE'S
VÍDEO

A SUA REVENDA DE FITAS NOVAS E USADAS

• Todos os lançamentos
• Preços sem concorrência no pagamento à vista ou facilitado
• Novas promoções
• Venha aproveitar!

CONFIRA!

• Monte sua locadora conosco e ganhe expositores, estojos, brindes e transporte gratuito
• Garantia e qualidade

Não compre sem antes nos consultar

SOLICITE NOSSO CATÁLOGO E MALA DIRETA
Fone: (011) 290-2788
Fone-fax: (011) 959-3319

Av. Cruzeiro do Sul, 2752 – Salas 21/22
CEP 02030-100 – Santana – SP – Metrô Carandirú
Horário: Segunda a Sexta das 8:30 às 19:00 horas
Sábado das 8:30 às 16:00 horas

INSTITUTO DE BELEZA, COZINHA EXPERIMENTAL E ATELIÊ DE DECORAÇÃO. MAS PODE CHAMAR DE BANCA DE REVISTAS.

A banca de revistas é o seu portão de embarque para viagens muito úteis pelo mundo da informação.
Lá estão os cortes de cabelo que estão fazendo as cabeças, novidades cosméticas que estão causando furor, os últimos gritos da moda, os truques para deixar sua casa mais bonita e receitas saborosas, testadas, que não têm erro.
Entre numa banca e sinta-se à vontade para saber de tudo!

O jornaleiro ficará feliz com sua visita.

ANER ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS EDITORES DE REVISTAS

os donos

da bol

Numa tarde qualquer em Queens, bairro suburbano de Nova York, dois adolescentes ansiosos por um pouco de sacanagem decidem ir ao cinema assistir a *Les Quatre Cents Coups*, do diretor francês François Truffaut – do qual, aliás, nunca ouviram falar. O chamariz é o titilante título em inglês, *The 400 Blows* (que, embora tenha o inocente significado de "Os Quatrocentos Golpes", pode sugerir a mentes mais predispostas uma orgia à base de sexo oral). Apesar do engano, os irmãos Harvey e Bob Weinstein não se decepcionaram: o pungente drama de Truffaut, que de sacana não tem nada, cristalizou nos dois uma paixão pelo cinema que três décadas depois os colocaria à frente da Miramax, a maior produtora de cinema independente dos Estados Unidos.

O sucesso da Miramax pode ser medido por lucros de incontáveis milhões de dólares. Mas o que realmente impressiona é a lista de seus principais lançamentos: *sexo, mentiras e videotape, Meu Pé Esquerdo, Traídos pelo Desejo, O Piano, Cães de Aluguel, O Carteiro e o Poeta, Pulp Fiction, O Paciente Inglês, Kolya, Trainspotting, Cinema Paradiso*, e, mais recentemente, *Asas do Amor, Gênio Indomável* e *Jackie Brown*. São filmes bastante diversos, alguns ousados, outros nem tanto, mas que têm em comum uma qualidade artística raramente encontrada na linha de montagem dos grandes estúdios de Hollywood – e que permite aos irmãos Weinstein se definir como "operários com gostos iguais aos dos executivos".

Antes de achar sua verdadeira vocação, Harvey e Bob, nascidos respectivamente em 1952 e 1954, tentaram carreira como empresários musicais e chegaram até a seguir os passos dos irmãos Joel e Ethan Coen, os autores de *Fargo*: em 1986, escreveram e dirigiram *Playing for Keeps*, um rotundo fracasso estrelado por Marisa Tomei e que tinha como maior atração uma trilha sonora recheada com Phil Collins, Pete Townshend e Eric Clapton – um feito só possível graças às relações cultivadas no antigo ramo.

A aversão dos dois pelos padrões hollywoodianos de grandeza é tanta – a começar pelo fato de a sede da Miramax ficar do outro lado do país, em Nova York – que Bob recentemente se referiu à mania de produções de 100 milhões sobre forças da natureza, como *Twister, Hard Rain* e *O Inferno de Dante*, como atrações feitas de encomenda para o Canal do Tempo. As ironias são devolvidas na mesma moeda. Uma piada circulante no meio cinematográfico sobre os modos dos irmãos "operários" é que uma família de quatro pessoas poderia sobreviver por um mês apenas com as migalhas que grudam na roupa do opulento Harvey.

Não faltam acusações mais graves, como a de que eles são a reencarnação dos velhos chefões de estúdio todo-poderosos, que jogam duro, com procedimentos agressivos ou até mesmo antiéticos, como "inflar" a renda dos filmes, adotar estratégias de marketing apelativas e interferir na finalização dos filmes – hábito que rendeu ao irmão mais jovem o apelido de "Harvey Mãos-de-Tesoura". Harvey, porém, tem outra justificativa para o temperamento notoriamente explosivo que ele e seu irmão exibem: "Se um país tão pequeno quanto Israel tem um exército tão capaz, é porque os generais ficam na linha de frente da batalha. E, quando as balas estão voando de um lado para o outro, é natural que haja momentos meio tensos", declarou ele à revista *Entertainment Weekly*.

Um exemplo prático da desenvoltura empresarial da dupla pode ser conferido na estratégia de lançamento nos Estados Unidos de *Cinema Paradiso*, em 1990. Notando o grande interesse que havia em torno de *Os Imorais*, a Miramax amarrou uma operação casada: para ter o filme de Stephen Frears, os cinemas teriam de levar também a obra de Giuseppe Tornatore. Resultado da tática: *Cinema Paradiso* é o filme estrangeiro de maior bilheteria em todos os tempos em território americano.

Bob e Harvey dão muito importância ao cartaz promocional do filme e freqüentemente escolhem imagens sensuais – talvez uma lição aprendida com o episódio Truffaut. Na primeira vez que viu o cartaz de *Procura-se Amy*, que destacava a atriz Joey Lauren Adams, →

Famosos pelo temperamento explosivo, pelo tino comercial e pela sede de aventura que os fez bancar filmes como *Pulp Fiction* e *O Paciente Inglês*, os irmãos Weinstein continuam sendo produtores independentes – mas conseguem lucros de fazer inveja aos grandes estúdios

os donos da bola

o diretor Kevin Smith achou que estava diante de uma capa da revista *Details*. Smith conta que ficou em dúvida, mas resolveu apostar no que ouviu de Harvey: "Confie em mim, ele chama a atenção. Vai funcionar". E, claro, funcionou. Harvey também é do tipo que se pode chamar de obsessivo: ele chegou a ligar dezoito vezes num único dia para o editor de uma revista na tentativa de evitar a publicação de uma matéria em que se revelaria que a grande atração de *Traídos pelo Desejo*, Jaye Davidson, era um homem, ao contrário do que sugeria o personagem feminino.

Em defesa dos Weinstein, pode-se argumentar que nenhum desses procedimentos é novidade na indústria cinematográfica americana e que quase tudo é dito em forma de fofoca, anonimamente, com declarações concedidas à imprensa sem paternidade assumida. Isso não significa, porém, que eles possam jurar inocência absoluta. Em 1988, por exemplo, a diretora Lizzie Borden, inconformada com as contas apresentadas pela Miramax para promover *Working Girls*, entrou com um pedido de auditoria nas despesas da produtora. O resultado foi a descoberta de uma série de irregularidades, como despesas com viagens e estadas em hotel lançadas indevidamente pelos irmãos Weinstein.

Nessa indústria milionária, isso talvez seja muito pouco para justificar tanto barulho – ainda mais porque todos os indícios apontam também para uma boa dose de inveja e ciúme contra uma empresa que foi criada em 1979 e alcançou um patamar altíssimo num mercado em que outras independentes mais tradicionais, como Orion, Island e Cannon, naufragaram. O estilo arroz-de-festa adotado pelos Weinstein (que inclui visitas à Casa Branca para cafés da manhã em que o presidente Bill Clinton arrecada fundos para o Partido Democrata) já levou Robert Redford, mentor do Sundance Festival, a declarar durante a edição do ano passado: "Estávamos com medo de não conseguir atrações suficientes – até sabermos que Harvey Weinstein estaria aqui".

A resposta dos Weinstein é que os detratores deveriam se preocupar primeiro com suas próprias empresas. Uma estocada difícil de rebater, já que em 1996, com cerca de trinta lançamentos, os dois faturaram mais do que os outros cento e tantos filmes colocados no mercado americano por todas as outras independentes juntas. O diferencial da Miramax é saber identificar projetos de qualidade – e jogar pesado para se associar a eles. Trata-se de uma receita óbvia, mas que alguns estúdios não conseguem seguir na prática: o recordista de bilheteria da produtora, *Pulp Fiction* (que custou 8 milhões de dólares e rendeu mais de 200), estava inicialmente nas mãos da TriStar, que desistiu do projeto. A mesma história se repetiu com o vencedor do Oscar 97: a Fox abandonou *O Paciente Inglês* pouco antes do início das filmagens, para grande felicidade dos Weinstein.

Apesar de a Miramax produzir boa parte de seus filmes, uma parcela substancial dos lucros vem da compra de filmes baratos e de sua posterior comercialização. Um exemplo típico é *O Balconista*, primeiro filme do Kevin Smith de *Procura-se Amy*. A Miramax entrou na jogada somente após a recepção obtida pelo trabalho de Smith em Sundance, quando comprou o filme, deu nele um banho de loja (investindo numa finalização mais polida), convenceu o diretor a mudar o final original, em que o balconista era assassinado, e colocou em campo seu marketing pesado.

O grande salto da Miramax veio em 1993, quando os irmãos passaram o controle acionário para a Disney, por uma quantia que, suspeita-se, rondava os 80 milhões de

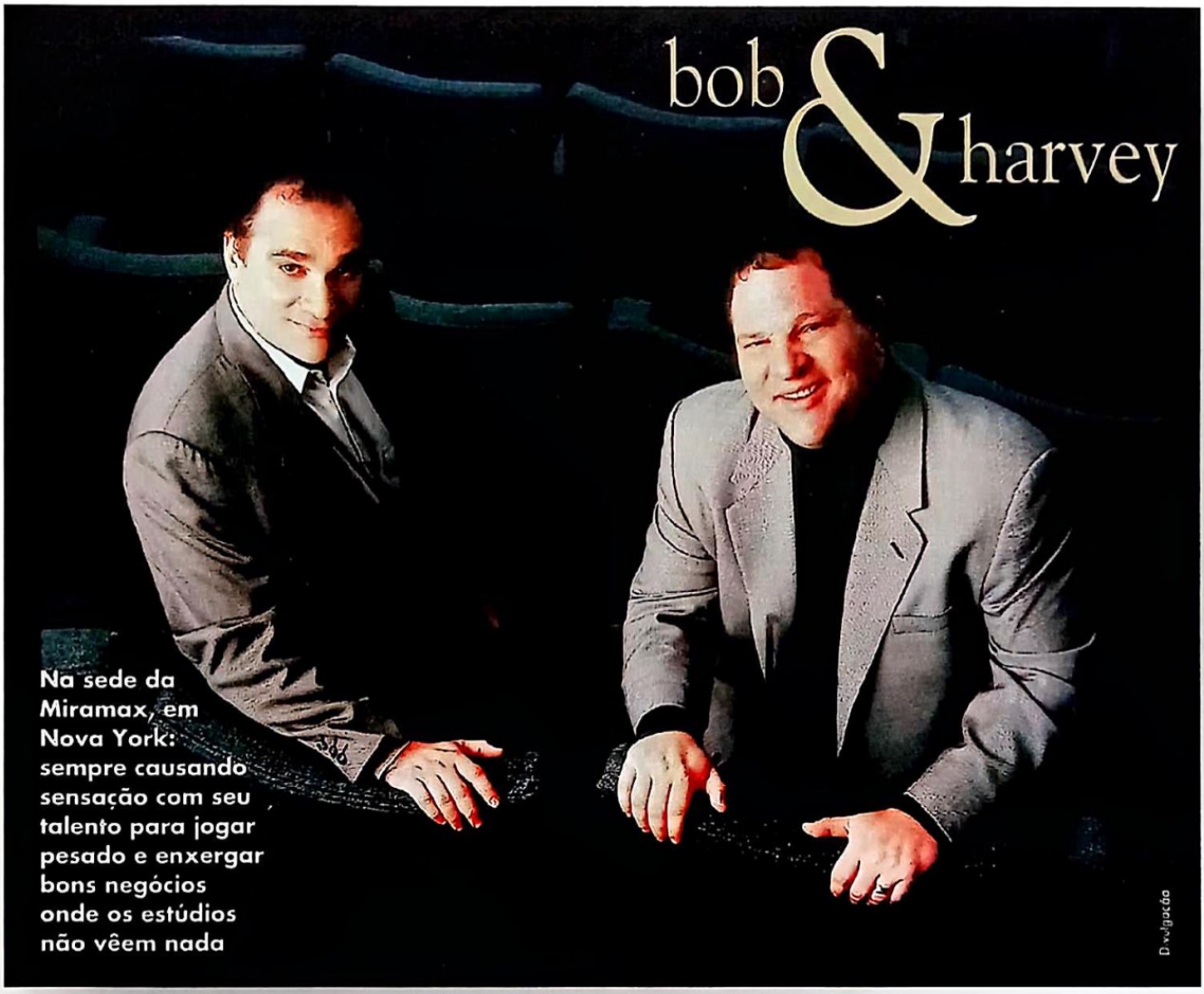
A educação dos doi

não

dólares (há quem diga que hoje o negócio valeria dez vezes mais). Em uma entrevista à revista *Time*, Harvey explicou a relação entre as duas empresas: "A Disney é o nosso tio rico. Basicamente, eles são o nosso banco. Você pode dizer Disney ou pode dizer Chase Manhattan". Pelo acordo, a Miramax se compromete a seguir orçamentos predeterminados e a não lançar filmes que recebam a classificação NC-17 da censura americana (proibido para menores de dezoito anos). Segundo o presidente da própria Disney, Michael Eisner, os Weinstein têm 100% de liberdade: "Eles são completamente autônomos. Gastam pouco e não economizam em idéias. Aparentam ser toscos e desordenados, mas eu sempre soube que no fundo eles eram intelectuais e cinéfilos. Eles tocam o negócio muito bem".

A parceria vem agradando à Disney, mas isso não significa que tudo seja um mar de rosas. Um dos fatores do êxito da Miramax é evitar as fórmulas assépticas que todo arrasa-quarteirão segue – uma política que às vezes entra em conflito direto com a filosofia "família" da Disney. Em 1996, a Convenção Batista Sulista, um grupo religioso conservador com 16 milhões de seguidores nos Estados Unidos, lançou um boicote à linha Disney (filmes, parques e produtos) por discordar da política da empresa de conceder benefícios aos companheiros de empregados gay e por causa de filmes da Miramax como *Trainspotting* e *O Padre*. Mas o balanço é tão positivo que inspirou os demais grandes estúdios a realizar operações similares: a Time Warner comprou a Fine Line, a Polygram se associou à Gramercy, a Sony gerou a Sony Pictures Classics e a Universal está de olho na conceituada October Films. E a febre acabou contagiando a própria Miramax, que criou a Dimension Films.

ião foi lá muito comum: como seus pais, Miriam e Max,
inham dinheiro para babás, os irmãos passaram a infância
em salas de cinema, assistindo a programas triplos



Na sede da Miramax, em Nova York: sempre causando sensação com seu talento para jogar pesado e enxergar bons negócios onde os estúdios não vêem nada

Divulgação

Essa nova divisão, tocada por Bob Weinstein, dedica-se principalmente à linha terror, com lançamentos como *Um Drink no Inferno* e *Pânico* – o qual, aliás, superou todas as expectativas, faturando mais de 100 milhões de dólares e trazendo em sua esteira *Pânico 2*, que deve estrear no Brasil em maio, e um futuro *Pânico 3*. Embora a filosofia seja a de fazer filmes baratos, já se planejam duas aventuras mais ousadas: seqüências de *Rambo* e de *O Vingador do Futuro*. Mas os planos de expansão, é claro, não se resumem à Dimension. A Miramax tem uma editora de livros e uma gravadora, e os Weinstein, ainda não contentes, andam pensando em uma revista mensal e em se aventurar também na realização de produtos para a televisão, seja produzindo programas, seja criando algum novo canal.

Não seria arriscado dizer que a dupla enxerga em seu futuro um império maior do que a própria Disney – que, afinal, já teve seus dias de pequena produtora. Nada mal para dois irmãos vindos de uma família sem muitas posses e que passaram a infância em salas de cinema, sempre assistindo a programas triplos, já que não havia dinheiro para babás. Esse heterodoxo método de educação, porém, não foi esquecido anos depois, na hora de batizar a empresa: os pais de Harvey e Bob se chamam, veja só, Miriam e Max.

Vitor Paolozzi

NOVOS *filmes*

Triste triângulo: Alison Elliott, Linus Roache e Helena Bonham Carter passeiam em Veneza, sem perceber que uma tragédia se aproxima

Asas d

Adaptar o escritor americano Henry James (1843-1916) é sempre uma pedreira – que o diga, por exemplo, a cineasta neozelandesa Jane Campion, que ouviu reclamações de todos os lados por conta de sua recente versão de *Retrato de uma Mulher*, estrelada por Nicole Kidman. Nesse particular – o da recepção –, tiveram mais sorte o diretor Iain Softley e a atriz Helena Bonham Carter, ambos ingleses: o novo *Asas do Amor*, extraído de um livro "menor" de Henry James (em outras palavras, menos complexo do que *Retrato* e também menos significativo dentro da obra do autor), agradou muito à crítica e rendeu à sua protagonista uma fortíssima indicação ao Oscar de melhor atriz deste ano. Se o público vai tirar do filme igual satisfação, porém, é outra história.

Em *Asas do Amor*, Helena Bonham Carter é Kate, uma moça de origem aristocrática mas posses magras, graças ao temperamento dissoluto e ao vício em ópio

A atriz inglesa Helena Bonham Carter se envolve em um triângulo amoroso e cai de vez nas boas graças da crítica

de seu pai (Michael Gambon). Obrigada a aceitar os favores de sua rica e conservadora tia Maud (Charlotte Rampling), Kate se vê diante de um impasse: ou torna-se cúmplice das maquinações da parente para arranjar-lhe um casamento que possa restaurar sua fortuna e conferir-lhe a independência desejada, ou joga tudo para o ar e se casa com Merton (Linus Roache, de *O Padre*), um jornalista pobre como um rato de igreja, mas a quem ela ama apaixonadamente. No mundo de Kate, essa mal chega a ser uma opção, já que abdicar do convívio com a própria classe é o caminho inequívoco para o isolamento e para a desgraça.

Kate, é claro, tem plena consciência dessa terrível limitação. E é ela, que, de certa forma, justifica os rumos não muito éticos que sua personagem está destinada a trilhar. À espera de uma solução que não vem e cansada de burlar a vigilância e as chantagens da tia, sempre determinada a impedir seus furtivos encontros amorosos, Kate subitamente encontra uma oportunidade de virar o jogo a seu favor – oportunidade que vem na figura de Millie (Alison Elliott, de *Spitfire Grill – O Recomeço*), uma riquíssima garota americana em visita à Inglaterra.

Doce, luminosa e singularmente livre dos preconceitos e esnobismos que caracterizam seu novo círculo de amigos, Millie imediatamente se interessa por Merton, sem suspeitar que o rapaz tem uma ligação com Kate. E, Kate, antes de se deixar cegar pelo ciúme, faz uma descoberta decisiva: Millie está à morte. Nada mais conveniente, portanto, do que arrumar um jeito de jogá-la nos braços de Merton, para depois ter à sua disposição um viúvo rico, ao qual ninguém de seu meio possa objetar.

O cenário no qual esse triângulo amoroso irá se desenrolar não poderia ser mais idílico – a Veneza da década de 1910, para onde Millie, Kate e Merton seguem em viagem. O tom do enredo, no entanto, vai rapidamente se tornando trágico, como é comum na obra de Henry James. Seus protagonistas pensam e sentem como cidadãos dos século 20, mas, em seu comportamento, estão ainda presos às amarras e às convenções do século 19 – uma receita que dificilmente poderia permitir um final feliz.

Assim como em *Retrato de uma Mulher*, a atenção de Iain Softley (diretor também de *Backbeat – Os Cinco Rapazes de Liverpool* e *Hackers*) aos figurinos e ambientes, sempre belíssimos, é crucial no filme. O tratamento que ele dá à trama, porém, não poderia ser mais diferente: se Jane Campion optou (acertadamente, apesar das críticas em contrário) por reproduzir em celulóide todo o rigor e a crueldade de que a prosa de James é capaz, Softley hasteia uma bandeira branca para a platéia, tornando *Asas do Amor* tão palatável quanto possível. O resultado, embora fluído e fiel ao espírito do livro em que se baseia, termina por lembrar muito filmes de época como *Uma Janela para o Amor* e *Retorno a Howards End*, que fizeram a fama da dupla James Ivory/Ismail Merchant e também, não por acaso, de Helena Bonham Carter.

E Helena, aliás, merece um capítulo à parte. Elogiadíssima por sua participação neste filme, pela qual foi indicada também ao Globo de Ouro (o qual perdeu para a compatriota Judi Dench, de *Mrs. Brown*), ela caiu de vez nas boas graças da crítica norte-americana, que chegou a classificar seu trabalho como "hipnótico" e viu neste papel todos os sinais de uma intérprete madura. Como a platéia brasileira não necessariamente compartilha dessa paixão pela atriz, talvez venha a concordar que o melhor trecho de *Asas do Amor* é, por coincidência ou não, aquele em que Helena não está em cena, e no qual Linus Roache e a irresistível Alison Elliott descobrem todas as tristes implicações do plano em que, sem pensar ou sem saber, acabaram se envolvendo.

Isabela Boscov

Asas do Amor

(The Wings of the Dove, Inglaterra, 1997) **Direção:** *Iain Softley.* **Com** *Helena Bonham Carter, Linus Roache, Alison Elliott, Charlotte Rampling, Michael Gambon, Elizabeth McGovern, Alex Jennings. 101 min.*

POSSUÍDOS

Denzel Washington é um detetive que combate a ameaça de um demônio assassino embalado pelos Rolling Stones

Depois de uma bem-sucedida carreira à frente de séries de televisão como *Nova York Contra o Crime* e *Hill Street Blues*, o veteraníssimo diretor Gregory Hoblit teve uma prestigiosa estréia no cinema com o intrigante *As Duas Faces de um Crime*, que apresentou o ator Edward Norton. Mas o novo filme de Hoblit, o thriller sobrenatural *Possuídos*, esbarra no excesso de clichês, é desprovido de dinâmica e – pior – é um filme de suspense que quase não tem suspense.

O fio condutor da história é o detetive John Hobbes (Denzel Washington). Quando é visto pela primeira vez, Hobbes está moribundo, e começa a narrar em flashback os eventos que o levaram àquele estado. Tudo começa quando um prisioneiro que John colocou atrás das grades passa a falar numa língua estranha minutos antes de ser executado na câmara de gás. Sem mais nem menos, ele também canta um trecho de "Time Is on My Side", dos Rolling Stones. É o bordão que será repetido à exaustão ao longo do filme: o prisioneiro estava possuído por um demônio, Azazel, que muda de corpo por meio do toque. Para que o público tenha certeza de que o espírito está no corpo de alguém, o hospedeiro canta – é lógico – a música dos Stones.

Parte considerável dos problemas de *Possuídos* recai justamente sobre o roteiro tolinho de Nicholas Kazan, responsável pelo inteligente *O Reverso da Fortuna*. Enquanto o filme se agarra à tese de que os Rolling Stones são embaixadores do diabo, e de que anjos caídos ficam zanzando pela Terra à espera do Juízo Final, Hoblit faz seu trabalho com competência, mas sem muito entusiasmo: o confronto entre o detetive e Azazel, que se pretendia sério, acaba sendo patético. Mas o golpe de misericórdia na credibilidade de *Possuídos* vem no final, quando o destino do demônio é revelado, ao som de... "Sympathy for the Devil", dos Rolling Stones! Assim não dá para levar a sério mesmo.

(Fallen, EUA, 1998) ***Direção:*** *Gregory Hoblit.* ***Com*** *Denzel Washington, John Goodman, Donald Sutherland, Embeth Davidtz, James Gandolfini, Elias Koteas. 123 min.*

O dever chama: o astro Denzel Washington se une a John Goodman na caçada ao demônio Azazel

Columbia TriStar

GATTACA

EXPERIÊNCIA GENÉTICA

Uma e Ethan: superioridade genética

SET RECOMENDA

Ethan Hawke enfrenta o preconceito de um admirável mundo novo nesta fascinante e cerebral ficção científica

Já fazia um bom tempo que um filme de ficção científica não deixava a ficção um pouco de lado para ir fundo na ciência. Em *Gattaca – Experiência Genética*, a ciência é parte fundamental da trama – na verdade, aliada ao corpo humano, é também o maior vilão do filme.

O futuro mostrado em *Gattaca* é estéril, sem cores e sem vida, povoado por autômatos humanos que não abrem espaço para os sentimentos e que institucionalizaram o preconceito. No caso, a discriminação não é contra a cor da pele, a religião ou as idéias políticas: no futuro, quem não for geneticamente superior não tem... ahh... futuro.

Os bebês não são mais concebidos de forma natural, e sim engendrados em laboratório, com sua aparência, sexo e habilidades determinados pelos pais bem antes da concepção. Assim, atletas olímpicos, gênios de computador ou prodígios da música não têm muita escolha sobre seu futuro: eles já nasceram assim. O melhor a fazer é aceitar o mundo do modo que ele é, e colher suas recompensas.

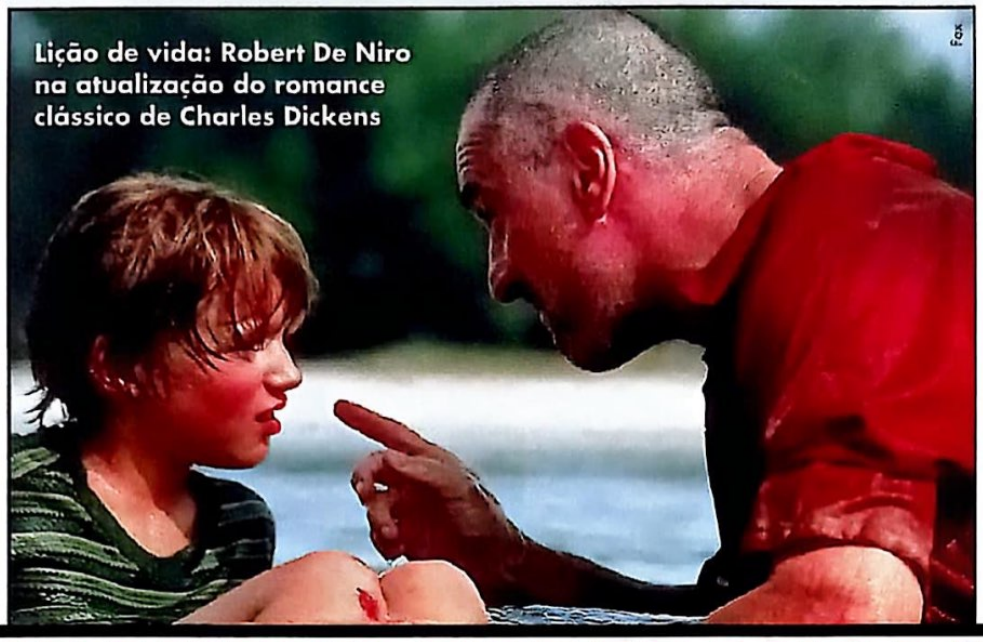
É neste mundo que nasce Vincent (Ethan Hawke), um "in-válido" – como são chamadas as pessoas que nascem de maneira natural, sem aprimoramento genético. Determinado a conseguir emprego na corporação Gattaca e viajar para o espaço, ele toma o lugar de Jerome Morrow (Jude Law), que faz parte da elite genética, mas vive em reclusão depois que um acidente o deixou paralítico.

Porém, um assassinato cometido dentro da corporação coloca o sonho de Vincent em risco, já que ele se torna o principal suspeito quando a polícia encontra evidências da presença de um in-válido no local – um simples fio de cabelo pode identificar sua origem. Seu envolvimento com a bela Irene Cassini (Uma Thurman) pode comprometer ainda mais sua segurança.

Embora o diretor e roteirista estreante Andrew M. Niccol prove ter estilo de sobra para conduzir sua gélida fantasia científica, ele peca ao imprimir a *Gattaca* um ritmo igualmente glacial que, embora se encaixe perfeitamente em sua história, é cerebral demais para um público acostumado com a energia cinética dos *Homens de Preto* da vida. Ainda assim ele consegue iniciar uma discussão sobre engenharia genética e clonagem sem cair no ridículo. E isso já é uma vantagem enorme.

(Gattaca, EUA, 1997) ***Direção:*** *Andrew M. Niccol.* ***Com*** *Ethan Hawke, Uma Thurman, Jude Law, Alan Arkin, Gore Vidal, Xander Berkeley, Blair Underwood, Loren Dean. 112 min.*

NOVOS *filmes*



Lição de vida: Robert De Niro na atualização do romance clássico de Charles Dickens

Fox

GRANDES ESPERANÇAS

SET RECOMENDA

O diretor de *A Princesinha* une Ethan Hawke e Gwyneth Paltrow na releitura de um clássico

Como qualquer outro cineasta disposto a adaptar para o cinema *Grandes Esperanças*, o clássico de Charles Dickens, o diretor mexicano Alfonso Cuarón teria um obstáculo formidável a superar: a versão de David Lean, lançada em 1946 e indicada para o Oscar de direção e filme. Mas Alfonso – que já havia demonstrado uma delicada sensibilidade com *A Princesinha* – consegue se sair muito bem com uma leitura contemporânea, que descarta o cinismo dos tempos atuais para construir uma complexa e sensual história de amor.

Em *Grandes Esperanças*, o adolescente Finnegan Bell (Ethan Hawke), que mora numa cidadezinha costeira da Flórida, vive duas experiências que o marcarão para sempre. A primeira ocorre no mar. Finn, desenhista amador, busca inspiração em meio a pelicanos e gaivotas quando surge das águas um perigoso foragido da penitenciária (Robert De Niro), que obriga o garoto a fugir com ele em seu barco até um lugar seguro.

Não muito mais tarde, Finn passa a ajudar seu tio Joe (Chris Cooper) em seu trabalho, a limpeza dos jardins abandonados de Paradiso Perduto, mansão da milionária Sra. Dinsmoor (Anne Bancroft), uma velha cheia de manias que perdeu a sanidade desde que, já quarentona, foi abandonada no altar pelo noivo. É quando o pequeno Finn conhece Estella (Gwyneth Paltrow), a belíssima mas esnobe neta da ricaça.

Finn e Estella iniciam ali um convívio que durará toda a sua adolescência e juventude, cultivando sentimentos que serão colocados à prova somente muitos anos mais tarde, em Nova York, quando Finn é um pintor consagrado, graças ao auxílio financeiro de um misterioso benfeitor. Estella, por sua vez, está de casamento marcado.

Os maiores elogios a *Grandes Esperanças* vão para Ethan e Gwyneth – que aqui deixa de lado sua imagem de boazinha e se entrega ao filme com uma sensualidade avassaladora. Mas a grande estrela acaba mesmo sendo Anne Bancroft. No papel da tragicamente engraçada Sra. Dinsmoor, a veterana atriz rouba as atenções toda vez que entra em cena.

(Great Expectations, EUA, 1998) ***Direção:*** *Alfonso Cuarón.* ***Com*** *Ethan Hawke, Gwyneth Paltrow, Robert De Niro, Anne Bancroft, Hank Azaria, Chris Cooper, Jeremy James Kissner, Raquel Beaudene. 110 min.*

Mr. Magoo: beijo molhado

Columbia Buena Vista

MR. MAGOO

A adaptação para a telona do personagem dos desenhos animados *Mr. Magoo* tinha tudo para dar certo. Afinal, ele ganharia vida com Leslie Nielsen, que garantiu boas risadas com a série *Corra que a Polícia Vem Aí*. E o diretor Stanley Tong foi o responsável por divertidos filmes de Jackie Chan, como *Arrebentando em Nova York*. Mas a fórmula não deu certo.

Nesta comédia, o milionário Magoo sai em busca de uma pedra preciosa roubada, sempre se metendo em confusões por causa de sua acentuada miopia. Mas este Mr. Magoo de celulóide não consegue nem de longe ser tão engraçado quanto seu equivalente animado – que aparece nos créditos iniciais do filme. Talvez o resultado fosse diferente se a Disney não quisesse fazer de *Mr. Magoo* mais uma variação das comédias protagonizadas pelo geralmente hilariante Nielsen – que aqui não consegue salvar o show.

(EUA, 1997) ***Direção:*** *Stanley Tong.* ***Com*** *Leslie Nielsen, Kelly Lynch, Ernie Hudson, Stephen Tobolowsky, Nick Chinlund, Matthew Keeslar, Miguel Ferrer, Malcolm McDowell. 87 min.*

CAÇA AO TERRORISTA

Na tentativa de prender o terrorista internacional conhecido como Chacal, a CIA destaca o oficial da marinha Annibal Ramirez (Aidan Quinn), um sósia do assassino, para se disfarçar como ele. O objetivo é fazer com que a KGB ponha um fim na vida do terrorista. Mas o plano dá errado e Ramirez acaba sendo confundido com o verdadeiro Chacal, colocando sua vida e a de sua família em risco.

Caça ao Terrorista é o primo pobre de *O Chacal*, a superprodução protagonizada por Bruce Willis e Richard Gere, mas o resultado não é muito diferente. O filme do canadense Christian Duguay é uma trama de espionagem à moda antiga, previsível até a medula e que abusa dos clichês do gênero. Mas é também a prova de que não é preciso um orçamento milionário e astros igualmente milionários para fazer um filme divertido – e esquecível.

(The Assignment, EUA/Canadá, 1997) ***Direção:*** *Christian Duguay.* ***Com*** *Aidan Quinn, Donald Sutherland, Ben Kingsley, Claudia Ferri, Céline Bonnier, Vlasta Vrana, Liliana Komorowska. 115 min.*

Ben Kingsley e Aidan Quinn: caça ao Chacal

TOKYO FIST

Dois amigos de infância se reencontram casualmente. Um deles é um executivo que vive com sua bela namorada, o outro um boxeador semiprofissional disposto a reviver o passado. Resultado: os dois passam a disputar o amor da mesma mulher.

Você certamente já viu esse filme centenas de vezes, mas em *Tokyo Fist* o diretor Shinya Tsukamoto consegue estilizar todos esses conceitos e construir uma obra original, bastante violenta e com o caminho pavimentado para se tornar um *cult movie*.

Mas é melhor não ir com muita sede ao pote, já que *Tokyo Fist*, depois da hora inicial, também se torna chato de doer – nada além de uma profusão de luzes, imagens e sangue jorrando. E o público que dê um jeito de entender a história.

okyo: mor e angue

(Japão, 1995) ***Direção:*** *Shinya Tsukamoto.* ***Com*** *Tsukamoto, Kaori Fujii, Kohji Tsukamoto, Naomasa Musaka, Naoto Takenaka. 87 min.*

UM RATINHO ENCRENQUEIRO

O primeiro filme para toda a família do estúdio DreamWorks, a comédia *Um Ratinho Encrenqueiro*, seguiu o mesmo caminho de *O Pacificador* e *Amistad* e não se tornou uma sensação nas bilheterias – embora não tenha comprometido ainda mais a pálida estréia da empresa de Steven Spielberg, Jeffrey Katzenberg e David Geffen.

Em *Um Ratinho Encrenqueiro*, Nathan Lane e Lee Evans herdam uma mansão caindo aos pedaços que pode valer uma fortuna depois de reformada. O problema é que a casa é habitada por um ratinho muito esperto que fará de tudo para não perder seu lar. O filme vai agradar principalmente à gurizada, de castigo desde que "ganhou" a bomba *Esqueceram de Mim 3*.

ane: para a família

(Mouse Hunt, EUA, 1997) ***Direção:*** *Gore Verbinski.* ***Com*** *Nathan Lane, Lee Evans, Christopher Walken, Vicki Lewis, Maury Chaykin, Eric Christmas. 97 min.*

Gwyneth Paltrow deixa de ser uma garota boazinha e revela toda a sua sensualidade em *Grandes Esperanças*

Traçando planos: o banheiro é a sala de reunião dos protagonistas

NA COMPANHIA DE HOMENS

Diretor estreante provoca polêmica ao colocar uma mulher como vítima dos caprichos de dois homens

Muito barulho por quase nada. Exibido no Festival de Sundance do ano passado, *Na Companhia de Homens* recebeu uma resposta furiosa. Acusado de misógino, o filme provocou protestos e criou sua fama. O diretor e roteirista estreante Neil LaBute concebeu uma fantasia nada agradável sobre o prazer de provocar agonia premeditada em alguém.

Chad (Aaron Eckhart) e Howard (Matt Malloy) são executivos desiludidos com a vida: preteridos nas promoções dentro da empresa e abandonados pelas respectivas mulheres, eles decidem se vingar. Numa viagem de negócios, a dupla escolhe uma mulher vulnerável e a faz acreditar que ambos se apaixonaram por ela – apenas para, concluído o trabalho, dar-lhe um belo fora.

O filme levanta questões interessantes, mas o diretor fez questão de apenas apresentar conceitos. Sem maiores explicações, é o próprio espectador quem tira suas conclusões. É um recurso bastante rico, por exemplo, colocar uma deficiente auditiva como alvo das palavras ardilosas dos protagonistas. Mas a forma estática com que o filme se apresenta afunda qualquer boa idéia na esterilidade do discurso. O que poderia ser uma boa discussão sobre a guerra dos sexos e sobre a manipulação do poder se transforma numa brincadeira desnecessária, marcada por picuinhas.

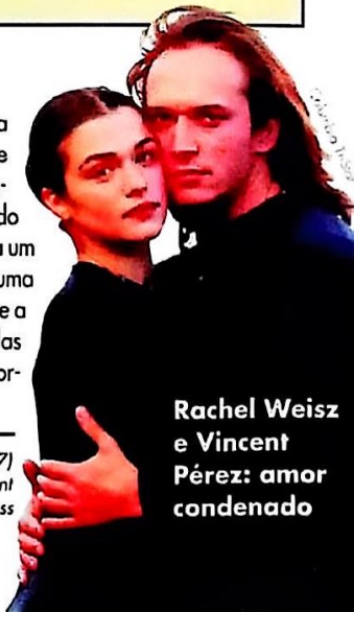
(In the Company of Men, EUA, 1997) ***Direção****: Neil LaBute.* ***Com*** *Aaron Eckhart, Matt Malloy, Stacy Edwards. 93 min.*

TRAZIDO PELO MAR

Trazido pelo Mar tem as palavras "épico romântico" escritas em cada polegada de celulóide. Baseado na história *Amy Foster*, de Joseph Conrad, e filmado no belíssimo e melancolicamente cinzento litoral da Inglaterra, o novo trabalho da diretora Beeban Kidron tinha tudo para ser romântico e arrebatador, mas é prejudicado por um roteiro irregular.

Os protagonistas são Yanko Gooral (Vincent Pérez), o sobrevivente russo de um naufrágio, e Amy Foster (Rachel Weisz), uma jovem ignorada por todos os moradores de uma pequena vila inglesa. Os dois se apaixonam, têm um filho e enfrentam o preconceito dos habitantes do vilarejo – o que conduz a trama a um trágico final. *Trazido pelo Mar* é uma história de amor bonita. Pena que a diretora tenha deixado que as belas paisagens se tornassem mais importantes do que o roteiro.

(Swept from the Sea, Inglaterra, 1997) ***Direção****: Beeban Kidron.* ***Com*** *Vincent Pérez, Rachel Weisz, Ian McKellen, Joss Ackland, Kathy Bates. 115 min.*



Rachel Weisz e Vincent Pérez: amor condenado

CHEGOU O FILME QUE VAI LEVANTAR A SUA COLEÇÃO

R$ 24,90
Os Três Porquinhos

R$ 24,90
Mogli o Menino Lobo

R$ 24,90
Robin Hood

R$ 24,90
Aristogatas

R$ 24,90
Os Filhotes da Selva

R$ 24,90
Volta ao Mundo com Timão e Pumba

OFERTA

R$ 24,90
Pateta o Filme

Jantando Fora com Timão e Pumba - R$ 25,90

Toy Story
R$ 9,90

O Corcunda de Notre Dame
R$ 9,90

A Dama e o Vagabundo
R$ 25,90

R$ 24,90
101 Dálmatas

A Bela Adormecida
R$ 24,90

Oliver e sua Turma
R$ 25,90

Bernardo e Bianca
R$ 25,90

101 Dálmatas - O Filme
R$ 24,90

Gasparzinho
R$ 24,90

Entrega via Sedex, despesas por conta do destinatário.

Ofertas válidas enquanto durarem os estoques.

Faça já o seu pedido (011) 290 0811
E-mail: jointvideo@jointvideo.com.br
Site: http://www.jointvideo.com.br

JOINTVIDEO
CONFIANÇA, NOSSO PRINCIPAL NEGÓCIO.
AV. GAL. ATALIBA LEONEL, 411 - SANTANA
02033-000 - SÃO PAULO/SP - FONE/FAX:(011) 290 0811

Dulce Damasceno de Brito

os reis dos animais

O Tarzan Johnny Weissmuller: macacos embriagados

De Kim Novak a Doris Day, os bichos sempre tiveram grandes defensores em Hollywood

Muito antes de Brigitte Bardot iniciar sua campanha em prol dos animais, as estrelas de Hollywood já se dedicavam ao assunto de várias maneiras. A saudosa Jayne Mansfield foi um bom exemplo. Quando visitei sua mansão cor-de-rosa em Beverly Hills, Jayne apresentou-me um belíssimo leopardo americano que ficava solto na floresta tropical de seu jardim. Em outras dependências, vivia uma dúzia de cães das mais variadas raças. O mais curioso é que a excêntrica estrela tingia os poodles para combinar com seus trajes: se saía com um vestido lilás, os cãezinhos que a acompanhavam eram roxos. Nem uma tragédia real abalou essa paixão. Em 1966, quando filmava um comercial num zôo de Los Angeles, seu filho Zoltan, de seis anos, colocou o braço numa jaula e foi atacado por um leão, que quase lhe arrancou o pescoço. Após a recuperação do menino, a atriz culpou a si própria pela negligência, não ao leão feroz.

Johnny Weissmuller – o melhor Tarzan do cinema e, depois, ótimo intérprete de *Jim das Selvas* – comprou alguns dos macacos que haviam contracenado com ele e divertia os amigos quando, nos churrascos que oferecia, punha os símios para servir os drinques. Um dia, um macaquinho mais animado começou a sorrateiramente virar os drinques na boca, ao invés de levá-los aos convidados. Resultado: o alcoolizado animal atirou as churrasqueiras com brasas e tudo em direção à casa, e foi um corre-corre até a chegada dos bombeiros.

Durante toda a sua carreira em Hollywood, a campeã de bilheteria Doris Day sempre teve em sua casa um número infindável de cães e gatos, que ia recolhendo das ruas. Para manter os bichinhos com conforto, Doris gravou dois LPs intitulados *The Magic of Memories*, com seus maiores sucessos como cantora, dedicando o resultado das vendas à Doris Day Pet Foundation, sua associação beneficente para animais domésticos. Nos anos 70, quando se aposentou do cinema por não encontrar mais espaço para seu tipo de filme, a estrela mudou-se para a pitoresca cidade praiana de Carmel. De lá, ainda participou da série de TV *Doris Day Friends*, sobre seus amados bichinhos. Um dos últimos convidados do show em 1985 foi o velho amigo e ex-galã Rock Hudson, semanas antes de sua morte. A Doris Day Foundation mantinha, então, 238 cães e 122 gatos.

Outra estrela que escolheu Carmel como retiro foi a bela Kim Novak. Instalada em uma casa no alto de uma rocha, com vista para o mar, Kim passou vários anos em companhia apenas de seus cavalos, cães, cabritos e até uma lhama importada do Peru. Mas, em 1976 tomou uma atitude humana e prática: casou-se com o veterinário, Robert Malloy, sete anos mais jovem. "Assim não preciso mais pagar as consultas", ironizou a atriz. O casamento deu tão certo, porém, que os dois vivem felizes até hoje, tendo como família seus animais. Lembro-me de ter visto Kim aos prantos com a morte de seu cão dinamarquês, Warlock – logo substituído por outro da mesma raça.

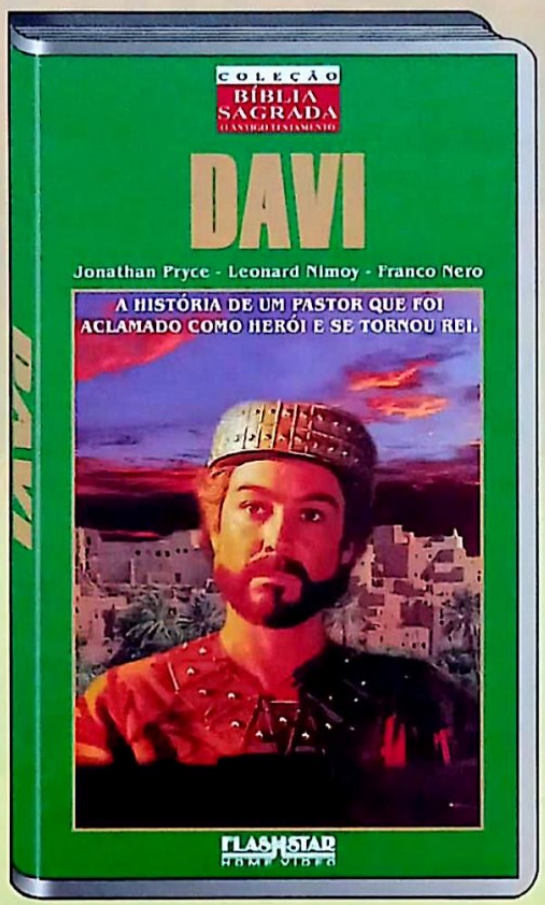
Mas o caso mais impressionante é o de Tippi Hedren, a atriz que Hitchcock lançou em *Os Pássaros* e, depois, em *Marnie – Confissões de uma Ladra*. Tippi apareceu ainda em *A Condessa de Hong Kong*, de Charles Chaplin, mas chegou à conclusão de que não havia nascido para ser atriz. Com o dinheiro dos filmes, comprou uma vasta extensão de terra na Califórnia, onde instalou uma reserva que mantém setenta tipos diferentes de felinos selvagens e raros elefantes africanos. Foi lá que Tippi criou sua filha, Melanie Griffith, que tinha como animal de estimação um leãozinho. Recentemente, Melanie levou sua filhinha Estela del Carmen para conhecer o zôo de Tippi, mas o papai Antonio Banderas fez a sogra prometer que não presentearia a neta com nenhum animal selvagem. Obediente, Tippi deu à neta um belo gatinho preto chamado – adivinhe – Zorro. ■

Jayne Mansfield e dois mascotes: excêntrica, ela fazia os cães combinarem com suas roupas

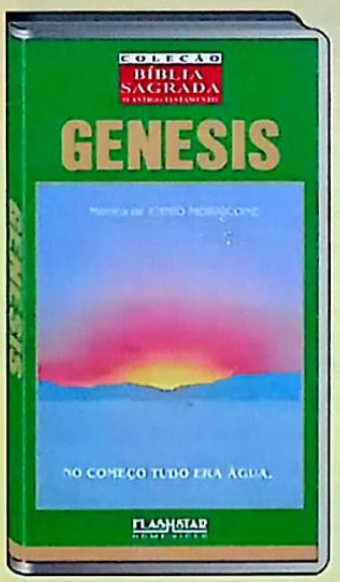
LEVE PARA CASA A MELHOR COLEÇÃO DOS ÚLTIMOS CINCO MIL ANOS.

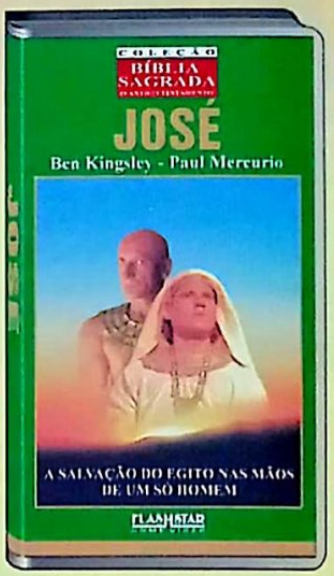
NESTA PÁSCOA DÊ UM PRESENTE DIFERENTE: FITA DE VÍDEO.

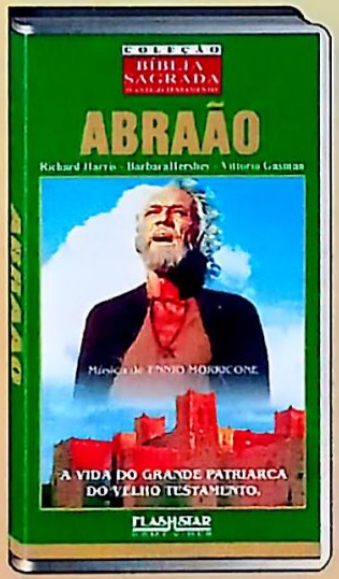
COLEÇÃO
BÍBLIA SAGRADA
O ANTIGO TESTAMENTO

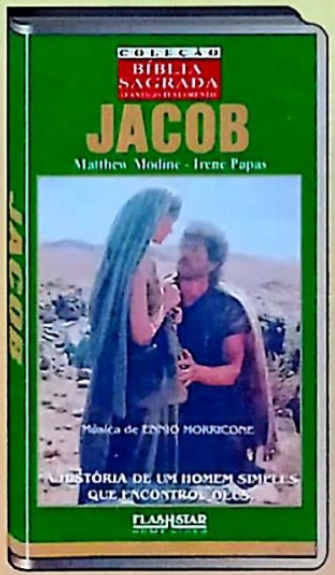


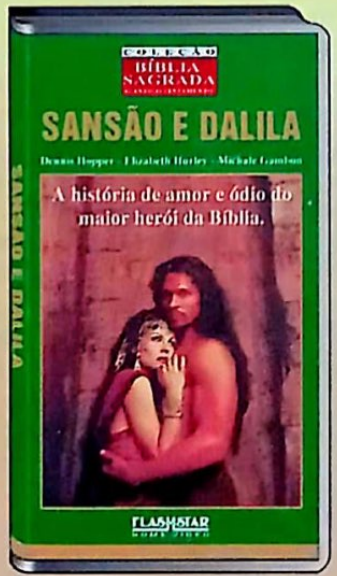
APENAS R$ 24,90 CADA

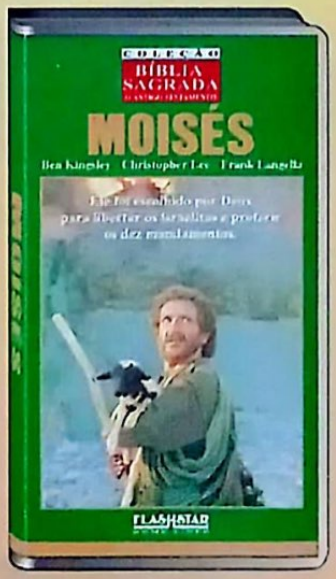












A VENDA NAS MELHORES LOCADORAS
OU LIGUE GRÁTIS

0800-16-9911

NAS COMPRAS ATÉ 5 FITAS
O FRETE SERÁ COBRADO À PARTE.

FLASHSTAR HOME VIDEO

VIDEOlançamentos

Warner

Enquanto Julia Roberts mergulha nas dúvidas sobre seu passado, Mel Gibson demonstra toda a sua paranóia

Dois grandes astros juntam forças no destaque do mês

TEORIA DA CONSPIRAÇÃO

Algumas parcerias cinematográficas são nada menos que perfeitas: Alfred Hitchcock e James Stewart, Billy Wilder e Jack Lemmon, Martin Scorsese e Robert De Niro. É possível também citar Richard Donner e Mel Gibson. A química entre o diretor e o astro foi perfeita nos três filmes da série *Máquina Mortífera* e garantiu boas gargalhadas em *Maverick*. Por que diabos, então, *Teoria da Conspiração* não consegue repetir a fórmula? As peças estão todas no lugar: além da dupla, há o roteiro escrito por Brian Helgeland (o mesmo de *Los Angeles – Cidade Proibida*), o que fazia antever um suspense de primeira, e a presença fulgurante de Julia Roberts.

No novo filme de Richard Donner, o motorista de táxi Jerry Fletcher (Gibson), um sujeito cheio de manias e paranóico ao extremo, enxerga uma conspiração em cada notícia de jornal, vê um esquema obscuro até nos acontecimentos mais mundanos e compartilha suas opiniões por meio de um informativo que é enviado a um seleto grupo de pessoas. O problema é que uma de suas teorias conspiratórias pode ser real, já que Jerry passa a ser perseguido por misteriosos agentes que parecem saídos de algum episódio de *Arquivo X*. Julia Roberts, vítima dos delírios do taxista, interpreta uma advogada por quem ele é completamente obcecado – e que pode ter alguma ligação com o confuso passado do personagem de Gibson.

A trama possui uma cota razoável de revelações surpreendentes e alguns momentos bastante divertidos, como a fuga de Jerry Fletcher de um hospital, após simular um ataque cardíaco, ou ainda a angustiante sessão de tortura à qual ele é submetido pelo perverso Dr. Jonas (Patrick Stewart, em um papel bem diferente do heróico Capitão Picard de *Jornada nas Estrelas*). Mesmo assim, *Teoria da Conspiração* não chega aos pés do thriller eletrizante que pretendia ser. Ao final, fica a impressão de que o público foi enganado, de que todas as reviravoltas e surpresas foram tão friamente calculadas que fica impossível ter alguma empatia com a trama. E pior: a tal conspiração, a espinha dorsal do roteiro, nunca é claramente explicada, transformando-se no decorrer do filme em um pretexto para que o diretor explore, pela enésima vez, as caretas de Mel Gibson. Como se não bastasse, a história tem uns vinte minutos a mais do que o necessário e, mesmo sendo uma diversão razoável para um sabadão à noite, promete mais do que cumpre.

★★★

(Conspiracy Theory, EUA, 1997) Direção: Richard Donner. Com Mel Gibson, Julia Roberts, Patrick Stewart, Cylk Cozart, Stephen Kahan, Terence Alexander. 129 min. Warner.

Roberto Sadovski

Hércules e seus amigos desafiam heroicamente a gangue do vilão Hades

INFANTIL

HÉRCULES ★★★

VENDA DIRETA

Assim como já aconteceu em *Pocahontas* – que anunciou um interlúdio amoroso que historicamente nunca aconteceu – e em *O Corcunda de Notre Dame* – que ofereceu ao espectador um final feliz inexistente no romance de Victor Hugo –, também *Hércules* foge anos-luz da autêntica mitologia grega e cria uma saga radicalmente diferente. OK, trata-se de uma produção dos estúdios Disney, mas nem sempre essa liberdade criativa age em favor do próprio desenho. Ao mesmo tempo que essa versão "atualizada" tem saídas divertidas (como a transformação do semideus em chamariz mercadológico) e é uma festa de referências pop, citando de *Twister* a *O Rei Leão*, a história perde pontos com personagens secundários pouco carismáticos e uma conclusão um tanto repentina. Felizmente, os diretores de *Hércules*, John Musker e Ron Clements, são os mesmos de *A Pequena Sereia* e *Aladdin*, os desenhos que melhor fundiram atrativos tanto para as crianças quanto para os adultos. Há piadas visuais de imediata identificação e citações a rodo, que se comunicam com todas as faixas etárias. Para os adultos, há ainda o charme extra do coro grego representado pelas musas, que narra a trama na forma de um delicioso gospel. O melhor do desenho, porém, fica por conta das próprias imagens: o colorido vibrante e fortíssimo, a serviço de personagens impagáveis como o vilão Hades, seduz o espectador, ganhando em riqueza com os traços bastante pessoais do cartunista inglês Gerald Scarfe. É pena que o esmero visual e cômico não sirva a uma trama mais bem amarrada. Da forma que está, *Hércules* quase morre na praia: diverte, mas ainda assim naufraga.

Christian Petermann

(Hercules, EUA, 1997) Direção: John Musker e Ron Clements. Legendado ou dublado. 93 min. Abril.

COMÉDIA

1 DIA 2 PAIS

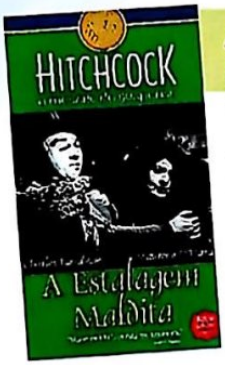
★★★

A HISTÓRIA Após brigar com o pai, o filho de Collette foge com a namorada. Sem poder contar com a ajuda do marido, Collette procura seu ex-namorado, Jack Lawrence, para dizer que o adolescente é seu filho. Igualmente desprezada, ela pede ajuda ao escritor Dale Putley, com quem também teve um caso há dezessete anos. Durante a busca, Dale conhece Jack, que se arrependeu de ter deixado a ex na mão. Começa uma louca e turbulenta jornada.

O COMENTÁRIO Amigos de longa data, Robin Williams e Billy Crystal queriam trabalhar juntos há mais de dez anos. Resolveram, portanto, refilmar *Les Comperes*, do francês Francis Veber. Se a dupla funciona à perfeição, o mesmo não pode ser dito do roteiro, que mistura humor e drama familiar com o habitual sentimentalismo hollywoodiano. Os dois comediantes, porém, deitam e rolam na pele de seus personagens antagônicos.

Miguel Barbieri Jr.

(Fathers' Day, EUA, 1997) Direção: Ivan Reitman. Com Robin Williams, Billy Crystal, Julia Louis-Dreyfus, Nastassja Kinski, Charlie Hofheimer, Bruce Greenwood, Jared Harris, Mel Gibson. 98 min. Warner.



SUSPENSE

A ESTALAGEM MALDITA

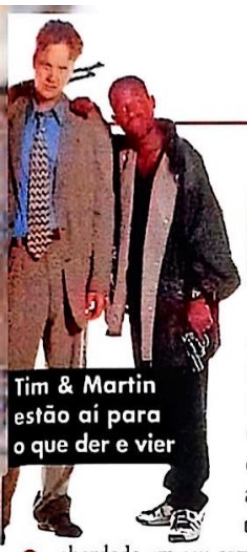
★★★

A HISTÓRIA No final do século 18, uma jovem irlandesa que perdeu recentemente a mãe desembarca na costa da Cornualha, na região sudoeste da Inglaterra, para encontrar uma tia cujo marido mantém uma estalagem e com quem planeja viver. Ela revê seus planos quando descobre que o lugar – ponto de encontro de ladrões e contrabandistas – é controlado por um juiz de paz corrupto, que garante a impunidade dos saqueadores.

O COMENTÁRIO Último filme da fase inglesa de Hitchcock, baseado em romance de Daphne du Maurier (autora também das obras que deram origem a *Rebecca* e *Os Pássaros*). O cineasta não gostou das filmagens – o estrelismo e a afetação de Charles Laughton o incomodavam – e de uma falha no roteiro que entrega de cara o vilão. Apesar disso, foi um inesperado sucesso de bilheteria, com boa ambientação e ótimo elenco.

Sérgio Rizzo

(Jamaica Inn, Inglaterra, 1939) Direção: Alfred Hitchcock. Com Charles Laughton, Maureen O'Hara, Leslie Banks, Emlyn Williams, Robert Newton, Mervyn Johns. 95 min. Reserva Especial.



Tim & Martin estão aí para o que der e vier

NADA A PERDER

COMÉDIA

★★★

A HISTÓRIA Depois de flagrar sua adorada mulher na cama com o patrão, o executivo Nick Beame sai de casa sem fazer qualquer alarde. Arrasado e completamente perdido, ele é abordado em seu carro pelo atrapalhado ladrão T-Paul. Depois de um desentendimento inicial, a dupla resolve roubar o cofre do chefe de Nick. Em vias de concretizar o plano, eles conhecem dois criminosos da pesada.

O COMENTÁRIO O melhor desta comédia dirigida por Steve Oedekerk (de *Ace Ventura 2*) é a química perfeita entre Tim Robbins e Martin Lawrence. O filme nada mais é do que uma descompromissada sessão da tarde, com momentos divertidíssimos proporcionados pelos protagonistas – a loucura de Lawrence combina com a seriedade de Robbins. O diretor faz uma hilária performance *disco* no papel de um guarda-noturno.

Roberto Sadovski

(Nothing to Lose, EUA, 1997) Direção: Steve Oedekerk. Com Tim Robbins, Martin Lawrence, John C. McGinley, Giancarlo Esposito, Kelly Preston, Michael McKean. 97 min. Abril.

12 HOMENS E UMA SENTENÇA

DRAMA

★★★

A HISTÓRIA Na sala de deliberações de um tribunal, doze jurados discutem se um jovem latino de dezoito anos deve ser condenado pelo assassinato do pai. Como se trata de homicídio doloso, e ele pode ser condenado à morte, a decisão precisa ser unânime. Um dos jurados, porém, se declara incapaz de julgar o rapaz culpado, diante da insuficiência de provas, gerando um debate cada vez mais tenso e dividindo o júri.

O COMENTÁRIO Refilmagem para a TV do clássico de 1957 dirigido por Sidney Lumet e escrito por Reginald Rose (baseado em texto de sua autoria). É o próprio Rose quem assina o roteiro desta versão, vinte minutos mais longa, mas nem por isso menos envolvente. A direção discreta permite que os atores assumam o show (George C. Scott recebeu um merecido Globo de Ouro de coadjuvante em telefilme).

Sérgio Rizzo

(12 Angry Men, EUA, 1997) Direção: William Friedkin. Com Jack Lemmon, George C. Scott, Hume Cronyn, Armin Mueller-Stahl, Edward James Olmos, William Petersen, Ossie Davis, Tony Danza. 117 min. Warner/MGM.

DOIS PARCEIROS EM APUROS

COMÉDIA

★★

A HISTÓRIA Charlie (Walter Matthau), um jogador azarado, descobre a maneira perfeita de ganhar dinheiro: embarcar com o companheiro Herb (Jack Lemmon) num cruzeiro de luxo para descolar um casamento com uma viúva rica. Para não pagar as passagens, Charlie se inscreve como instrutor de dança do navio, mesmo sem saber passo algum, confiando na habilidade de Herb – um viúvo relutante que redescobre o amor.

O COMENTÁRIO Jack Lemmon e Walter Matthau retomam sua parceria nesta comédia, que nem de longe é tão divertida quanto *Dois Velhos Rabugentos*. Aqui, as piadas soam envelhecidas – com o perdão do trocadilho –, e a dupla se mostra visivelmente constrangida. Apesar da participação de veteranos como a elegante Gloria DeHaven, o filme não passa de uma versão atualizada de algum episódio de *O Barco do Amor*.

Roberto Sadovski

(Out to Sea, EUA, 1997) Direção: Martha Coolidge. Com Jack Lemmon, Walter Matthau, Dyan Cannon, Gloria DeHaven, Brent Spiner, Elaine Stritch, Donald O'Connor, Rue McClanahan. 109 min. Abril/Fox.

Lemmon e Matthau se enroscam com Dyan Cannon

Abril/Fox

DON KING – O REI DO BOXE

DRAMA

★★★★

A HISTÓRIA Descolado e criativo como ele só, o pobretão Don King sofre uma iluminação durante uma estada na cadeia, no início dos anos 70: vai ser o primeiro promotor negro de lutas de boxe. Recorrendo a seu incrível arsenal de idéias, Don arma no Zaire "a luta do século", entre Mohammad Ali e George Foreman, e continua jogando duro até se tornar o que é hoje – o manda-chuva da ultralucrativa categoria dos pesos pesados.

Rhames arrasa como o controvertido Don King

Warner

O COMENTÁRIO Ving Rhames (de *Pulp Fiction*) brilha e arrasa na pele de uma das figuras mais controvertidas do esporte mundial. Com seu inconfundível cabelo espetado e sua prosa colorida, Don se revela em todas as suas nuances e complexidades, ganhando em interesse a cada momento. E, se o roteiro não tenta diminuir suas vigarices, também não tem medo de confessar que acha Don fascinante. Ah, você não gosta de boxe? E daí?

Isabela Boscov

(Don King – Only in America, EUA, 1997) Direção: John Herzfeld. Com Ving Rhames, Vondie Curtis-Hall, Jeremy Piven, Darius McCrary, Jarrod Bunch, Keith David, Bernie Mac, Loretta Devine. 116 min. Warner.

MUTAÇÃO ★★

TERROR

Como a natureza é admirável e imprevisível! A entomóloga Susan Tyler (Mira Sorvino) salvou a vida das crianças de Nova York, ameaçadas por uma doença disseminada pelas baratas. Desenvolvendo uma superbarata estéril, a cientista consegue interromper a epidemia. Só que Judas, a geração de baratas programada para esterilizar suas semelhantes, sobrevive... e evolui. Três anos depois, seres misteriosos começam a aterrorizar becos e estações de metrô. E Susan terá de enfrentar os descendentes de Judas, "filhotes" nojentos de sua experiência. *Mutação* é um filme B levado a sério graças à presença, no elenco, de uma atriz ganhadora de um Oscar. Mira e o veterano Giancarlo Giannini, aliás, emprestam dignidade a um filme que se arma basicamente de sustos e provocações ao estômago da platéia. No departamento "medos e engulhos", *Mutação* se sai muito bem, explorando o potencial assustador dos insetos. Se os animais são bem-feitos, a história contada entre um susto e outro é o ponto fraco do filme, costurando mal clichês de *Alien* e *Jurassic Park*. O roteiro reúne chavões do tipo "lutar com coisas gosmentas ajuda na unidade familiar" e reafirma com ênfase a teoria hollywoodiana que diz que todos os cientistas são tolos e inconseqüentes.

Marcos Smirkoff

Mira descobre a utilidade da gosma dos insetos

(Mimic, EUA, 1997) Direção: Guillermo Del Toro. Com Mira Sorvino, Jeremy Northam, Josh Brolin, Giancarlo Giannini, Charles S. Dutton, F. Murray Abraham. 105 min. PlayArte.

VIDEOlançamentos

LaPaglia e Embeth enfrentam dilemas da guerra

DRAMA

AMOR EM TEMPO DE GUERRA

INÉDITO NO CINEMA

★★

A HISTÓRIA Na fase final da Segunda Guerra, um pára-quedista americano desembarca na região italiana da Toscana para, junto com a Resistência local, localizar e destruir as baterias anti-aéreas dos nazistas. Diante desse quadro, o padre do vilarejo vive um dilema: manter-se fiel a seus ideais pacifistas ou auxiliar os membros da Resistência – e em especial Adriana, a moça por quem está apaixonado.

O COMENTÁRIO Desde o início, fica claro que o filme sofre de crise de identidade: o diretor não sabe se samba ou se valsa, se trata de amor ou de guerra, se endossa os ideais do padre ou apóia a Resistência. Isso para não falar nos personagens que vão e voltam sem maiores explicações e nos contorcionismos a que a trama recorre para seguir em frente. Salvam-se as locações (todas portuguesas, aliás) e os sinceros esforços do elenco.

Isabela Boscov

(The Garden of Redemption, EUA, 1997) **Direção:** *Thomas Michael Donnelly.* **Com** *Anthony LaPaglia, Embeth Davidtz, Dan Hedaya, Peter Firth, David Neal, Jorge Sanz, James Acheson. 100 min. CIC.*

DRAMA

O MASSAGISTA

INÉDITO NO CINEMA

★★★

A HISTÓRIA Nina, uma solitária e refinada empresária de artes plásticas, faz semanalmente uma sessão de massagens para relaxar. Certo dia, seu massagista não pode comparecer e manda Fitch em seu lugar. O substituto é um homem sério, de poucas palavras e atitudes enérgicas. Nina, a princípio, reluta em entregar seu corpo às mãos de um estranho. Aos poucos, porém, descobre que possui muitas coisas em comum com o novo massagista.

O COMENTÁRIO De *Inverno de Sangue em Veneza* a *A Convenção das Bruxas*, o diretor inglês Nicolas Roeg não aderiu ao cinemão comercial. Aqui ele discute as angústias de dois quarentões solitários, que buscam a intimidade no contato corporal: a sessão de massagens, que funciona como uma terapia, amplia os horizontes sentimentais de cada um. Louve-se ainda a coragem de Mimi Rogers em mostrar seu corpo com total despojamento.

Miguel Barbieri Jr.

Brown vive entre a massagem e a solidão

(Full Body Massage, EUA, 1995) **Direção:** *Nicolas Roeg.* **Com** *Mimi Rogers, Bryan Brown, Christopher Burgard, Elizabeth Barondes, Gareth Williams, Patrick Neil Quinn. 93 min. Alpha.*

Criaturas da floresta ajudam os amantes

COMÉDIA ROMÂNTICA

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO – O FILME

★★

A HISTÓRIA A Royal Shakespeare Company assina esta transposição para a tela de uma encenação recente desta comédia romântica. Durante uma noite de verão, um bosque é o cenário em que se encontram dois jovens casais, uma companhia que ensaia uma peça para o duque e várias criaturas mágicas da floresta – as quais se encarregam de aumentar a confusão reinante com seus truques.

O COMENTÁRIO O estreante em cinema Adrian Noble dirigiu esta adaptação com os dois olhos no visual e nenhum ouvido no texto. Conseguiu um resultado criativo, mas maçante ao extremo. Embora o elenco seja razoável, as falas e os intérpretes parecem sem vida, o que os torna incapazes de transmitir à platéia aquele que é o grande mote da peça: a magia do amor. Para uma versão menos ortodoxa, mas muito mais feliz, recorra a Ingmar Bergman e seu *Sorrisos de uma Noite de Verão*.

Isabela Boscov

(A Midsummer Night's Dream, Inglaterra, 1996) **Direção:** *Adrian Noble.* **Com** *Lindsay Duncan, Alex Jennings, Desmond Barrit, Barry Lynch, Osheen Jones, Monica Dolan. 105 min. PlayArte.*

DRAMA

CASOS DE PAIXÃO

★★★

A HISTÓRIA Kate, uma dona de casa entediada, resolve estudar a vida e a obra de D.H. Lawrence. Fazendo pesquisas na biblioteca da Universidade de Nottingham, ela conhece David, um desempregado que também dedica seu tempo a conhecer melhor Lawrence. Ele leva Kate a passear por alguns lugares importantes para o escritor, poeta e pintor. Em cada etapa, o filme reconstrói passagens de sua vida em Nottingham.

A paixão une Branagh e Helen

O COMENTÁRIO Este telefilme é uma revelação para quem julga o caráter de D.H. Lawrence pelos seus romances amargos. Na reconstituição das passagens cruciais de seu desenvolvimento como artista, Kenneth Branagh mostra um Lawrence entusiasmado e cheio de vida, declamando alguns dos mais belos poemas da língua inglesa. O filme se concentra nos muitos amores do escritor, especialmente na alemã Frieda Weekley (Helen Mirren).

Marcos Smirkoff

(Coming Through, Inglaterra, 1985) **Direção:** *Peter Barber-Fleming.* **Com** *Kenneth Branagh, Helen Mirren. 83 min. Mundial.*

DRAMA

UM CANTO DE ESPERANÇA ★★★★

São raros os filmes que mostram a brutalidade imposta pelo exército japonês, durante a Segunda Guerra, aos prisioneiros ocidentais. Assim como o telefilme *O Preço da Coragem*, com Susan Sarandon, esta realização enfoca o estoicismo e o sofrimento de um grupo de mulheres. Aqui, elas são detidas quando fugiam de Cingapura, em 1942. Durante os três anos em que permanecem num campo de concentração em Sumatra, elas enfrentam inúmeras adversidades físicas e psicológicas. A certa altura, as prisioneiras organizam um coral clássico. A direção firme de Bruce Beresford (de *Conduzindo Miss Daisy*) evita o sentimentalismo fácil e não ameniza o incômodo provocado pela atmosfera sufocante de desconforto e humilhação. Sendo intimista até nos momentos de ação e crueldade, o diretor tenta não perder de vista qualquer uma das personagens dessa história verídica. Algumas delas, porém, se sobressaem por conta das intérpretes, caso de Adrienne (Glenn Close), com sua liderança espontânea, e miss Drummond (Pauline Collins, excelente), com sua candura. Ao resgatar essa saga, o cineasta australiano fez um mosaico comovente, valorizado por uma trilha sonora que inclui músicas de Anton Dvorak.

Alfredo Sternheim

Glenn, Johanna e Pauline ensaiam canções de redenção

(Paradise Road, EUA/Austrália, 1997) **Direção:** *Bruce Beresford.* **Com** *Glenn Close, Pauline Collins, Frances McDormand, Cate Blanchett, Julianna Margulies, Jennifer Ehle, Johanna Ter Steege, Sab Shimono. 114 min. Abril/Fox.*

ROMANCE

AMOR E OUTRAS CATÁSTROFES

INÉDITO NO CINEMA

★★

A HISTÓRIA Mia e Alice são estudantes de cinema. A primeira está em um impasse amoroso com a namorada e, além disso, não consegue fazer uma necessária transferência de curso. Já Alice quer conquistar o cobiçado Ari, um gigolô nas horas vagas, e terminar sua tese sobre Doris Day. As duas procuram ainda uma pessoa para dividir o quarto. É quando entra em cena o tímido Michael, que faz amizade com Ari e cai de amores por Alice.

O COMENTÁRIO Com uma narrativa pontuada por frases de personalidades como Jane Austen e Alfred Hitchcock, o filme tinha tudo para ser uma espécie de *Pequeno Dicionário Amoroso* mais ousado. O simpático recurso, porém, desaparece de uma hora para a outra, dando início a mais uma trama banal de encontros e desencontros entre jovens. Além de pouco inspirada, a direção acaba desperdiçando uma ótima idéia.

Suzana Uchôa Itiberê

Em busca do amor

(Love and Other Catastrophes, Austrália, 1996) Direção: Emma-Kate Croghan. Com Alice Garner, Frances O'Connor, Matthew Dyktynski, Matt Day, Radha Mitchell, Suzi Dougherty, Kim Gyngell. 81 min. Columbia TriStar.

DRAMA

SUBMUNDO DE AMBIÇÕES

INÉDITO NO CINEMA

★★

A HISTÓRIA Shelly é integrante de um quarteto de rock formado apenas por mulheres. Típica representante da cena grunge de Seattle, ela namora a líder da banda, Suzy, uma ativista política. Depois de um incidente ocorrido durante um show, Shelly reencontra o ex-namorado, Jimmy, que edita seu próprio fanzine. Ela sofre uma recaída e dá uma segunda chance a ele. Suzy, enciumada, ameaça terminar com o grupo.

O COMENTÁRIO Espécie de prima pobre de *Procura-se Amy*, trocando o universo dos quadrinhos pelo do rock alternativo, esta produção independente tem apelo suficiente para se comunicar com o público adolescente. O roteiro, porém, tropeça em personagens exageradamente imaturos, situações pouco naturais e uma terrível obsessão pelo politicamente correto, que faz com que sua vontade transgressora fique apenas na promessa.

Christian Petermann

As amantes do rock alternativo

(Slaves to the Underground, EUA, 1997) Direção: Kristine Peterson. Com Molly Gross, Marisa Ryan, Jason Bortz, Bob Neuwirth, Natacha La Ferriere, Claudia Rossi. 90 min. Paris.

DRAMA

ATÉ O LIMITE DA HONRA

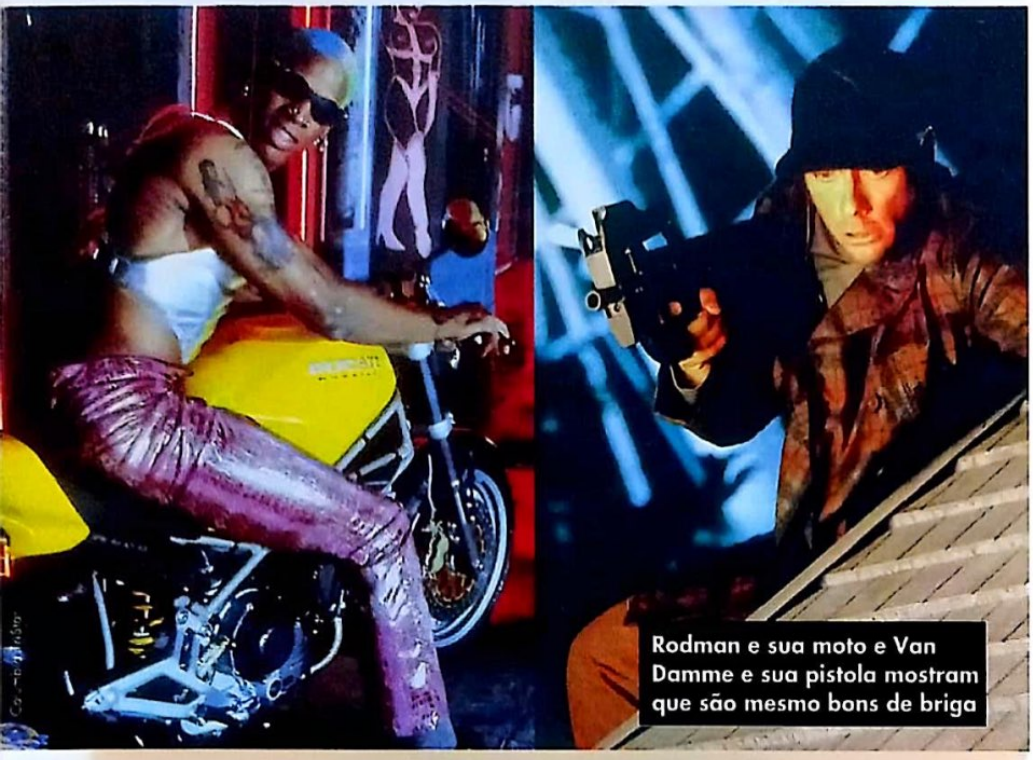
★★

Demi Moore prova que é muito macho quando, no final do filme, parte para o campo de batalha

Entre 1977 e 1982, Ridley Scott fez três filmes que, cada um à sua moda, marcaram época: *Os Duelistas*, *Alien* e *Blade Runner*. Águas passadas. Hoje, o diretor se dedica a delírios misóginos como este *Até o Limite da Honra* que, no máximo, marcará mais um ponto baixo na já desorientada carreira de Demi Moore. Não que a estrela tenha lá muita culpa no cartório. Antes de chegar ao capítulo de suas limitações dramáticas, é preciso percorrer vários outros – a começar pela falsidade do roteiro. No filme, Demi é a tenente Jordan O'Neil, uma inocente útil que acredita nas promessas de uma senadora (Anne Bancroft) e topa se tornar a primeira mulher a encarar o cruel treinamento dos Seals, ou a unidade de elite da Marinha americana. Como é honesta, Jordan faz questão de sofrer exatamente as mesmas torturas que os outros recrutas. Então é um filme feminista, certo? Erradíssimo. O diretor não descansa até, perversamente, transformar a moça em mais um dos rapazes – não por acaso, ao finalmente reunir coragem para desafiar seu superior, ela grita, sob aplausos dos colegas: "Chupe meu p, seu ****!". Para o cara que dirigiu *Thelma & Louise*, uma passagem dessas é um vexame. Ainda mais porque a pobre Jordan nem chega a ser um personagem: ela é só um artifício para que Ridley explore aquela velha mística militarista de dor, músculos, superação e camaradagem, que ele sublinha em pavorosas câmeras lentas. As duas estrelas da cotação cabem, portanto, exclusivamente aos méritos de Viggo Mortensen. No papel do inflexível oficial que comanda a sessão de sadomasoquismo na caserna, ele é o único que ama e odeia Jordan por ela ser o que é – uma mulher.**

Isabela Boscov

(G.I. Jane, EUA, 1997) Direção: Ridley Scott. Com Demi Moore, Viggo Mortensen, Anne Bancroft, Jason Beghe, Scott Wilson, Lucinda Jenney, Morris Chestnut, Josh Hopkins, James Caviezel. 124 min. Abril.



Rodman e sua moto e Van Damme e sua pistola mostram que são mesmo bons de briga

AÇÃO

A COLÔNIA ★★★

A mais nova luta de Jean-Claude Van Damme é contra o tempo. Depois de passar por clínicas de desintoxicação para se livrar das drogas, parece que nas telas o baixinho deixou de lado a urucubaca de *Desafio Mortal*, sua primeira e frustrante experiência como diretor, para voltar a ser sinônimo de sucesso. Não fez por menos: pela terceira vez, ele importou um cineasta de Hong Kong para comandar seu espetáculo particular de pancadaria, chamando ainda o astro do basquete Dennis Rodman para uma participação (por sinal insignificante). Depois de John Woo (com *O Alvo*) e Ringo Lam (com *Risco Máximo*), agora é a vez de Tsui Hark demonstrar seu potencial em Hollywood ao lado do carateca. Um agente secreto (Van Damme) abandona a profissão para se dedicar à mulher grávida. É chamado, porém, para uma última missão: eliminar o terrorista Stavros (o anabolizado Mickey Rourke). O tiro sai pela culatra: o bandido consegue escapar, e Van Damme é levado para uma ilha distante, onde outros espiões sobrevivem luxuosamente. Ao descobrir que Stavros está atrás de sua mulher, ele escapa da colônia para um acerto de contas. A indefectível caça do gato ao rato resvala nos clichês do gênero. Quem se importa? Se o conteúdo é raso e o roteiro tem passagens inexplicáveis, a fórmula está recheada de lutas muito bem coreografadas. Hark faz de Van Damme uma espécie de James Bond. O rei das artes marciais ainda não foi deposto.

Miguel Barbieri Jr.

(Double Team, EUA, 1997) Direção: Tsui Hark. Com Jean-Claude Van Damme, Dennis Rodman, Mickey Rourke, Paul Freeman, Natacha Lindinger, Valeria Cavalli, Jay Benedict. 92 min. Columbia TriStar

COMÉDIA

UM GÊNIO CHAMADO JACK BROWN

INÉDITO NO CINEMA

★★★

A HISTÓRIA Jack Brown é um inventor desastrado e solitário, que vive na Nova Zelândia dos dias de hoje. Ele passa a agir de forma ainda mais estranha: seu cérebro é invadido pelo espírito de um monge inglês da Idade Média, que morrera tentando voar com asas feitas de penas de galinha. Ao mesmo tempo em que está testando um protótipo revolucionário na área da locomoção, Jack se torna obcecado com a idéia de voar.

O COMENTÁRIO Comédia delirante, co-produzida e co-escrita por Peter Jackson, o louco diretor de *Os Espíritos*. A sua presença na equipe criativa já insinua por onde o filme trilha: pastelão desaforado, com momentos hilariantes e algumas passagens ingênuas, inesperados efeitos especiais e um dom para a surpresa tão característico dos filmes neozelandeses. Com ritmo ininterrupto, o filme tem potencial cult.

Christian Petermann

(Jack Brown, Genius, Nova Zelândia/Alemanha, 1995) Direção: Tony Hiles. Com Timothy Balme, Nicola Murphy, Marton Csokas, Edward Campbell, Stuart Devenie, Lisa Chappell. 91 min. Paris.

DRAMA

O PREÇO DA LIBERDADE

INÉDITO NO CINEMA

★★★

A HISTÓRIA Um professor inglês, graduado em ciência política e residente na África do Sul, é preso, em 1988, sob acusação de conspirar contra o regime do apartheid. Submetido por um coronel a abomináveis torturas psicológicas e maus- tratos, ele teme um final trágico para sua vida. Anos depois, um de seus companheiros de prisão lidera uma investigação sobre sua detenção.

O COMENTÁRIO Arthur Penn (de *Uma Rajada de Balas*) volta à televisão, onde iniciou sua carreira, para realizar um drama de prisão envolvente e sufocante. O resultado lembra a melhor fase de seu trabalho. O roteiro politizado sobre racismo e violência policial, embora mal concluído, permite criar um paralelo com os dias de hoje e oferece um crescendo de tensão, que ganha em intensidade nas mãos experientes do diretor e de seu competente elenco. Louis Gossett Jr. assina a produção executiva.

Fátima Gigliotti

(Inside, EUA, 1996) Direção: Arthur Penn. Com Eric Stoltz, Nigel Hawthorne, Louis Gossett Jr., Ian Roberts. 94 min. Top Tape.

O fim está próximo!

ASTERÓIDE

DRAMA

★★

A HISTÓRIA Um cometa desvia dois asteróides de sua órbita, fazendo com que as rochas rumem em direção à Terra. Uma astrônoma descobre a tragédia iminente e, ao lado de um agente federal especializado em emergências em grande escala, tenta evacuar uma metrópole americana antes que ela seja atingida pelos asteróides. Ao mesmo tempo, o governo americano estuda um meio de destruí-los.

O COMENTÁRIO Esta produção para a televisão se aproveita da nova moda dos filmes-catástrofe – mais exatamente da destruição em larga escala de *Independence Day* –, mas o resultado é irregular. Com efeitos especiais abaixo da crítica (a inundação de uma cidade por causa da queda de um asteróide é particularmente risível) e um elenco que oscila entre o caricato e o exagerado, *Asteróide* vai agradar somente aos fãs mais ardorosos do gênero – ou àqueles que curtem o mais descerebrado cinema trash.

Roberto Sadovski

(Asteroid, EUA, 1997) ***Direção:*** *Bradford May.* ***Com*** *Michael Biehn, Annabella Sciorra, Anne-Marie Johnson, Zachary Charles, Don Franklin, Anthony Zerbe. 120 min. Europa.*

AEON FLUX

DESENHO

★★★

A HISTÓRIA Em um futuro indeterminado, no qual os habitantes de duas metrópoles vivem em constante disputa, Aeon Flux é a anti-heroína rebelde que tenta desestabilizar o sistema, mesmo que para isso ela deva se envolver com seu mais implacável inimigo. A ação dos episódios é embalada por muito erotismo, psicodelia e violência. Esta animação virou objeto de culto.

O COMENTÁRIO Depois de ser exibida na MTV, a série *Aeon Flux* chega ao vídeo. Se em algumas histórias a ação e o roteiro são exemplares, em outras o autor se deixa levar por uma estética psicodélica e por considerações filosóficas que tornam o conteúdo incompreensível. Ainda assim, o belíssimo visual – inspirado na animação e nos quadrinhos europeus – torna este vídeo um programa acima da média.

Roberto Sadovski

(EUA, 1996) ***Direção:*** *Peter Chung.* ***Coletânea de desenhos.*** *Legendado. 124 min. CIC.*

Aeon Flux é uma anti-heroína violenta

SÍMBOLO DA LIBERDADE

AVENTURA

★★★

A HISTÓRIA Na década de 40, uma pequena cidade holandesa é ocupada pelos nazistas. Um dos oficiais passa a morar na residência de um casal de velhos, que está hospedando a neta americana. A difícil convivência com o inimigo torna-se ainda mais tensa no último ano da guerra, quando o comandante alemão ordena a retirada das estatuetas de um relógio do século 16 que tem valor histórico e afetivo para a população.

Blythe é o carrasco e Scofield, a vítima

O COMENTÁRIO Telefilme dos estúdios Disney que, sem resvalar no heroísmo fácil e enfatizando os valores éticos, evoca a conduta patriótica de um grupo de holandeses durante a Segunda Guerra. Dirigido de forma correta pelo inglês Kevin Connor (de *O Mundo que o Tempo Esqueceu*), o filme entrelaça o conflito coletivo com o drama de consciência do tenente Braun (Benedick Blythe, em marcante atuação). Belas locações.

Alfredo Sternheim

(The Little Riders, EUA, 1995) ***Direção:*** *Kevin Connor.* ***Com*** *Paul Scofield, Rosemary Harris, Benedick Blythe, Noley Thornton, Malcolm McDowell, Luke Edwards, Derek DeLint, Renee Soutendijk. 94 min. Alpha.*

O IMPOSTOR

SUSPENSE

INÉDITO NO CINEMA

★★★★

A HISTÓRIA James Wayland é dotado de notável inteligência, além de ser um mentiroso compulsivo. Dois policiais o interrogam por dias seguidos, acusando-o de ter assassinado uma *stripper* com requintes de crueldade. Enquanto é submetido a sucessivos testes de detecção de mentiras, Wayland percebe que os interrogadores estão com problemas – um deles vive um casamento falido, o outro deve dinheiro ao crime organizado. O jogo se inverte.

O COMENTÁRIO Instigante jogo de gato e rato, que trabalha o tempo todo com a dúvida: nunca se sabe se o que está sendo visto e ouvido é a verdade, uma versão da verdade ou a mais deslavada mentira. Os irmãos gêmeos Jonas e Joshua Pate sabem compor um clima ambíguo, febril e tenso, fazendo magnífico uso da câmera e dando todas as oportunidades para Roth brilhar. E ele rouba o show, acreditando-se nele ou não.

Christian Petermann

Roth engana o espectador

(Deceiver/Liar, EUA, 1998) ***Direção:*** *Jonas e Joshua Pate.* ***Com*** *Tim Roth, Chris Penn, Michael Rooker, Renée Zellweger, Rosanna Arquette, Ellen Burstyn. 102 min. Europa.*

COP LAND

POLICIAL

★★★

Uma das maiores qualidades e, ao mesmo tempo, o calcanhar de Aquiles de *Cop Land* é a presença de Sylvester Stallone como protagonista do filme. A persona cinematográfica de Stallone está tão enraizada no inconsciente coletivo a ponto de seu nome se associar quase que exclusivamente a filmes inconseqüentes de ação. Muitos espectadores, agindo por preconceito, passaram ao largo deste interessante drama policial, perdendo a oportunidade de ver o ator numa caracterização inédita em sua carreira. Se o filme foi prejudicado por aparentar ser o que não é, graças ao astro, é a sua presença que também o eleva acima da média no gênero. Partindo de uma premissa bastante interessante – a corrupção latente na cidade de Garrison, uma localidade criada para receber as famílias de policiais descontentes com a vida em Nova York –, o roteiro do diretor James Mangold faz de Stallone um herói solitário típico dos faroestes. Assim como Gary Cooper em *Matar ou Morrer*, Stallone se redime quando finalmente percebe o sujeira que o rodeia. Leão velho, gordo, ferido, surdo de um ouvido, carente, o Freddy Heflin personificado por ele representa bem o tom melancólico e fatalista do filme. Com um olho apurado para cenas bem construídas, Mangold ainda se dá o direito de brincar com o ícone Stallone: alienado e submisso, o xerife Heflin só começa a mexer seus pauzinhos quando o vilão Harvey Keitel lhe pergunta na cara, humilhando-o: "Quem você pensa que é?". Com os brios feridos, Stallone sai em busca de justiça. E o filme tem um final glorioso.

Christian Petermann

(EUA, 1997) ***Direção:*** *James Mangold.* ***Com*** *Sylvester Stallone, Harvey Keitel, Ray Liotta, Robert De Niro, Annabella Sciorra, Peter Berg, Robert Patrick, Michael Rapaport, Cathy Moriarty, Janeane Garofalo. 104 min. PlayArte*

Stallone enfrenta a corrupção

VIDEOlançamentos

COMÉDIA

O HOMEM NU

★★

A HISTÓRIA No aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, o folclorista Sílvio Proença ouve um chorinho que desconhece. Amante da música brasileira, ele encontra os músicos que o estavam interpretando e decide acompanhá-los ao apartamento de Marialva, a sobrinha do bandolinista. Dorme por lá mesmo. Na manhã seguinte, sozinho, ele apanha o pão no corredor do apartamento... e acaba preso, nu, do lado de fora.

Cláudio Marzo usa a bengala para proteger o dito-cujo

Europa

O COMENTÁRIO Esta é a segunda adaptação do romance de Fernando Sabino, realizada trinta anos depois do original de Roberto Santos. Com roteiro do próprio escritor, o filme provoca empatia pelo tom malandro tipicamente carioca. Cláudio Marzo está muito à vontade no papel. O diretor Hugo Carvana, porém, não injeta fôlego à trama, reduzindo seu filme a uma única piada, esticada desnecessariamente.

Christian Petermann

*(Brasil, 1997) **Direção:** Hugo Carvana. **Com** Cláudio Marzo, Isabel Filardis, Lúcio Veríssimo, Daniel Dantas, Maria Zilda Bethlem, Milton Gonçalves, Anselmo Vasconcelos, Joel Barcelos, Miéle, Thelma Reston, Antônio Pedro, Denise Bandeira, Hugo Carvana. 75 min. Europa.*

GUERRA

TERRITÓRIO COMANCHE

★★

A HISTÓRIA Laura é uma repórter bem-sucedida que vai a Sarajevo com a função de trazer imagens fortes da Guerra da Bósnia para a emissora em que trabalha. Lá ela conhece Mikel, um jornalista experiente e de firmes convicções, e José, seu cinegrafista. Eles dão início a uma série de dramáticas reportagens. O maior desafio, porém, é gravar os bombardeios e a ação de franco-atiradores no Território Comanche, um lugar violento.

O COMENTÁRIO Até que ponto a dor e a desgraça devem ser exploradas para garantir um sucesso de audiência? Esse é, a princípio, o tema discutido por Gerardo Herrero. O problema é que, em vez de concentrar a narrativa nas questões éticas levantadas pelos personagens, o diretor se deixa dominar pelas imagens da guerra. Parece que o próprio cineasta acabou se incluindo entre aqueles a quem pretendia criticar.

Suzana Uchôa Itiberê

*(Territorio Comanche, Espanha/Alemanha/França/Argentina, 1997) **Direção:** Gerardo Herrero. **Com** Imanol Arias, Cecilia Dopazo, Carmelo Gómez, Gastón Pauls, Bruno Todeschini, Ecija Ojdanic. 92 min. Cannes.*

Os jornalistas registram a barbárie

Cannes

DRAMA

Dallesandro e o objeto de seu desejo

Alpha

PAIXÃO SELVAGEM

★★★

A HISTÓRIA Um caminhoneiro homossexual sente-se atraído pela garçonete de uma lanchonete de beira de estrada, uma adolescente com aparência totalmente andrógina. Os dois iniciam um difícil relacionamento, já que seus desejos e afetividades têm naturezas extremamente diferentes. Além disso, o namorado do caminhoneiro, inconformado de ter sido passado para trás por uma mulher, não vai facilitar nada as coisas.

O COMENTÁRIO Esta provocadora produção *underground*, embalada pela escandalosa canção-título, de grande sucesso internacional, não envelheceu. Com enquadramentos nervosos e a paisagem árida como moldura para o delírio e a estranheza dos sentimentos e ações dos personagens, o diretor e compositor bissexto Serge Gainsbourg marcou época e transformou o ator Joe Dallesandro em símbolo sexual dos anos 70.

Fátima Gigliotti

*(Je t'Aime Moi Non Plus, Franço, 1976) **Direção:** Serge Gainsbourg. **Com** Joe Dallesandro, Jane Birkin, Hugues Quester, Gérard Depardieu, Michel Blanc. 90 min. Alpha.*

DRAMA

FICA COMIGO

★★

A HISTÓRIA Marcada pela infância pobre e pela separação de seus irmãos, a filha adotiva de um ex-policial não se adapta à vida luxuosa de seu novo lar. As coisas se complicam quando ela acredita reconhecer o irmão mais velho no líder de um bando de ladrões que arruína a festa de uma amiga. Ela rouba dólares do cofre do pai para fugir com o criminoso, deixando o velho em maus lençóis com os chefões do crime organizado para quem trabalha.

O COMENTÁRIO A julgar por este bem-intencionado drama, de forte conteúdo social, Tizuka Yamasaki (de *Gaijin*) parece pouco à vontade nos sets de cinema após se dedicar, nos últimos anos, à televisão. O roteiro precário de Jorge Durán e a inexperiência do elenco jovem não ajudam, e o filme se ressente de uma direção mais envolvente e inspirada. O que, no final das contas, acaba afastando o seu público-alvo, o adolescente.

Fátima Gigliotti

*(Brasil, 1996) **Direção:** Tizuka Yamasaki. **Com** Antônio Fagundes, Luciana Rigueira, Vitor Hugo, Lúcia Alves, Tereza Seiblitz. 92 min. Sagres/Riofilme.*

DRAMA

SENHORA DALLOWAY ★★★

Seu papel era pequeno, mas quem a viu como a namorada de Brad Pitt no thriller *Inimigo Íntimo* já pôde sentir a presença marcante da bela Natascha McElhone. Agora, ao dividir o papel principal com a veterana Vanessa Redgrave, Natascha prova que tem muito a oferecer. Elas encarnam duas fases da vida da personagem-título, saída das páginas do romance homônimo de Virginia Woolf. Assim como em *A Excêntrica Família de Antonia*, as lentes da diretora Marleen Gorris focalizam o universo feminino. Desta vez, porém, o humor desaparece, abrindo espaço para uma história de ritmo lento e poucas reviravoltas. A ação se passa em Londres, em um único dia de 1923. Prestes a dar mais uma de suas elegantes festas, a sra. Dalloway é tomada por memórias da juventude, mais precisamente do verão em que teve de escolher entre a segurança do casamento com um político e o romance ao lado de um aventureiro. É o eterno paradoxo entre razão e emoção a batalha interna que, aos poucos, se revela nos gestos e nas expressões da protagonista. O confronto final é deflagrado por uma história que corre paralela: o drama de um soldado da Primeira Guerra (Rupert Graves), cujo trauma o leva à loucura. O resultado final não é um filme de transformações, mas sim de constatações.

Suzana Uchôa Itiberê

A grande Vanessa Redgrave revê sua juventude

Paris

*(Mrs. Dalloway, EUA, 1997) **Direção:** Marleen Gorris. **Com** Vanessa Redgrave, Natascha McElhone, Rupert Graves, Katie Carr, Michael Kitchen, Alan Cox, Sarah Badel, Lena Headey, John Stading. 97 min. Pans.*

DRAMA

MONIKA E O DESEJO

★★★★

A HISTÓRIA Sentindo-se sufocada pela vida miserável que leva, a jovem Monika larga tudo e vai morar com o namorado na lancha dele. Envolvido por esse clima de liberdade, amor e sexo, ele perde o emprego, e ambos decidem passar o verão em uma ilha perto de Estocolmo. Quando termina a estação, eles voltam à capital. Monika está grávida. Eles se casam, e a criança nasce. O relacionamento torna-se cada vez mais difícil.

O COMENTÁRIO Ingmar Bergman, aqui menos cerebral, enfatiza com realismo e ternura o cruel desgaste de um relacionamento amoroso. O cineasta criou cenas antológicas, como aquelas que mostram o cinismo de Monika fumando e o desencanto de Harry diante do espelho com a criança no colo. Com esplêndidas atuações de Harriet Andersson e Lars Ekborg (o par central), o filme emociona. A cópia em vídeo deturpa o enquadramento original.

Alfredo Sternheim

ika, amor e sexo

(Sommaren Med Monika, Suécia, 1952) Direção: Ingmar Bergman. Com Harriet Andersson, Lars Ekborg, Ake Fridell, Dagmar Ebbesen, Naemi Briese, Äke Grönberg. 96 min. Em p&b. Continental.

DRAMA

O OLHO DO DIABO

INÉDITO NO CINEMA

★★★

A HISTÓRIA Como dito por um provérbio hoje quase esquecido, "a castidade de uma donzela provoca um terçol no olho do diabo". Incomodado, Satanás envia à superfície o espírito de Don Juan, que estava adormecido no inferno. Ele logo conhece a virtuosa filha de um pastor, que está prestes a se casar virgem. Jovem de costumes modernos, ela não se deixa seduzir pelo charme do conquistador, que usa métodos antiquados e, para ela, hilários.

O COMENTÁRIO Adaptação de uma peça radiofônica, este filme se apresenta como um "rondo caprichoso", com direito a narrador e a músicas tocadas ao cravo. Apesar de ser considerada uma comédia, a direção pesada e lenta do mestre Bergman faz com que esta obra figure entre as menos expressivas de sua filmografia. Sem abandonar suas preocupações metafísicas, o filme oferece alguns bons momentos no inferno concebido de forma teatral.

Christian Petermann

(Djävulens Öga, Suécia, 1960) Direção: Ingmar Bergman. Com Jarl Kulle, Bibi Andersson, Nils Poppe, Stig Järrel, Gunnar Björnstrand 90 min. Em p&b. Dublado em inglês. Continental.

Don Juan (*à dir.*) e seu assistente

DRAMA

O ROSTO

★★★

A HORA DO LOBO

★★★★

Von Sydow mergulha em seus delírios expressionistas

Quase uma década separa *O Rosto*, vigésimo longa do sueco Ingmar Bergman, de *A Hora do Lobo*, o vigésimo-oitavo, lançamentos que integram um pacote especial com cinco fitas do cineasta. Uma série de elementos, no entanto, os aproxima. São ambos expressionistas, com um pé no realismo fantástico e outro na discussão sobre o papel do artista na sociedade – características fáceis de encontrar, de qualquer forma, em vários outros filmes do cineasta. Ambientado em 1846, *O Rosto* acompanha os percalços de um ilusionista e sua trupe. A caminho de Estocolmo, eles são interceptados pela polícia e levados ao castelo de um cônsul, onde participam de um jogo de máscaras sem regras muito claras e conseqüências ainda mais difusas. Em *A Hora do Lobo*, um artista plástico, refugiado com a mulher em uma ilha deserta, inicia um processo de loucura, com direito a delírios e pesadelos. Diários registram a viagem sem retorno à terra de seus próprios demônios. Os dois filmes, autênticos Bergman, são abertos a diversas interpretações, de acordo com o gosto do freguês. Mas distanciam-se de maneira acentuada no impacto que provocam. Enquanto *O Rosto* passa por uma reviravolta no final, que reverte ironicamente o tom negro da trama, *A Hora do Lobo* mergulha sem concessões em um universo perturbador que, mesmo quando parece chegar ao limite, desce mais um degrau rumo ao abismo. A sensação de experimentá-lo em companhia dos personagens exemplifica o que de melhor o cinema reflexivo pode oferecer.

Sérgio Rizzo

(Ansiktet, Suécia, 1958) Direção: Ingmar Bergman. Com Max Von Sydow, Ingrid Thulin, Bibi Andersson, Gunnar Björnstrand, Erland Josephson. 102 min. Em p&b. Continental.

(Vargtimmen, Suécia, 1967) Direção: Ingmar Bergman. Com Max Von Sydow, Liv Ullmann, Erland Josephson, Ingrid Thulin. 88 min. Em p&b. Continental.

Dúvidas, reclamações, sugestões? Identifique-se como leitor da SET e ligue para as distribuidoras

Abril/Fox	0800 120-199	Mundial	(011) 536-0677
Alpha	(011) 230-0200	Paris	(011) 872-4404
Cannes	(011) 7295-7020	PlayArte	(011) 575-6996
CIC	(011) 816-0852	Reserva Especial	(011) 605-6101
Columbia TriStar	(011) 5503-9898	Riofilme	(021) 220-7090
Continental	(021) 262-5212	Sagres	(021) 253-4750
Europa/Carat	(011) 7295-7020	Top Tape	(011) 826-3066
		Warner	(011) 820-6777

COLEÇÃO SUCESSOS DO CINEMA
O MAIOR DESFILE DE SUCESSOS.

R$ 9,90

O EXTERMINADOR DO FUTURO
Do mesmo diretor de TITANIC

SEM SAÍDA
Kevin Costner e Gene Hackman

R$ 15,90

MR. HOLLAND - ADORÁVEL PROFESSOR
Richard Dreyfus e Oympia Dukakis

DIRTY DANCING
Patrick Swayze e Jennifer Grey

DE CASO COM A MÁFIA
Michelle Pfeiffer

O NOME DA ROSA
Sean Connery e Christian Slater

FICÇÃO
SUSPENSE
COMÉDIA
POLICIAL

O SEGREDO DE ANASTÁSIA
Um desenho animado fantástico.

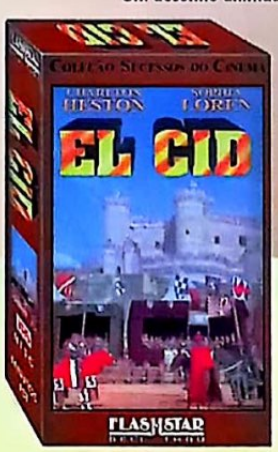
HAMBURGER HILL
Um filme de John Irvin

DRAMA
MUSICAL
DESENHO
GUERRA

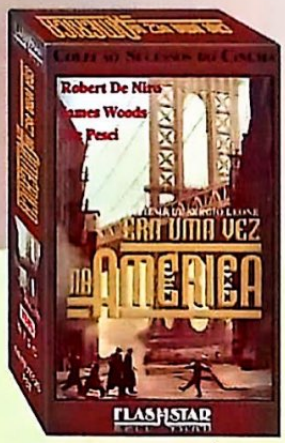
R$ 21,90

ÉPICOS
Fitas
Duplas

A QUEDA DO IMPÉRIO ROMANO
Dirigido por Anthony Mann
Sophia Loren e Stephen Boyd



EL CID
Dirigido por Anthony Mann
Chalton Heston e Sophia Loren



ERA UMA VEZ NA AMÉRICA
Dirigido por SérgioLeone
Robert De Niro, James Woods e Joe Pesci

R$ 9,90 cada

INFANTIL

AS AVENTURAS DE TIN-TIN
Desvendando misteriosos casos.

SONIC
As mais loucas aventuras

PORCO ROSSO
O último herói romântico.

DENNIS - O PIMENTINHA
Aprontando com o Sr. Wilson.

STREET FIGHTER
Nossos heróis lutando pra valer.

FITAS COM ALTA QUALIDADE DE SOM E IMAGEM - CONSULTE-NOS SOBRE OUTROS TÍTULOS.

A VENDA NAS MELHORES LOCADORAS OU LIGUE GRÁTIS 0800-16-9911

FLASHSTAR HOME VIDEO

mais TAKes

James Woods em *Vampire$*: metido em encrencas

Wesley Snipes (com Stephen Dorff) em *Blade*: combate secular

OS VAMPIROS ATACAM HOLLYWOOD

Novas produções prometem dar sangue novo ao mito dos mortos-vivos

Eles estavam com a bola toda depois de *Drácula de Bram Stocker* e de *Entrevista com o Vampiro*, mas caíram em desgraça após o fracasso da aventura *Um Drink no Inferno*. Mesmo assim, o cinemão americano parece não estar disposto a deixar os vampiros descansar em paz. Duas novas produções protagonizadas pelas criaturas das trevas prometem injetar – com o perdão do trocadilho – sangue novo ao gênero.

Uma delas é *Vampire$*, do diretor John Carpenter, responsável por clássicos do terror como o primeiro *Halloween* e *O Enigma do Outro Mundo*. Recuperando-se do fiasco chamado *Fuga de Los Angeles*, Carpenter adaptou um romance de John Steakley, sobre uma equipe de caçadores de vampiros reunida pelo Vaticano para destruir uma maléfica horda de chupadores de sangue. O líder dos caçadores, Jack Crow, é interpretado por James Woods.

Já *Blade, the Vampire Slayer* é a adaptação do personagem de quadrinhos da Marvel Comics. Filho de uma mulher amaldiçoada, o herói carrega sangue infernal em suas veias e, com a ajuda de um caçador de vampiros profissional, tenta exterminar um grupo de mortos-vivos determinado a conquistar o mundo. O protagonista de *Blade* é Wesley Snipes, que também pretende levar para as telas outro herói da Marvel: o Pantera Negra.

Mas o filme de vampiros mais aguardado da nova safra ainda nem começou a ser produzido. É *I Am Legend*, de Ridley Scott, no qual Arnold Schwarzenegger é o único ser humano do planeta Terra que não foi contaminado por um vírus mutante, capaz de transformar as pessoas em vampiros. *I Am Legend* é a terceira versão em celulóide do livro de Richard Matheson e, embora as filmagens tenham sido adiadas por causa do altíssimo orçamento, o filme recebeu sinal verde da Warner e deve chegar às telas ano que vem. Melhor assim, já que, numa batalha contra um bando de vampiros, ninguém melhor que o velho Schwarzie para se ter ao lado. ■

HARRISON FORD
COM A AGENDA LOTADA

O astro Harrison Ford vai curtir merecidas férias depois do lançamento de *Six Days, Seven Nights*, que promete ser um dos filmes mais concorridos do verão americano. Mas o descanso será curto, já que Harrison está com nada menos que quatro novos projetos pela frente. O primeiro é *Random Hearts*, um drama a ser dirigido por Sydney Pollack (que trabalhou com o ator em *Sabrina*). Por outro lado, a Paramount está cobrando do astro seu terceiro filme na pele do analista da CIA Jack Ryan (que poderá se chamar *The Cardinal of the Kremlim*), bem como a tão aguardada quarta aventura de Indiana Jones. Finalmente, Ford poderá substituir Arnold Schwarzenegger na refilmagem de *O Planeta dos Macacos*, a ser produzida por James Cameron.

MELANIE GRIFFITH
SAÍDA PELA DIREITA

O que uma atriz pode fazer quando sua carreira no cinema entra em coma? A resposta pode até não ser "arriscar a sorte numa série de televisão", mas foi exatamente isso que Melanie Griffith fez para tentar voltar a brilhar. Melanie foi indicada ao Oscar por *Uma Secretária de Futuro* – lá atrás, em 1988 –, mas desde então sua carreira se tornou uma série de tropeços – que pode culminar com a série *Me & George*, sobre uma mãe solteira que tenta criar seu filho em Nova York. A desculpa da atriz para se afastar do cinema foi querer passar mais tempo ao lado de sua filha

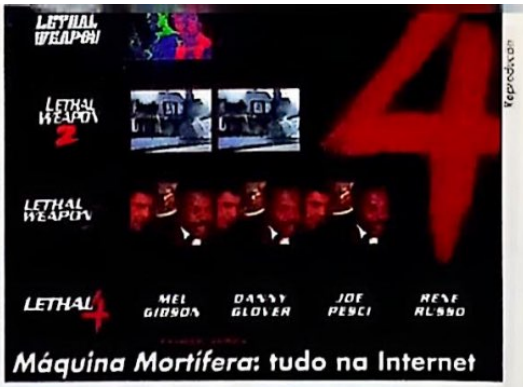
Melanie: estreando na telinha

mais TAKES

MADONNA
TRABALHO PESADO

Os fãs que estavam sentindo a falta da diva Madonna nas telas podem ficar sossegados. Depois da ressaca de *Evita* e das gravações de seu novo disco, *Ray of Light*, a orgulhosa mamãe de Lourdes Maria voltará aos cinemas em *The Red Door*, uma produção independente sobre um casal de irmãos que precisa fazer as pazes com seu pai tirânico, que está morrendo de Aids. Não tinha nada mais levinho não, senhora Ciccone?

Madonna: voltando às telas num filme barra-pesada



Reprodução

Máquina Mortífera: tudo na Internet

MÁQUINA MORTÍFERA 4
VIDA LONGA PARA MARTIN RIGGS

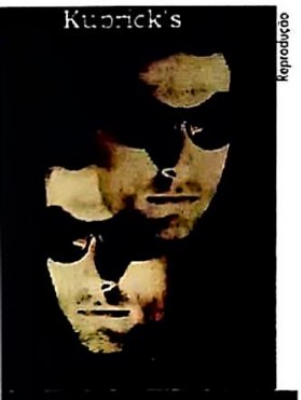
Ao final do roteiro original de *Máquina Mortífera 4*, o personagem de Mel Gibson – o policial Martin Riggs – seria assassinado, o que encerraria a série definitivamente. Mas, depois do péssimo ano que passou, a Warner decidiu manter o sujeito vivo, já pensando na possibilidade de um quinto episódio. Mel Gibson, que vai levar 20 milhões de doletas de cachê, mais uma gorda participação na bilheteria, obviamente não reclamou do novo destino de seu personagem. Em tempo: o site do filme na Internet promete mostrar cenas em tempo real, entrevistas com os atores no set de filmagens e ainda oferece fotos e trailers dos três filmes anteriores. Anote o endereço: lethalweapon–4.com

Kinnel

A IDADE DO LOBO

"Eu tenho pares de meias que são mais velhos do que muitos dos diretores com os quais tenho trabalhado."

Do ator **Burt Reynolds** *que, aos 62 anos, comemora seu retorno ao primeiro time de Hollywood com* Boogie Nights



Reprodução

EYES WIDE SHUT
MISTÉRIOS REVELADOS

Parece que a extensa filmagem de *Eyes Wide Shut*, a nova produção do gênio Stanley Kubrick, está se aproximando do fim. Primeiro Kubrick revelou que a trama é baseada no romance *Dream Story*, de Arthur Schnitzel, sobre um homem casado que sofre profundos abalos psicológicos depois de passar por uma traumática experiência sexual. O diretor situou a história na Nova York dos dias de hoje e transformou o protagonista num casal de psiquiatras – interpretados por Tom Cruise e Nicole Kidman, que terminaram sua participação em *Eyes Wide Shut* em fevereiro. Além disso, já começaram a circular pela Internet dois cartazes que poderão (ou não) ser usados para promover o filme. *Eyes Wide Shut* deve chegar aos cinemas ianques no final do ano – mas é melhor marcar a data no calendário com um lápis, e manter a borracha por perto.

Os Caçafantasmas: mais ameaças sobrenaturais

A IMAGEM DO MÊS

TUDO DE NOVO NO FRONT

Chega da imagem de bom moço: desta vez, Tom Hanks vai para a guerra. Em *Saving Private Ryan* – que no Brasil poderá se chamar *O Resgate do Soldado Ryan* –, o astro protagoniza seu primeiro filme desde *Forrest Gump*. Durante a Segunda Guerra Mundial, Hanks lidera uma equipe que penetra nas linhas inimigas para uma missão de resgate em pleno ataque dos Aliados às forças do Eixo nas praias da Normandia – o famoso Dia D. Mas ele não é o único astro do filme: Tom divide a cena com o novo queridinho do cinema americano, o jovem Matt Damon (de *Gênio Indomável*). *Saving Private Ryan* é dirigido por Steven Spielberg e deve chegar ao Brasil em setembro.

GHOSTBUSTERS 3

INFERNO NA GRANDE MAÇÃ

Depois de ressuscitar os irmãos cara-de-pau na comédia *Blues Brothers 2000*, o ator Dan Aykroyd está decidido a dar mais uma chance para os Caçafantasmas. No roteiro de *Ghostbusters 3*, que ele está escrevendo ao lado do companheiro de caçadas ectoplásmicas Harold Ramis, a cidade de Nova York é transformada numa "sucursal do inferno" por uma entidade demoníaca, e os Caçafantasmas se reúnem para combater a ameaça – ou pelo menos a metade da equipe, já que Bill Murray deixou bem claro que não tem o menor interesse em participar do filme.

Clint: a salvação de um condenado

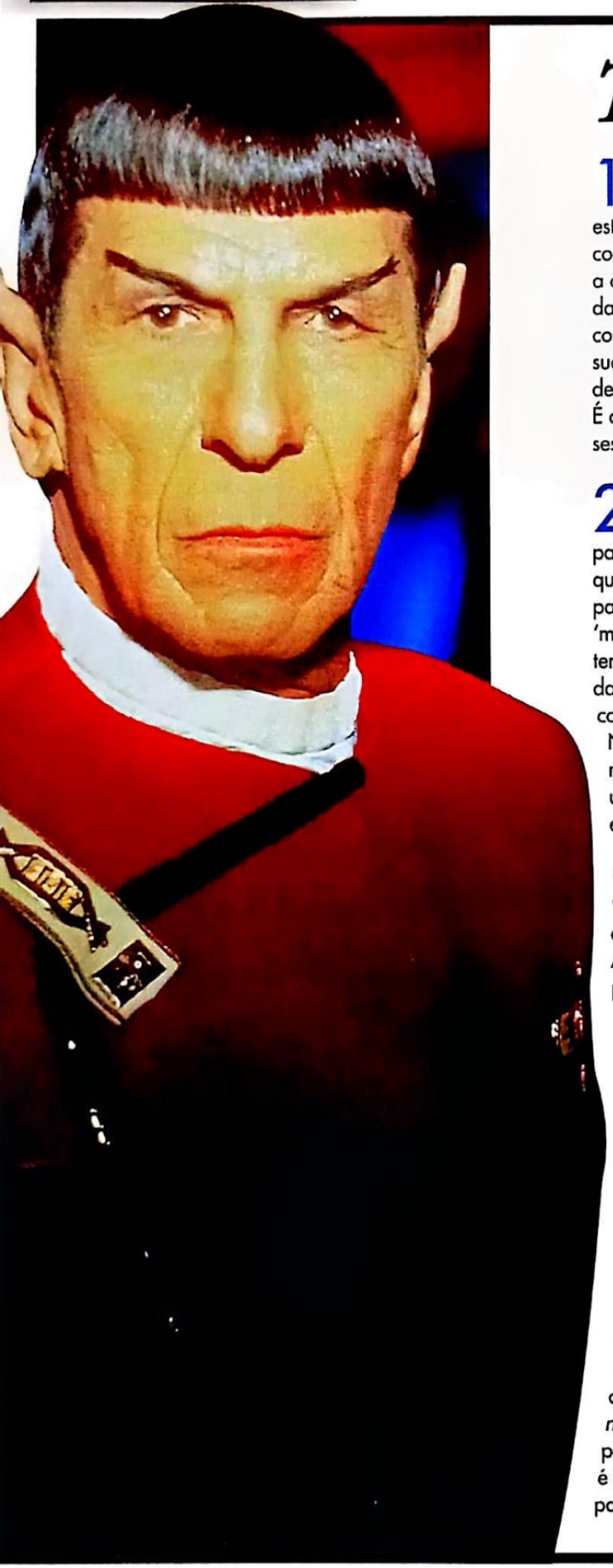
Warner

CLINT EASTWOOD

ALÉM DO JARDIM DO BEM E DO MAL

O astro Clint Eastwood, ainda se recuperando da péssima recepção a seu último filme, *Meia-Noite no Jardim do Bem e do Mal*, está pronto para voltar ao trabalho. Ele vai protagonizar e dirigir o suspense *True Crime*, no papel de um repórter veterano que descobre a inocência de um condenado à morte um dia antes de sua execução. *True Crime* é a prova de que, mesmo quando erra a mão, Clint ainda está cheio de moral: a produtora do filme é a mesma Warner que bancou o fracassado *Meia-Noite*.

LEON



Tudo o que eu am

1 O Sr. Spock: "Não há dúvida de que na minha lápide vai estar escrito 'Leonard Nimoy, mais conhecido como Sr. Spock'. Aprendi a conviver com isso, e adoro a ironia da situação. Se você é identificado com um personagem, ele representa sua chave para o sucesso. É uma faca de dois gumes? É, mas é sucesso. É como dizer, 'Eu preferia não ter sessenta anos'. Qual a alternativa?".

2 A Rússia: "Sempre tive curiosidade pela terra dos meus pais, embora nenhum deles tivesse qualquer desejo de revisitá-la. A palavra 'nimoy', ou 'nemoi', significa 'mudo' em russo, e suspeito de que tenha havido algum deles na história da família. Quando estive na Rússia, conheci um homem chamado Boris Nimoy. Ele não falava inglês; eu não falo russo. Nos comunicamos um pouco em ídiche, e foi um encontro extraordinário".

3 Meus pais: "Meus pais eram pessoas extremamente diligentes, responsáveis e práticas. Ambos escaparam da Rússia – meu pai atravessou clandestinamente a fronteira com a Polônia durante a noite, e minha mãe se escondeu numa carroça de feno. Trabalhar duro, para eles, era uma obrigação moral. Sempre os amei e respeitei".

4 Voar: "Adoro andar de avião, e estou tendo aulas para tirar meu brevê no aeroporto de Logan, em Boston".

5 Rir à minha própria custa: "No começo eu achava que de jeito nenhum a série *Jornada nas Estrelas – A Nova Geração* poderia dar certo. Mas, sabe, não é tão ruim assim engolir as próprias palavras – o gosto até que é bom".

6 A influência de *Jornada nas Estrelas*: "Sempre fico perplexo e comovido em descobrir o quanto o seriado afetou a vida de pessoas que, por causa dele, fizeram carreira na ciência, na astronomia, na exploração espacial".

7 DeForest Kelley (*que interpretava o Dr. McCoy em Jornada nas Estrelas*): "DeForest é uma alma boa e tranqüila, um verdadeiro cavalheiro, e está casado há quarenta anos com uma mulher encantadora, Carolyn. Como o Dr. McCoy, ele nasceu em Atlanta, na Geórgia. Antes de entrar para o elenco de *Jornada nas Estrelas* ele já era um veterano com grande experiência em vilões de faroestes. DeForest era uma influência estabilizadora no set de filmagens, sempre cheio de conselho sábios – mas seu relacionamento com o Sr. Spock seguia mais a linha de duplas cômicas como Abbott e Costello".

8 William Shatner (*que interpretava o Capitão Kirk*): "Bill é um piadista incorrigível. Nós nos comportávamos como moleques, rindo, gritando e brigando o tempo todo. Apesar de nossas discussões, continuamos amigos. Nossos problemas? Rivalidade entre irmãos. Nosso respeito profundo e sincero um pelo outro foi mais do que suficiente para compensar qualquer conflito".

9 Harry Belafonte: "Uma das minhas grandes fontes de inspiração para criar os movimentos de Spock – ou melhor, sua reserva – foi Harry Belafonte. Lá pelo meio dos

ARD NIMOY

O...

anos 50, fui com minha mulher assistir a um show dele em Los Angeles. Durante os primeiros 45 minutos, ele simplesmente ficou parado diante do microfone, mãos apoiadas nas coxas, e mal moveu um músculo. Depois de todo esse tempo, ele subitamente levantou o braço direito bem devagar – e o impacto desse gesto tão sutil sobre a platéia foi imenso, muito mais do que se ele estivesse dançando feito louco desde o início. Foi a lembrança desse conceito que me ajudou a criar os maneirismos do Sr. Spock".

10 **Mel:** "Todas aquelas horas intermináveis de trabalho em *Jornada nas Estrelas* acabavam comigo. Desde então, faço questão de manter um vidro cheio de mel no meu camarim. No fim da tarde, como mel às colheradas para agüentar o repuxo".

11 **A saudação dos Vulcanos:** "Tomei emprestado um símbolo do judaísmo ortodoxo, em que os sacerdotes abençoam os fiéis estendendo sobre eles as mãos, com as palmas bem abertas, o dedão esticado e o dedo anular e o médio separados, de forma que cada mão forme dois 'V'. Esse gesto simboliza a letra hebraica 'shin' que, na Cabala, significa o espírito eterno".

...e odeio!

1 Ser chamado de Sr. Spock: "Outro dia, no aeroporto, uma mulher me reconheceu e trouxe o filho dela para me ver. 'Olhe quem está aqui, Johnny', ela dizia, 'a pessoa de quem você mais gosta no mundo'. O garoto ficou olhando para mim, completamente besta. 'É ele, Johnny, de *Jornada nas Estrelas*', ela insistia, enquanto o garoto continuava a olhar, sem me reconhecer. 'Johnny, vai, é o Sr. Spock.' Ela estava errada, claro – e o garoto sabia disso".

2 Outro filme de *Jornada nas Estrelas* em que eu esteja no elenco: "De jeito nenhum. Acabou. A-c-a-b-o-u. Pronto. O chefe do estúdio nem tem meu número de telefone".

3 Emoções reprimidas: "Quando meu pai morreu, percebi que não tinha nenhum contato com as minhas emoções. Demorou muito até eu admitir a sensação de perda".

4 O fato de ninguém acreditar que eu tenho senso de humor: "Por causa do Sr. Spock, muitos críticos se surpreendem ao descobrir que tenho senso de humor. Ninguém achava que eu saberia dirigir uma comédia (*como o sucesso Três Solteirões e um Bebê*)".

5 O Instituto de Revisão Histórica: "A tese desse grupo é que os nazistas nunca assassinaram nenhum judeu; eles defendem que os judeus enviados aos campos de concentração eram 'arruaceiros', e que as mortes ocorreram devido ao tifo, e não às câmaras de gás – que, eles insistem, eram cômodos de limpeza. Tenho asco a esse grupo e a todas as falsidades que ele representa".

6 Ficar de fora: "Nos anos 30, eu era um garoto judeu que morava no West End de Boston, uma região quase só de italianos. A maioria dos meus amigos era de origem italiana, e logo percebi que eu era 'diferente'. Nossa amizade ia só até a porta da igreja".

7 Timidez: "Sempre fui um garoto tímido, que ficava sem graça por qualquer coisa. Por isso gosto tanto dessa profissão – eu me sentia protegido atrás de um personagem".

8 Fazer aparições públicas como o Sr. Spock: "Só cometi esse erro uma vez, porque os organizadores da parada de que eu ia participar solicitaram que eu fosse com o figurino de *Jornada nas Estrelas*. Nunca mais".

9 A frase "Já cuidamos da segurança para o senhor": "Quando alguém me diz isso, já sinto cheiro de confusão. Na minha experiência, tudo que esses seguranças fazem é emitir sinais de que estão à espera de problemas, o que, por sua vez, alerta os fãs de que há algo fora do normal acontecendo. Tenho certeza de que a histeria das multidões é induzida exatamente pelas pessoas que deveriam estar protegendo você contra ela".

10 Astros que se recusam a dar autógrafos: "Quando eu tinha uns doze anos, era fã do comediante Danny Kaye. Lembro de, certa vez, ficar horas à espera dele, junto com alguns outros garotos, na saída de um teatro. Quando Kaye finalmente apareceu, escoltado por dois homens, já foi avisando: 'Nada de autógrafos'. Não desisti, e corri atrás dele até o carro – fui o único que teve coragem. De novo, pedi educadamente que ele me desse um autógrafo. Ele não respondeu e não olhou para mim: só entrou no carro e foi embora. Fiquei furioso, e jurei que, se algum dia me visse nessa situação, jamais recusaria um autógrafo".

11 Minha falta de comunicação com Gene Roddenberry, o criador de *Jornada nas Estrelas*: "Eu queria muito me dar bem com Gene, mas nunca encontrei o gesto ou a palavra que pudesse romper a barreira emocional que havia entre nós. Hoje é difícil aceitar que Gene já se foi, e que não haverá outra chance de remediar nosso relacionamento. Ainda assim, continuo a admirar seu talento e criatividade".

Susan Granger

Cartas

MUITO BOM...

A edição 128 estava esplêndida. A capa dedicada a Quentin Tarantino foi uma homenagem justíssima, pelo fenômeno que ele produz com seus filmes viscerais. A seleção da matéria "63 Pessoas que Fazem Hollywood Ser Mais Legal" foi, no mínimo, ousada e muito bem distribuída. Ah! E eu não poderia esquecer *Nostalgia*, que destacou uma das cenas mais gélidas e fascinantes de Greta Garbo.

Cássio Roberto Paz da Silva
(Fortaleza – CE)

BOM SENSO

Parabéns pela maravilhosa reportagem "Quentin Tarantino + 62 pessoas que Fazem Hollywood Ser Mais Legal". A escolha dos nomes foi excelente e o texto atribuído a cada um deles, de grande qualidade. Não posso dizer que não faltou ninguém na relação, mas tudo bem. Continuem publicando reportagens tão boas quanto essa.

Rafael Esteves Candido Gomes
(rafael.gomes@bsnet.com.br)

PONTO DE VISTA

Quero registrar minha indignação com a Academia de Artes e Ciências Cinematográficas pela não indicação ao Oscar de *Amistad* nas categorias de melhor filme e direção. Nota-se novamente a injustiça que a Academia faz em relação ao diretor Steven Spielberg, que já se fez presente em outros tempos e que todos acreditavam ter acabado após a premiação de A *Lista de Schindler*.

Daniel Alves
(Goiânia – GO)

"Impossível não parabenizá-los pela estupenda edição de fevereiro. Podemos começar pela capa, que estampou a cara do maior gênio do cinema atual; passar pela brilhante crítica à pequena obra-prima do cinema de aventura *A Outra Face*, e terminar com a incomparável Dulce Damasceno de Brito, que sempre nos brinda com sua elegância e seus infindáveis conhecimentos cinematográficos. A cada edição, SET comprova a máxima que diz: "Não há nada tão bom que não possa ser melhorado". Jamais surgirá um concorrente à altura de vocês."

Aristeo Foloni Jr. (Blumenau – SC)

BRONCA

Como puderam esquecer de Winona Ryder, Liv Tyler, Ben Affleck, Vince Vaughn, Ethan Hawke e Danny Boyle? Certamente é por causa deles que devemos ficar com os olhos bem abertos. Sem sombra de dúvida, eles têm emprego garantido no ano 2000, valem sempre o ingresso e mereciam mais, inclusive quando o assunto é espaço na revista.

Elder Yanaze Oda
(Curitiba – PR)

INSATISFAÇÃO

Péssima foi a minha surpresa ao receber a SET de fevereiro. A capa foi a pior dos últimos quatro anos e aquela matéria de capa só serviu para encher lingüiça, ocupando 45 páginas da edição. Ponto positivo apenas para a lindíssima foto de Sean Connery e para *Nostalgia*, com Greta Garbo em seu melhor filme – *Rainha Cristina*.

Luciane B. da Silva
(Natal – RN)

OPS!

- Quem contracenou com Greta Garbo em *Rainha Cristina* foi John Gilbert e não Lewis Gilbert, como publicado.
- O leitor Marcelo de Oliveira Barros chama a atenção para a entrevista de Dustin Hoffman: ele não participou de *Serpico*, como citou Laura Gross.

entre leitores

Quero me corresponder e fazer amizade com amantes do cinema.
Rosimar Cristina de Jesus
R. Dom Barreto, 1.400,
CEP 13170-001 (Sumaré – SP)

Compro a edição de julho de 1994 e qualquer material sobre a atriz sueca Ingrid Bergman.
Caliana Ferreira
R. Almirante Barroso, 1.523, km 1,
CEP 78915-020 (Porto Velho – RO)

Possuo amplo material de artistas nacionais e internacionais e troco por qualquer coisa sobre Leonardo DiCaprio.
Ticiana Martins Zwarg Simões Dias
R. Capitão Manoel Bento, 325,
CEP 11740-000 (Itanhaém – SP)

Compro material sobre o filme *Titanic*, sobre seus principais atores e principalmente sobre James Cameron.
André da Silva Azevedo
R. da Safra, 586,
CEP 05868-040 (São Paulo – SP)

Vendo e troco mais de cinco mil itens (nacionais e importados) sobre os maiores nomes do cinema e da televisão, incluindo reportagens, pôsteres e fitas de vídeo.
Collectors Club
R. Basílio Zecchin, 68 , CEP 12900-000
(Bragança Paulista – SP)

Se você é fã do Leonardo DiCaprio, não perca tempo e entre para o nosso fã-clube, The Noodle.
Juliana N. Silva
R. Moisés Lupion, 888,
CEP 84990-000 (Arapoti – PR)

Vendo ou troco coleção de SET, a partir de 1992, por livros, filmografias e biografias de astros e estrelas do cinema.
Giulio Cesare de Castro Pandolfi
R. Adele, 210/22 – bloco 9,
CEP 04757-050 (São Paulo – SP)

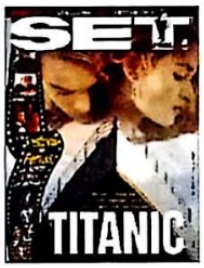
Produzo roteiros para cinema e TV. Os textos são originais, inéditos e de minha autoria. Com tramas, personagens, cenários, diálogos, efeitos especiais e sinopses. Se tiver interesse, escreva-me.
Ery Hampson
R. Mário Marcílio, 33,
CEP 06290-160 (Osasco – SP)

Escreva para a SET, Avenida das Nações Unidas, 7221, CEP 05477-000, São Paulo – SP. Se preferir, envie um fax para o número (011) 30374814 ou via Internet: set.azul.atleitor@email.abril.com.br

ÚLTIMAS edições

Nº 129 MARÇO 98
O Brasil disputa o Oscar com O *Que É Isso, Companheiro?*; Jack Nicholson diz o que pensa; a estréia de *Ou Tudo ou Nada*, *Amistad*, *Wag the Dog* e *Boogie Nights*; um passeio por NY; em vídeo, *Contato*.

Nº 128 FEVEREIRO 98
Quentin Tarantino e as 62 pessoas que fazem Hollywood ser mais legal; a estréia de *Jackie Brown* e de *Tropas Estelares*; a estrela-revelação Matt Damon em *Gênio Indomável*; em vídeo, *A Outra Face*.



Nº 127 JANEIRO 98
James Cameron e a incrível saga de *Titanic*; Pierce Brosnan em 007 – *O Amanhã Nunca Morre*; Stallone vira ator em *Cop Land*; o estranho mundo de Alfred Hitchcock; em vídeo, *Homens de Preto*.

Nº 126 DEZEMBRO 97
Os leitores elegem os melhores e os piores do cinema; Brad Pitt estrela Sete Anos no *Tibet*; Richard Gere caça Bruce Willis em O *Chacal*; a arte de Al Pacino e de Alfred Hitchcock; em vídeo, *O Mundo Perdido*.

Nº 125 NOVEMBRO 97
Marilyn Monroe é um mito imortal; 100 fatos sobre Hollywood; Demi Moore em *Até o Limite da Honra*; George Clooney é O *Pacificador*; Michael Douglas em O Jogo; Johnny Depp: em vídeo, *Con Air*.

Nº 124 OUTUBRO 97
Titanic e os outros grandes filmes que vêm aí; Mel Gibson em *Teoria da Conspiração*; *L.A. Confidential*; os bastidores de *Caindo e Volcano*; Robert Altman; James Stewart; em vídeo, *Breakdown*.

COMPLETANDO A COLEÇÃO: se você estiver interessado em qualquer uma das seis edições exibidas nesta página, entre em contato direto com a nossa distribuidora, a Dinap. Os pedidos de números atrasados podem ser feitos por carta (Caixa Postal 2505, Osasco, SP), fax (011/8 68-3018) ou pelo telefone (011/810-4800), ao preço de R$ 7,41 por exemplar (R$ 5,70 do preço normal de capa, mais 30% para despesas de postagem, caso você deseje receber a encomenda em casa, pelos Correios). O pagamento pode ser feito com cartão de crédito (Visa, Credicard ou Diners) ou cheque nominal à Dinap – Distribuidora Nacional de Publicações. Embora a distribuidora só mantenha em estoque as seis últimas edições de SET, eventuais consultas sobre a disponibilidade de números ainda mais antigos podem ser feitas pelo próprio telefone 011/810-4800.

Fundador
Victor Civita
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

EDITORA AZUL

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SET

REDAÇÃO

Diretor de Redação: Jorge de Souza

Editora-Chefe: Isabela Boscov
Editora de Arte: Marcia Mayumi Chicaoka
Editora Assistente de Arte: Denise Gerbasi
Editores: Christian Petermann, Roberto Sadovski
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Correspondente (Los Angeles): José Emilio Rondeau
Assistente de Redação: Soraia Gama Francisco
Colaboram nesta edição:
Texto: Alfredo Sternheim, Dulce Damasceno de Brito, Fátima Gigliotti, Marcos Smirkoff, Miguel Barbieri Jr., Sérgio Rizzo, Suzana Uchôa Itiberê, Vitor Paolozzi
Revisão: Vera Rodrigues

STAFF EDITORIAL

Direção de Jornalismo: Cynthia de Almeida
Direção de Arte: Rodolfo Tucci

Secretaria Editorial: Regina Giannetti
Azul Press: Christina Mucci
Sistemas Editoriais: Walter Toscano

COMERCIAL

Diretor: Sérgio Fernandes
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pallis
Gerente de Produto de Assinaturas: Luciene Lauriano
Assistente de Produto: Luciane Nogueira

COMUNICAÇÃO

Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni

PUBLICIDADE

Diretora: Ana Serra
Supervisora: Malú Marot
Contatos Comerciais: Andréa Madrid, Marlene Araújo, Julia Farina, Marcia Braga
Supervisão: Igor Ismael Assan
Coordenação: Carla M. Zucas, Claudio J. da Silva
Gerente MKT Publicitário: Cintia Mourão

SET edição 130, abril de 1998, é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. ISSN 0104-1592. **Assinatura:** Você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem ônus, tendo mediante sua solicitação direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido pelo índice oficial aplicável. Com a assinatura, seu nome passa a constar da lista de clientes da Editora Abril, que poderá cedê-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção. Caso não queira constar desta lista, escreva para Editora Abril - Assinaturas, Rua do Curtume 769, Lapa, CEP 05066-900, São Paulo, SP. **Serviço ao assinante:** (011) 823-9222. **Números atrasados:** (As seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque). Peça ao seu jornaleiro, à distribuidora Dinap de sua cidade ou pela Caixa Postal 2505, Osasco - SP; fax (011)868-3018; telefone (011) 810-4800, das 8 às 19 horas. Pagamento pelos cartões Visa, Credicard e Diners, ou cheque nominal, ao preço da última edição em banca mais despesas postais. **dinap.na@email.abril.com.br.**

ANER

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A

IVC

EDITORA AZUL / ENDEREÇOS

São Paulo: Av. Nações Unidas, 7.221, CEP 05477-000, Tel., (011) 3037-2000, Caixa Postal 66254, CEP 05477-000, Fax: (011) 30374814.
Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503 - Castelo - Rio de Janeiro - CEP 20030-021, Tel.: (021) 532-0313. Caixa Postal 4816, Fax: (021) 532-1486 / 532-1583.

PRÓXIMAS atrações

o que você vai ver na SET de maio

SET ENTREVISTA

★ Matt Damon, Paul Newman e Woody Allen estão entre alguns dos grandes nomes do cinema que a SET entrevista numa edição muito especial

EDITORA AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

INTERESSE GERAL

Terra
VIAGEM, NATUREZA E ECOLOGIA

Revista Saúde! É VITAL
PREVENÇÃO E SAÚDE

Viagem e Turismo
ROTEIROS TURÍSTICOS

ENTRETENIMENTO

contigo!
SEMANAL DE TV E NOVELAS

SHOWBIZZ
ROCK, POP E COMPORTAMENTO

SET
CINEMA E VÍDEO

Ação GAMES
VIDEOGAMES E JOGOS PARA COMPUTADOR

FEMININAS

AnaMaria
A PARCEIRA DO DIA-A-DIA DA MULHER

carícia
COMPORTAMENTO ADOLESCENTE

BOA FORMA
BELEZA, FITNESS E SAÚDE

HORÓSCOPO
A REVISTA DOS ASTROS

ESPORTIVAS

FLUIR
SURF É FLUIR

NOSSOS REPRESENTANTES

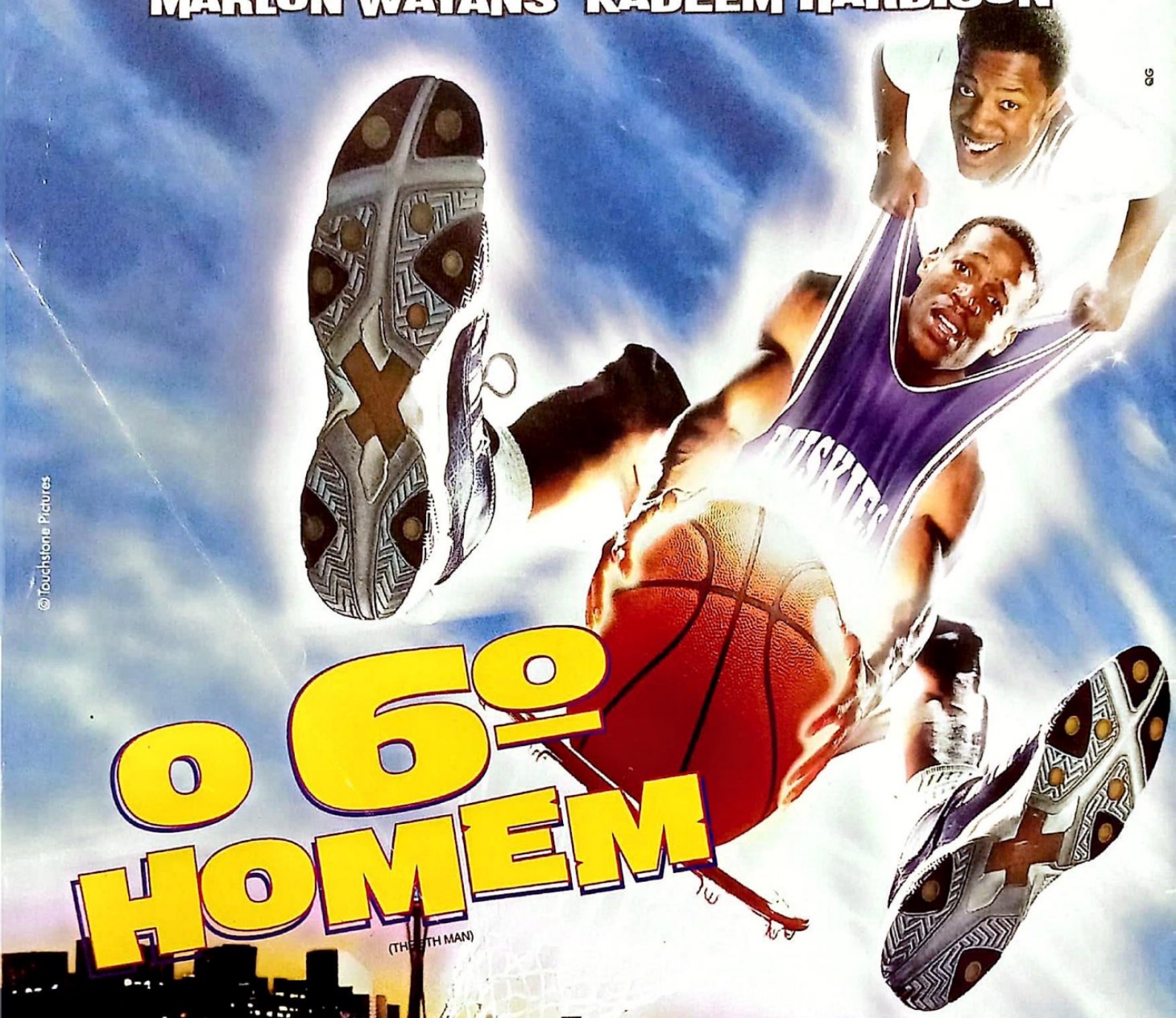
Rio de Janeiro: Segmento Editora S/C Ltda. - Av Marechal Câmara, 160 - 9º andar - sala 929 - Rio de Janeiro, RJ, CEP 20020-080 - Tel.: (021) 220-3762
Bahia: AGMN Consultora de Publicidade e Representações Ltda. - Av. Tancredo Neves, 805 - Ed. Espaço Empresarial, s/401 - Pituba, Salvador - BA - CEP 41820-021 - Tel/fax.. (071) 341-4996/4992/1765
Brasília: Espaço Com. Int. e Repres. Ltda. - SCS Ed Bacarat - conj 1701/6 - Brasília - DF - CEP 70309-900 - Tel.: (061) 223-21347/321 - 0305 - Fax: (061) 323-5395
Campinas: Lumina Comunicação Ltda. - Rua Conceição, 233 - 26º andar - Sala 2604 - Campinas - SP - CEP 13010-050 Tel.: (019) 233-7175 - Fax. (019) 232-7975
Ceará: AG Holanda Comunicação - Rua Edgar Borges, 18 - Sala 103 - Fortaleza - CE - CEP 60050-000 - Tel. (085) 254-1666/6045 - Fax: (085) 231-4761
Minas Gerais: M.A.M Publicidade e Repres. Comerciais - Av. Contorno, 8000 - Ed. Wall Street - sala 1101 - Belo Horizonte - MG - CEP 30110-907 - Tel (031) 335-8789 / 292-5657
Paraná: M.L.C Repres. Comerciais - Av. Cândido de Abreu, 526 - cj 604 - Bloco B - Curitiba - PR - CEP 80530-905 - Tel.: (041) 253-4048 - Fax: (041) 252-2844
Recife: MultiRevistas Publicidade - Av. Dantas Barreto, 1186 - 15º andar - sala 1501 - Ed. San Rafael - Bairro São José - Recife - PE - CEP 50020-000 - Tel: (081) 424-3210
Ribeirão Preto: Intermídia Repres. de Publicidade S/C Ltda. - Rua João Penteado, 164 - Ribeirão Preto - SP - CEP 14025-010 - Tel. (016) 635-9630 - Fax: (016) 635-9233
Rio Grande do Sul: Print Sul - AL. Coelho Neto, 40 - 3º andar - Bairro Boa Vista - Porto Alegre - RS - CEP 91340-340 - Tel./Fax (051) 328-1344
Santa Catarina: By Speranza - Rua Dr. Alfredo Daura Jorge, 131 - Cond. Village II - Bairro Lagoa da Conceição - Florianopolis - SC - CEP 88062-210 - Tel./Fax (048) 232-0519

Bodas de Rubi

Este ano, Paul Newman e Joanne Woodward – um dos mais respeitados e queridos casais de Hollywood – estão comemorando quarenta anos de união, uma data invejável quando se considera a transitoriedade das relações no meio artístico. Eles se conheceram em 1953, quando Newman ainda estava casado com sua primeira mulher, a atriz Jackie Witte, de quem se separou em 1957. Nesta foto, vê-se uma imagem serena do casal no terceiro filme em que contracenaram, sugestivamente intitulado *Paixões Desenfreadas* (de 1960). Ambos são também ativistas políticos assumidos, dedicando-se à caridade e a diversas causas de ordem social, como uma fundação, a Scott Newman Foundation, de combate às drogas – parcialmente financiada pelos lucros obtidos com a linha de produtos alimentícios criada pelo ator na década de 80. Como se vê, eles formam um casal privilegiado, que prova que a união é a melhor receita para a felicidade.

DUBLADO E LEGENDADO
KEANU REEVES NA AVENTURA ROMÂNTICA DO ANO!
Sem Limite
(The Last Time I Committed Suicide)
KEANU REEVES THOMAS JANE
ADRIEN BRODY CLAIRE FORLANI MARG HELGENBERGER
Uma história de amor com consequências!
playtime
(011) 290-0200
Rua Dr. Benedito Sergio, nº 1 - Cep: 02011-010 - São Paulo - SP

MARLON WAYANS KADEEM HARDISON



O 6º HOMEM

(THE SIXTH MAN)

PARA VIRAR UM ÍDOLO ELE CONTOU COM UMA MÃOZINHA DO ALÉM.

Nessa hilariante comédia, Marlon Wayans é Kenny Tyler, um jovem jogador de basquete que tenta substituir seu irmão, um astro das quadras, morto prematuramente. Só que para isso ele vai contar com uma ajuda muito especial - Antoine, o falecido irmão, que volta do outro mundo para dar um empurrão na carreira de Kenny. Alugue O SEXTO HOMEM e assista de camarote os jogos mais alucinados e engraçados que você já viu.

JÁ NA SUA LOCADORA

TOUCHSTONE HOME VIDEO

abril vídeo

©Touchstone Pictures